A BANDEIRA DE FERNÃO DIAS

ROMANCE HISTORICO DE

PAULO SETUBAL

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
RUA GUSMÕES, 26 1928 SÃO PAULO

OBRAS DO AUTOR

A Marqueza de Santos, romance . . . . 38 milheiros
O Principe de Nassau, romance . . . . 25 „
A Bandeira de Fernão Dias, romance . . . . . 20 „
As Maluquices do Imperador, contos historicos. 24 „
Nos Bastidores da Historia, contos historicos. . 15 „
Alma Cabocla, versos . . . . 10 „

THEATRO

Um Sarau no Paço de S. Christovam (para o centenario da morte da Imperatriz Leopoldina)

ENSAIOS

O 7 de Setembro (lido aos alumnos da Escola Normal de Pirassununga)

A Fé na formação da Nacionalidade (ao paranymphar uma turma de bachareis do Gymnasio do Carmo)

A Bandeira de Fernão Dias

Romance Historico

A BANDEIRA DE FERNÃO DIAS

ROMANCE HISTORICO

DE

PAULO SETUBAL

1 9 2 8

Companhia Editora Nacional
São Paulo. Rua dos Gusmões, 26. 1928

A'

MEMORIA INAPAGAVEL,
SEMPRE ESTREMECIDA,
DE

DR.
OLAVO EGYDIO DE
SOUZA ARANHA,

MEU SOGRO
E
MEU MELHOR AMIGO.

AS bandeiras paulistas, visionadas em conjuncto, avultam, no Brasil, como phenomeno historico indiscutivelmente capital. Ellas são o desbravamento. Ellas são a conquista do territorio. Ellas são, como formidavel consequencia, a posse actual de mais de dois terços de chãos brasileiros.

Mas não é só. Ainda ha mais.

As bandeiras, pelo seu fim e pelas suas realizações, marcam alto as antigas qualidades raciaes do paulista : rudeza de caracter, tenacidade que assombra, arrojo, ambição de riqueza, espirito de aventura.

Tudo isso, accentuemol-o bem, vistas as bandeiras em conjuncto. Destacadas, não offerecem ellas ao romancista materia que seduza. Não têm lances emocionaes que empolguem. São todas a repetição monotona umas das outras. Não se differenciam : as mesmas canseiras, o mesmo romper mattos, a mesma dureza no supportar as privações, a mesma aspera lucta contra feras e bugres. Nada de episodios caracterizados, picturaes.

Convem ainda assignalar : nas bandeiras, dentro daquella vidasinha obscura, que poderia lá haver de marcante? Quasi nada. Mesmo assim, esse *quasi nada* não chegou até nós. Os bandeirantes, gente bronca, não escreviam jamais. Não ha por ahi diarios, nem memorias, que contem ao vivo as meudezas daquelle peregrinar rustico dentro do Brasil alvorescente.

Dahi, carecer o romancista imaginar tudo. Dahi, ter a Fantasia que voar em soccorro da Historia.

A bandeira de Fernão Dias, comtudo, foge um pouco á regra. E' a unica de que os velhos chronistas deixaram, aqui e alli, vagos traços de interesse para uma fabulação.

Fixei-me nella, como num simbolo, para dar ao grande publico, atravez do enredo, uma noção facil do que foram as bandeiras. Para

attingir o meu fim, tive que inventar. Essa invenção resalta clara do livro.

A parte historica, porém, conservei-a rigorosa, integral. Empenhei-me em não deturpar a verdade. Trasladei os factos para aqui como eu os encontrei nas fontes fidedignas. Essas fontes, fiz quanto pude para não as estar citando. Seria um nunca findar de escrever os nomes de Pedro Taques e do nosso eminentissimo Affonso Taunay.

Assim, com essa orientação, tentei eu, em torno da famosa bandeira das esmeraldas, não só evocar o S. Paulo barbaro do seculo XVII, pintar o fascinante da terra virgem, popularisar costumes ainda não popularisados da indiada, como tambem, e principalmente, desentulhar do olvido aquelle Brasil fabuloso, ingenuamente pittoresco, que vive soterrado nas chronicas do tempo.

Consegui?

Digam os criticos. Digam aquelles que querem ver, na trama deste livro, o espirito de brasilidade que elle contém.

Paulo Setubal.

A Terra das Maravilhas

— Sabeis, padre Estevam, que são já sessenta e quatro dias que andamos por agua?

E' noite. Ventos asperos. A nau SANTA CRUZ fura com desempeno a espuma corcovante. Lindo barco ! Tem as rés galhardamente acastelladas. Traz no costado patachos e barineis. Reboja no traquete a bujarrona, panejando. Na pôpa, sob o toldo de carbasso, andam alegrias ruidosas. Grande festa a bordo : a nau, naquella tarde, cortara a linha. As guitarras, por isso, enchem-n'a de toadas amollecentes. Os viageiros bailam. Rola a vinhaça. Boiam

A nau Santa Cruz fura a espuma corcovante . . .

no ar cheiros fortes de comezainas. Homens, mettidos em roupões de estamenha, fingem de tritões barbaçudos. Os tritões baptisam, sob um estrépito de gargalhadas, os mareantes de primeira viagem.

Padre Estevam não se mettera com os foliões. Num canto, encostado á amurada, o jesuita crava olhos sonhadores na terra ao longe. Lá está, muito confuso na noite branca, o paiz entontecedor das pedras e dos ouros. São recórtes vagos de chão. Brenhas. Praias diluidas. Massas encarvoadas de morros indecisos. Ahi, verde e fascinante, o mysterio. Ah, o mysterio virgem da terra nova! Que haverá para lá, escondido, dentro do matto bruto? Padre Estevam tem os olhos a arder no costão selvagem. A imaginação ferve-lhe. Rodam-lhe na cabeça as coisas estupendas que ouvira do Brasil. E' alli, no sertão, que vivem maravilhas desnorteantes. Lagôas entupidas de areias de ouro! E furnas negras abarrotadas de pratas! E socavões fuzilantes de esmeraldas! E drogas, e venenos, e marfins, e PEDRAS-BEZOAR que matam todos os cancros!

— Sabeis, padre Estevam, que são já sessenta e quatro dias que andamos por agua?

O padre virou-se brusco. Ao dar com Ruy Vilhena :

— Oh ! Sois vós?

E logo, rindo-se :

— E' verdade, Ruy Vilhena ; sessenta e quatro dias ! E ainda ha que caminhar...

— Vós, quasi nada : ides saltar breve. Mas eu? Eu que vou a S. Paulo...

— Tendes jornada a fazer, Ruy Vilhena ! Mas socegae. A travessia é sem estorvos. Não ha por ahi ventos contra, nem aguas brabas. Haveis de arribar a salvo...

— Assim penso eu, padre. A nau é rija. Trezentos e quarenta toneis ! E bello mastreame, e boas latinas, e cordoalha trançada nas Flandres. Depois, que cavername ! Tudo atacado de pregaria de ferro. A nau é de folego, sim senhor ; ha de chegar, querendo Deus, muito a salvo em S. Vicente.

— Em S. Vicente, Ruy Vilhena, ides vos metter devéras entre os paulistas ?

— Nem ha duvida ! Levo assente esse proposito. Quero embrenhar-me no meio de tal gente. Quero ver de perto esses caçadores de bugres, gente dura, de que falaes tanto ! De que falaes tanto e com tantas iras...

—E' loucura, Ruy Vilhena ! Já vos disse mil vezes : é loucura ! Haveis de vos arrepender.

O jesuita arregalou os olhos, com pavor :

—Aquillo é o povo mais crú destas paragens ! Raça de carniceiros . . .

—Eis ahi o que me tenta, padre. Eis ahi o ponto ! Anda-me aqui dentro um desejo velho de saber que diabo de carniceiros é que são esses. Declaro-vos mais : em S. Paulo, mal chegue, vou engajar-me na bandeira de Fernão Dias !

—Vós ?

—Eu ! Fernão Dias parte, neste momento, á cata das esmeraldas. Soube da noticia lá no Reino. E pensei logo : é agora ! Vou afundar-me com o paulista pelo sertão. Hei de ver, com estes olhos, o que ha dentro daquelles mattos.

Apontou a terra preta, toda sombras, que lá, ao longe, borrava o luar :

—E' alli, padre, a terra das maravilhas ! E' alli o paiz das coisas fabulosas !

O jesuita concordou sem hesitar :

—O paiz das coisas fabulosas, dizeis bem. Nem sei de outro com tantas monstruosidades.

Meneou fundamente a cabeça. E com espanto :

— E' a terra, ora vêde isto ! — a terra da ARVORE DO SABÃO !

— Nem só da ARVORE DO SABÃO, padre ! Mas tambem da ARVORE DO VIDRO ! Não sabeis?

— Já ouvi falar da maravilha. A ARVORE DO VIDRO ! Quem imaginaria tal ? E' espantoso, Ruy Vilhena. Espantoso! Mas não é só. Ainda ha mais. Que dizeis, meu amigo, dos lagartões de duas caudas que Vespucio viu na ilha dos monos ?

Os dois homens, dentro da noite, a fantasia esporeada, puzeram-se a repassar com febre as singularidades estuporadoras da terra dos papagaios. Ferrotoavam-lhes a imaginativa aquelles mil prodigios embasbacantes que os nautas contavam do paiz fabuloso. Acreditavam elles, candidamente, que andavam por estas brenhas, na ILHA GRANDE, os bichos mais excentricos. Acreditavam elles que andavam por estas aguas, aguas trahiçoeiras do MAR TENEBROSO, os monstros mais absurdos. E ambos, contemplando no horizonte os morros confusos, patria de mysterios, bradavam coisas de assombrar :

— Os lagartões de duas caudas, padre Estevam, não é coisa tamanha. Ha, isto sim, os lagartões que trazem almiscar na barriga. Almiscar, padre! Haverá raridade maior? Os bicharocos rescendem tanto, tão suave, que toda a gente, quando elles passam, vae logo ficando tonta do cheiro...

— Sei disso, Ruy Vilhena! E sei tambem de outros portentos de pasmar uma pessoa. Já ouvistes fallar das baleias que moram por aqui? São animaes immensos. Abrem no mar, ao navegarem, sulcos mais fundos do que esta nau. Pensae um pouco! Um dia, em S. Vicente, arpoaram baleia dessa casta. Abriram-n'a. Sabeis, Ruy Vilhena, que é que toparam dentro? Isto, amigo, este achado incrivel: as tripas do monstro cheias de ambar!

— De ambar?

— E do melhor! E do mais fino!

Ruy Vilhena cria sem vacillar. O aventureiro já havia corrido mundo. Tinha visto extravagancias não sonhadas. Retornava:

— Estas aguas, padre, têm bichos de arripiar! Eu já nem falo dessas baleias com ambar na tripa. Mas as HIPUPIARAS?

— Quê?

Hipupiaras, sim senhor! São monstros horrendos...

— Hipupiaras, sim senhor. Isto, lá na lingua do bugre, significa: DEMONIO DA AGUA. São monstros horrendos! Metade homem, metade peixe. Regulam ahi quinze palmos de comprido. Têm a cabeça de gente. Têm barbatanas nos calcanhares. Cabellos pretos pelo corpo. Saltam fóra da agua, mettem-se pelos mattos, vão á cata de indios para lhes comerem os olhos e os narizes. E só comem olhos e narizes; vede um pouco!

Padre Estevam abria a bocca. Que coisa contra a natureza! E mirava com admiração a Ruy Vilhena. Era um navegante curioso aquelle aventureiro. Contara na viagem, com enlevo dos tripulantes, prodigios de muita extranha jornada.

O padre commentava:

— Tendes visto, por certo, aleijões de todo o geito, Ruy Vilhena. Haveis corrido tanta terra!

— De todo o geito, padre Estevam. Tenho visto bichos que botam mêdo no coração. E as gentes então? Basta dizer, meu padre, que eu já vi os MUTUYÙS. Já ouvistes fallar delles? São bugres roxos, muito desconformes, que têm os pés para tráz...

— Que raça!

— Sim, meu senhor : têm os pés para tráz ! Gente brutissima. São esses, ao que dizem, os que trazem no pescoço enfeites e bugigangas de ouro...

Padre Estevam, com vivacidade, ouvindo a palavra "ouro" :

— Bugres que trazem enfeites de ouro ! Olhae isso ! Ah, meu amigo, o Brasil, para mim, não é unicamente a terra dos monos e dos papagaios. Longe disso ! Isto, Ruy Vilhena, é, antes do mais, a terra do ouro...

E com ardencia nos olhos :

— Vós bem sabeis, Ruy Vilhena, que a LAGÔA DOURADA ...

— Eis ahi, atalhou esbrazeadamente Ruy : eis ahi ! Quem não ouviu fallar na Lagôa Dourada? Lá, padre Estevam, tudo são riquezas. As aguas têm areias grossas de metaes. Todos os caminhos calçados de prata. Os indios cobrem-se de pedras. Maravilhas, padre ! Ah, o Brasil é a terra do ouro. Eu hei de ver, nem ha duvida, eu hei de ver ainda a Lagôa Dourada !

O jesuita, com um sorrisozinho :

— E' por isso — agora o vejo ! — que ides vos engajar na bandeira de Fernão Dias...

Nisto, atravessando a nau, passou rente dos dois conversadores um homem de barbas negras.

Typo soturno. Feições asperas. Ao ouvir o nome de Fernão Dias o homem estacou. Virou-se para Ruy Vilhena :

— Ides vos engajar na bandeira de Fernão Dias?

Não ha o que conte a surpresa dos dois navegantes. Ambos pasmaram-se da pergunta. E com razão ! Aquelle estranho homem, com as suas barbas negras, fôra o mysterio da travessia. Nunca falára a ninguem. Nunca rira. Vivera toda a viagem num canto, sozinho. Trazia sempre um livro sob os olhos. A's vezes, escrevia. De noite, apartado dos outros, cravava no céu os seus oculos-de-canna. Consultava o astrolabio. Lia as taboas de Behaim. Quem era? Um exquisitão. Sabia-se apenas que ia a S. Paulo com cartas para Fernão Dias. Mais nada. Fôra talvez por isso, nem havia outra razão, que o typo estacára diante de Vilhena :

— Ides vos engajar na bandeira de Fernão Dias?

Ruy Vilhena abriu a bocca. Ficara aturdido. Respondeu, secco :

— Vou, meu senhor.

O homem não teve um gesto. Murmurou apenas :

— Ah !

Afastou-se um pouco. Sentou-se no tamborete, ao lado. Padre Estevam e Ruy Vilhena proseguiram na parolice. O jesuita :

— Ir a S. Paulo ! Não vos gabo o gosto. Isso é loucura, amigo ! Já vos disse mil vezes, e repito : isso é loucura ! E' a loucura mais rematada da vossa vida !

— Viveis a dizer isso, padre. Eu sempre tomei a coisa por graça. Falaes sério?

— Se falo sério? Que pergunta ! Mas falo muitissimo sério ! Aquillo não é terra ; aquillo, como dizem por cá, aquillo é tóca de onças !

— Tóca de onças?

— Sim, amigo ; a gente mais bruta dos brasis ! Uns barbaros ! Ora, escutae.

— Muito bem, padre ; contae-me a historia dos paulistas. Quero saber porque é que vós vos encarniçaes tanto contra elles.

— Pois ouvi !

Na pôpa, sob o toldo de carbasso, ferve ainda a noitada foliona. As guitarras enlanguescem o ar de toadas amollecentes. Padre Estevam, emquanto os mareantes bailam, pinta a Ruy Vilhena a casta de barbaros que são LOS PORTOGUESSES DE SAN PABLO.

A Toca das Onças

Nada mais natural do que as iras de Padre Estevam. O padre era jesuita. Entre jesuitas e paulistas, por esse tempo, desencadeara-se o odio mais fragoroso de que ha memoria no Brasil alvorescente. A lucta estrugira em torno dum ponto só : os bugres.

Os de S. Paulo, gente fragueira, enfiavam-se rijos pelos mattos. Soffriam tudo. E soffriam tudo com a alma leve, bravamente. Canceiras? Nunca existiu tal para esses homens rudissimos. Distancias? Era coisa de somenos. Féras? Pa-

ludes? Riam-se dellas. Para que tão aspero esforço? Para um fim unico : caçar indios.

Ora, exactamente contra isso, foi que se encapellaram os jesuitas. Esses homens aqui desembarcaram com enthusiasmos galhardos. Ferrotoava-os a limpida ambição de semear na alma bronzeada dos botucudos a palavra lyrica de Jesus. Por isso, ardentes e visionarios, afoitavam-se elles duramente pelo sertão. Aprendiam a lingua dos brasis. Aldeiavam-n'os. Instruiam-n'os. Christianisavam-n'os. Um dia, depois de tão suada evangelisação, lá vinham os de S. Paulo – zás ! – despenhavam-se como brutos, incendiavam, arcabuzavam tudo, "preavam as peças", arrastavam-n'as em algemas para S. Vicente. Os jesuitas, diante disso, assestavam contra os paulistas accusações tremendas. Moviam céus e terra. Mandavam emissarios aos ministros. Mandavam emissarios ao rei. Chegaram a mandar emissarios até o papa ! Mas nada continha o desenfreio daquelles barbaros. Só havia um meio, um só, de acabar com aquillo : era arrazar S. Paulo !

— DELENDA S. PAULO ! DELENDA S. PAULO !

O provincial daqui, com lagrimas, escrevia ao superior, no Paraguay :

— "Meu padre ! Tenha dó destes pobres indios ! Vá falar ao rei, vá falar ao senhor conde de Olivares, vá fallar aos ministros, veja se põe um paradeiro a isto !

"Tenho como certo meu padre : EMQUANTO NÃO SE ARRAZAR ESTA VILLA DE S. PAULO, NÃO SE HA DE PÔR TERMO A ESTAS TYRANNIAS E CRUELDADES.

O superior, no Paraguay, amontoava as queixas. Enfurecido, com cores vivissimas, despachava tudo para a Hespanha. Lá iam berros chammejantes contra os paulistas :

— DEMONIOS INGERTOS EN LA CARNE HUMANA ! NI LOS MOROS, NI LOS JUDIOS, NI LOS HEREJES SE PORTAN CON TAN INSOLENCIA . . .

A fama de S. Paulo derramara-se por longe : era cidade ALEVANTADA. Elles proprios, os paulistas, proclamavam isso. Paschoal Moreira, em 1618, dizia na Camara :

— ... "esta terra tem fama de ALEVANTADA. E por qual rezão? Por os homes irem para o sertam . . . "

Padre Estevam, gago de ira, rememorava todas aquellas ferocidades. Espumejava :

— São monstros ! Vivem para lá da serra, num buraco. E' jornada dura o attingir

Padre Estevam rememorava aquellas ferocidades...

a toca dos bichos. Lá nesses ermos é que mora a nação dos barbaros. Uns monstros!

— Exagerais, padre. Não é tanto assim...

— Monstros, sim senhor! Excommungados! Nem imaginaes as brutezas que praticam. Indios, para elles, não são gente: são animaes do matto. Animaes que qualquer póde caçar, como quem caça onça. Andam tão seguros disso, amigo, que foi preciso vir uma bulla do papa – notae! – declarando que os bugres são homens como nós!

— Foi preciso tanto?

— Uma bulla, sim senhor! Pois assim mesmo, apesar de Roma, lá vivem os carniceiros a caçar o gentio. Não obedecem a ninguem; é o povo mais feroz do mundo!

O padre, fervendo, poz-se então a arrolar as impavidas arrogancias do burgo rebelde. E fuzilava:

— Já lá estiveram desembargadores, homens da lei, a ver se botavam freio ás "caçadas" desses selvagens. Traziam todos ordens apertadas. Tudo em vão! Jorge Corrêa, por exemplo, tocou-se para S. Paulo com o animo duro. Ia fazer coisas! Pois sabeis o que succedeu? Armaram-lhe os paulistas taes, e tantas, que teve o homenzinho de sahir ás pressas, corrido. . .

Mas não é só, meu amigo : ao desembargador Jacome, que era enviado do rei, crivaram-n'o de insultos e mofa. Tiveram a audacia, os atrevidos, de escorraçal-o com pesadas desfeitas ! Ao doutor Antão de Mesquita. . .

— Isso tudo, padre, essas insolencias, só porque os desembargadores não tinham mosquetes que os escorassem. Mandasse el-rei para lá um soldado de brio, com gente bastante, e verieis onde ia parar a soberba dos paulistas. . .

— Enganado estaes, amigo ! Já se cuidou disso. Seguiu para lá um capitão de infantaria. Partiu o guerreiro com poderes assustadores. Levava boa récua de alabardeiros. Chegou á villa, alojou-se, roncou as suas muitas valentias. Ia destripar tudo ! Mas os paulistas motejaram delle. . . Certo dia, ao acordar, topou o capitão duas flechas cravadas na sua casa : havia, numa dellas, um pedaço de papel, com isto :

> "E' bom não trêler nessa historia de bugres ; sinão, haveis de ter estas duas flechas, não na vossa janella, mas na vossa barriga."

O capitão viu bem o melindre do caso. Sondou os animos. Estava no sertão. Que fazer ? O homem achou de boa tactica acceitar o conse-

lho : tornou para o Reino com todos os seus bordados !

— Que desaforo, padre !

— E' como vedes. Não ha gente mais rebellada por estes sertões. Chegaram a ponto – dae tento a isto ! – de expulsar os jesuitas de S. Paulo !

E padre Estevam, tremendo :

— Expulsar os jesuitas ! Olhae um pouco !

— Que? Pois tiveram essa coragem?

— E' como vos digo, meu senhor! Botaram fóra os padres como quem bóta cães. Expulsaram-nos ! Vêde que hereticos !

— E' de pasmar, padre ! São homens que não temem Deus.

— Não temem Deus, não temem o Rei, não temem coisa alguma. Monstros ! Imaginae que ainda agora, lá na terra delles, andam os satanazes engalfinhados uns contra os outros. E' assassinio sobre assassinio.

— Por causa dos padres?

— Longe disso ! Então lá se importam elles com padres? E' por causa de certa briga entre familias. Um caso dos diabos ! São os Pires assanhados contra os Camargos. Corre por lá mar de sangue. . .

— Pires e Camargos?

— Sim ! Duas familias que se odeiam. Por isso – Deus seja louvado ! – estão elles a se comer como botucudos.

Ruy Vilhena sorriu daquellas zangas. E caçoou :

— Antes assim, padre ! Emquanto brigam, e se comem, não vão elles aos mattos "prear" os vossos caros bugres.

— Tendes razão. Não vão prear os bugres. Mas nem sei se ainda ha gentios que prear. Pudera ! Eu, por mim, penso que os paulistas desceram para mais de trezentas mil peças. . .

— Estaes mofando, padre !

— Dahi prá riba ! Desceram tanto bugre, tanto bugre, que o negocio ficou ruim. Não dá mais lucro. Eis porque, neste momento, os paulistas deixaram os indios de banda. Lá se vão elles á cata de ouro. Fernão Dias organisou a sua bandeira. Organisou-a com essa raça de matadores. Céus, que cruezas não irão praticar os brutos ahi pelos mattos ! Não sei, amigo, depois disso tudo, como tendes ainda a coragem de vos metter nessa bandeira. . .

— E' por isso mesmo que eu vou metter-me nella, padre ! As coisas que dissestes

aguçaram ainda mais a minha curiosidade. Não ha duvida : quero ver de perto essa gente. Eis um povo unico nestas Americas !

— Haveis de vos arrepender, amigo ; eu vos garanto ! Haveis de vos arrepender ; e muito. . .

Nisto, erguendo-se, o homem de barbas negras, o exquisitão, approximou-se dos dois conversadores. Ambos, mais uma vez, olharam-n'o surprezos. E o homem, muito pausado :

— Perdão, meu padre. Mas eu vejo que consideraes os paulistas de um lado só. Enxergaes apenas a questão dos indios. E isso é pouco. Vós não consideraes, pelo que eu ouvi, a obra de desbravamento que estão realisando esses homens.

— Desbravamento? Que dizeis ahi, meu senhor?

— Sim, padre ; nem ha discussão ! Obra de desbravamento ; obra de conquista. E' só olhar ! São elles, os de S. Paulo, os que se mettem por esse sertão a dentro. São os que rompem os mattos. São os que vadeiam os rios. São os que escorraçam os castelhanos. Nós, os portuguezes, somos os que descobrimos o paiz ; mas elles, padre, elles, os paulistas, são os que

conquistam a terra. São elles os que fazem o Brasil ! Isso é o que não vedes, padre ; e é isso o que carecieis de ver. . .

O jesuita sorriu. E com o sorriso crivado de púas :

— Vós, meu senhor, o que carecieis de ver era a bruteza delles. As barbaridades ! A escravisação do gentio ! E' inutil negar, senhor : os paulistas são uns monstros. . .

O homem de barbas negras tornou com gravidade :

— Monstros? Não, senhor jesuita. Não ! Os paulistas não são monstros ; são como nós. A ambição, vós bem o sabeis, é o que empurra esses homens para o sertão. Caçar bugres, eis o chuço que os espicaça. Mas elles o fazem com sangue, dizeis vós. Que importa? Não haveis de pedir aos sertanistas, gente grosseira, que vão prear indios com torrão de assucar ! O certo, porem, é isto : conscientes ou inconscientes, são os paulistas que desbravam a terra. São elles que constroem o Brasil. Vêde que paiz fabuloso, padre, creou, na America, a coragem desses brutos !

O jesuita ouviu com raiva. Os seus olhos lampejaram, violentos. Ia responder. Mas um

marujosinho veiu cortar o fio daquellas parolices :

— Padre Estevam ! O capitão anda á cata de vós ; vinde até a torre da pôpa.

O padre reprimiu a colera. Aproveitou o ensejo para escapulir. Disse apenas, com seccura :

— Até já !

Curvou-se, virou as costas, partiu com o marujosinho.

A noite continuava clara. O céo alto ; a lua muito branca. Ao longe, negrejando, a terra das maravilhas. Corcovas de morros, adormidas e confusas, empastavam de negro os fundos do horizonte. Sobre aquellas lombas, adivinhada apenas, a mattaria ouriçada, a mattaria dura do Brasil mysterioso. . .

O homem de barbas reatou a trama da conversa :

— E' a primeira vez que vós vos metteis numa empreza destas?

O viajante continuou a extranhar a repetida curiosidade. Respondeu com embaraço :

— Não, meu senhor ; não é a primeira vez. Já tenho estado em muita aventura ! Estive até no Orenoco. Trabalhei ahi nas minas.

— No Orenoco?

— E em outras terras. Em muitas outras terras ! Digo-vos mais : já tenho vinte annos de America.

— ?

— Vinte annos, sim senhor ! Imaginae que eu era menino, rapazinho tenro, quando embarquei numa caravella pela primeira vez. Metti-me na empreza de descobrir o REINO DE MANOA.

O homem estremeceu. Aquellas palavras chocaram-n'o. Franziu asperamente o sobr'olho. E com interesse :

— Como?

— Digo que estive na empreza de descobrir O REINO DE MANOA Eu era, como vos disse, rapazóte ainda. Já se lá vão vinte annos ! Nesse tempo, – bem o sabeis – não se falava noutra coisa sinão no REINO DE MANOA. Todo o mundo sonhava com esse paiz dos oiros e das pratas. Eu tambem, como os outros, tive a tentação das riquezas ; arrojei-me na aventura. Ah, meu senhor, quasi morri. . .

— Ha vinte annos ?

— Ha vinte annos, exactamente. Foi na expedição de Lopo Urias Payo.

O homem de barbas inteiriçou o busto. Empallideceu. Numa subita agitação :

— Na expedição de Lopo Urias? Vós?

— Eu. Eu que aqui estou. Mas não vejo motivo para tamanha surpreza !

O homem, com angustia :

— Daquella expedição, meu senhor, só escapou o menino da gavea. Todos os tripulantes morreram. Será possivel que vós. . .

— Tendes razão ! E' isso mesmo. Todos os tripulantes morreram. Só escapou o menino da gavea. E esse menino, sou eu !

Não ha o que pinte a estupefacção do viageiro. Todo elle era assombro. Exclamou, sem vacillar :

— Nesse caso, meu amigo, eu estou falando com Ruy Vilhena !

Ruy Vilhena, desta vez, foi quem abriu a bocca ! Podia imaginar tudo – tudo ! – menos que aquelle exquisito homem, tão arredio e tão fechado, soubesse acaso o seu nome.

— Sim, meu senhor ! Estaes fallando com Ruy Vilhena. Como é que sabeis assim o meu nome?

— Oh, meu amigo, isso é uma novella ! Uma novella longa, bradou o homem de barbas. An-

do vos procurando ha muitissimos annos. Fui a Lisboa. Escrevi. Indaguei. Busquei-vos por toda a parte : nada de topar comvosco ! Eis que o destino, hoje, nesta noite, por um capricho de espantar, me põe frente a frente de vós. . .

— E' extraordinario o que me contaes, senhor ! Andaveis me buscando por toda a parte? Como? Não vos comprehendo. . .

— Haveis de comprehender logo, amigo. Haveis de comprehender tudo. Vinde dahi commigo ; vamos á minha camara. Lá, a sós os dois, contae-me a expedição de Lopo Urias. Eu vos revelarei, ao depois, o homem que sou eu. Sois a primeira pessoa que o vae saber.

Ruy Vilhena ouviu. Não podia raciocinar. Aquellas coisas aparvalharam-n'o. Mas logo, espicaçando-o, fervente curiosidade brotou dentro delle. Metteu-se, anciado, na camara do homem casmurro. Ahi, na noite erma, emquanto a nau furava aguas branquejantes, soube o aventureiro coisas fabulosas.

O Reino de Manoa

O homem de barbas começou :

— Assentae-vos ahi nesse escabello, Ruy Vilhena. Narrae-me a expedição de Lopo Urias. Quero ouvir, de vossa bocca, os successos dessa viagem.

— Viagem das mais tristes, meu senhor. Que desastre ! Mas dizei-me antes : porque é que vós vos interessaes tanto por ella?

— Deixae de banda o meu interesse, Ruy Vilhena. Sabereis logo a razão. Agora, o que vos peço, é que me relateis, por meudo, tudo o que aconteceu naquella rota.

— Nada mais facil, meu senhor.

Sacudiu a cabeça, doloroso :

— Eu tenho ainda na memoria, gravado a fogo, esse lance crú da minha vida. Soffri tanto ! Escutae. . .

Ruy Vilhena reconcentrou-se. Reconcentrou-se por um instante. Depois, singelamente :

— Vós bem sabeis que em Portugal, durante annos, andou fama de que havia por estes Brasis um reino estupendo. Terra de riquezas e de maravilhas. . .

— O REINO DE MANOA !

— Isso, meu senhor. O REINO DE MANOA ! Era esse o paiz que enchia todas as cabeças. Era ahi que os oiros e as pratas rolavam pelo chão. Diziam-se DE MANOA coisas de enlouquecer. O reino ficava lá pelas bandas do Perú, rente dessas terras, tão faladas, donde os castelhanos arrancam barcaças de metal fino.

— E' isso mesmo. Recordo-me bem. Contavam-se historias desse reino !

— Eram essas historias, meu senhor, que ferviam na alma dos mareantes. Mais de um capitão se fez á vela para tentar Manôa. Foi quando se aprestou em Portugal, como sabeis,

aquella expedição séria, custeada com muito oiro, que teve tanto echo...

— A expedição de Lopo Urias Payo!

— A expedição de Lopo Urias. Falou-se tanto della! Toda a gente queria engajar-se na empreza. Eu fui um delles. Rapazinho novo, beirava ahi pelos meus quinze annos, não tinha nada a perder: arrojei-me ás tontas na aventura. Entrei para a maruja como o menino da gavea. Nós eramos muitos, os tripulantes. Enchemos a nau. A expedição – estava assente – devia descer pelo Amazonas abaixo.

— Pelo MAR DOCE abaixo, quereis dizer...

— Tendes razão. O Amazonas, nesse tempo, era o MAR DOCE. E Lopo Urias imaginára descer o MAR DOCE. Preparou tudo. Vós nem sonhaes o que foi a partida! Uma festa. Estavamos no Tejo, era o dia de Santo Antonio. A maruja toda a postos. Já o mestre lançara o segundo toque da trompa. Iamos desaferrar. Foi nesse momento, senhor, que succedeu um incidente inesperado. O primeiro incidente da viagem...

O homem de barbas escutava com ancia. Não perdia palavra. Tudo nelle era fremito.

— Um incidente extravagante, meu senhor. Naquella viagem, como vereis, aconteceu muita

cousa extranha. Vêde esse : na hora de largar, faltando apenas o gesto do capitão, eis que entra pela nau a dentro. . . Sabeis quem? Reparae nisto: uma mulher !

O homem de barbas levantou-se, fremente. E Ruy Vilhena :

— Uma mulher ! Uma rapariga do Porto. Rapariga loura. Tinha vinte e poucos annos. Chamava-se Angela.

— Angela?

— Sim, meu senhor ! E' um nome de que não me hei de esquecer jamais : Angela !

O viajante franziu o sobr'olho. O coração estrugia-lhe forte.

— Vamos, Ruy Vilhena, contae-me tudo. Sem esquecer detalhe. Quem era essa moça?

Ruy Vilhena continuou :

— Essa moça tinha a sua historia. A historia é esta :

Silencio. Na camara, tremulamente, bruxoleia o candieiro de azeite. Lá fóra, na pôpa, sob o toldo de carbasso, ainda estrugem as danças. Ondas, brancas de espuma, batem rumorejantes a nau. O aventureiro continuou :

— Angela vivia em Lisboa. Não tinha pae nem mãe. Estava a rapariga ajustada para casar

— Angela ?

— Sim, meu senhor! E' um nome de que não me hei de esquecer jamais...

com um mocetão do Algarve. Era rapaz que estudava letras em Coimbra. Mas dizem que o rapaz só tinha letras ; de seu, nenhum real !

— Dahi?

— O rapaz quiz tentar fortuna. A America seduziu-o. Por isso, inesperadamente, abandonou o reino, abandonou os livros, abandonou a noiva, abandonou tudo : metteu-se numa caravella e botou-se para o Brasil. E do Brasil, nem mais palavra ! Nunca mais deu noticias suas !

— E Angela?

— Angela soffreu longos mezes. O silencio do noivo matava-a. Não pôde supportar, vencida, aquelle abandono. Que faz então? Angela soube da expedição de Lopo Urias. Toma esta resolução de louca : a rapariga, no dia da partida, escapa de casa. Vae até a praia. Salta numa vela. Toca rumo da nau. Lopo Urias estava para largar. Eis que a vela atraca. O capitão espanta-se. Que é aquillo ? E recolhe a moça, intrigado. Conversa com ella longamente. Angela conta a sua historia. Conta a sua ancia por vir á America á busca do noivo. Lopo Urias commove-se. Mais do que isso : acha encanto naquelle arrojo. Maravilha-se

de rapariga assim tão decidida. Recebe-a logo no barco. E, com espanto de toda a gente, carrega-a para o Brasil. Ahi está, meu senhor, como Angela tomou parte na expedição de Lopo Urias.

O homem de barbas ouvia emocionado. Funda pungencia ensombrava-lhe o rosto. Não sabia o que dizer. Quedou-se soturno por instantes. Afinal :

— Dizei-me aqui, Ruy Vilhena : não soubestes, por acaso, quem era o noivo, esse rapaz que estudava letras em Coimbra? Esse que se fez para o Brasil?

— Soube ! Soube de tudo, meu senhor. Angela, durante as desgraças da viagem, tornou-se a minha companheira. Ficamos intimos.

— Ella vos contou então. . .

— Ella contou-me a historia inteira. Esse rapaz, meu senhor, era moço da provincia. Era filho duns morgados do Algarve. Uns certos Teves de Alarcão. . .

O viajeiro cravou em Ruy Vilhena olhos lampejantes. Estava a arfar. As temporas latejavam-lhe, inchadas. E com soffreguidão :

— Já sei, Ruy Vilhena ! Sei muito bem : esse moço, não ha duvida, era Rodrigo Teves de Alarcão.

Ruy Vilhena pasmou-se. Arregalou os olhos :

— Sim, Rodrigo Teves de Alarcão ! Mas como é que sabeis, meu senhor? Como?

O homem de barbas negras botou a mão nos hombros de Ruy Vilhena. Encarou-o firme nos olhos. Alli, dentro da nau, sob a luz mortiça do candieiro, o mysterioso personagem lançou esta coisa enorme :

— E' que eu, Ruy Vilhena, eu, que aqui estou, - escutae-o bem : eu sou Rodrigo Teves de Alarcão !

Ruy Vilhena recuou, assombrado. Não ha o que diga a sua surpreza.

— Vós? Rodrigo de Alarcão?

— Eu, meu amigo ; eu mesmo ! O nosso encontro, hoje, dentro desta nau, é na verdade espantoso. Que quereis? Foi uma cilada do destino. Cilada que eu abençôo ! Vamos, amigo : acabae o caso de Angela. Depois, eu vos contarei a minha vida.

Ruy Vilhena tinha a cabeça rodando. Começou a dar passadas pela camara. Chegou-se ao olho-de-boi. Respirou. Respirou forte a frescura do mar. Socegou um pouco a emoção que o revirava. Tornou emfim para D. Rodrigo :

— Eu podia sonhar tudo, meu amigo, tudo! Mas não podia sonhar nunca o encontrar-me hoje comvosco. Esta noite, D. Rodrigo, é noite inapagavel na minha vida. Sabei-o, por vossa vez, que eu tambem andei vos buscando por toda a parte.

— ?!

— Por toda a parte. Embalde! Ninguem me deu noticias vossas. E' a primeira vez, depois de vinte annos, que ouço o nome de Rodrigo Teves de Alarcão. E eu anciava tanto por vos contar a historia de Angela! Escutae-a, pois, amigo. Escutae-a até o fim.

Ruy Vilhena sopitou os nervos, que fremiam. Serenou-se. Reatou emfim o fio da conversa. Poz-se a evocar tudo:

— A travessia foi dura. Muita manga-dágua, ventos contra, um inferno! Afinal chegamos. Eu não vos direi, D. Rodrigo, o desespero de Angela por saber noticias vossas. Isso é reabrir velha ferida.

— Ferida velha, sim; mas ferida que nunca se fechou, Ruy Vilhena!

— Digo-vos apenas que aportamos. E aqui, no Brasil, nada de indicios vossos. Ninguem ouvira o vosso nome. Que fazer? Lopo Urias

enfiou a nau pelo Amazonas abaixo. Começou então o nosso martyrio. Terrivel paiz ! Bichos, arvores, ilhas fluctuantes, bugres. A nau descia o grande rio. Lá ia, de taba em taba, a indagar dos indios onde era a terra dos oiros. Os indios apontavam com o dedo :

— E' lá, muito além, no fim do rio.

A nau continuava descendo. Ah, meu amigo, os padecimentos dessa jornada ! Não vale relembrar. Só vos digo isto : não havia manhã, D. Rodrigo, que não se atirasse um corpo aos peixes. Morria gente a toda hora. Um horror ! Emfim, certo dia, abicamos na barranca do rio. A nau carecia de reparos. Saltamos em terra. Era noite, accendemos a fogueira. De repente, dentro do matto, rompem uivos. Algazarra amedrontadora ! Nós nos erguemos assustados. Que ha? Foi um brado só :

— Os bugres ! os bugres !

Eram os bugres. Vinham elles ferozes, o tacape na mão. Enchiam a escuridão de rugidos. Não houve tempo de reflectir: bruta saraivada de flechas zune no ar. E logo outra ! E outra ! Nós eramos quantos ? Oito ou dez. Agarramos nos mosquetes. Disparamos meia du-

zia de pelouros. Em vão! Os bugres, numa ondada, cahem ululando sobre o acampamento. ..

— E' horrivel, amigo!

— O que foi a scena, D. Rodrigo, não se diz. Tumulto, indios e mareantes, lucta corpo a corpo, tacapadas, sangue aos jorros. Eu, na tonteira, o trabuco em punho, enfiei-me pelo matto. Era menino, levezinho e agil. Ninguem poz reparo em mim. Escapei. Longe, fóra da lucta. Olhei para traz. Sabeis o que vi? Angela arrastada por um bugre. Ah, D. Rodrigo, eu não me contive: dalli, de traz duma arvore, mirei o selvagem; e, com o meu ultimo pelouro, bati fogo no trabuco! O bugre rolou por terra. Vi-o cahir morto. . .

— E Angela?

— Foi logo agarrada por outro selvagem. O miseravel arrastou-a pelos cabellos. Eu toquei me então pelo matto. Toquei-me numa furia, espavorido. . .

Rodrigo Teves de Alarcão escutara, agoniado. Aquelle desfecho lanhara-lhe o coração. O viajante casmurro tinha os olhos molhados. Crivava Ruy Vilhena de perguntas:

— Mas que é feito della, Ruy Vilhena? Mataram-n'a?

— Como saber, D. Rodrigo? Eu a vi cahir prisioneira. Deixei-a entre os indios. Não tive, desde então, noticias do seu destino. Mataram-n'a?

Ruy Vilhena fitou o viajante. Meneou desconsoladamente a cabeça. E com acerba convicção :

— Ah, meu amigo, confessemos esta coisa dura : mataram-n'a ! Angela morreu. Não ha duvida. Já se lá vão vinte annos. Vinte annos, D. Rodrigo ! E ella nunca mais tornou. . .

D. Rodrigo de Alarcão levantou-se. A dor, que o tempo adormecera dentro delle, acordou bruscamente. Acordou encapellada, brutal, como o vagalhão que o vento erriça. Poz-se a andar, nervoso. Não dizia palavra.
Cahiu na camara longo silencio. Longo e acabrunhante. Afinal, estacando, o homem de barbas exclamou, compungido :

— Eis a vida ! Nunca imaginei que ella urdisse trama assim. O romance dessa paixão é simples, meu amigo. Simples, mas feroz. Vede um pouco :

Ruy Vilhena cravou olhos avidos no companheiro. D. Rodrigo contou isto :

— Meu pae era mercante em grosso. Tinha dois galeões, bem tripulados, que velejavam para as Indias. Certa vez, por desgraça, um dos galeões espatifou-se nas rochas do Cabo. Meu pae quasi enlouqueceu ! Mas não foi tudo. A má sorte desabara sobre a nossa casa. Não haviam passado tres semanas, eis que estoira em Lisboa esta noticia : o outro galeão, carregado de pimenta, fôra miseravelmente saqueado por piratas de Argel. Aquillo foi um raio no pobre velho. Meu pae não supportou a pobreza: o coração arrebentou-lhe no peito. . .

— E vós?

— Eu fiquei sosinho. Casar-me? Impossivel ! Que fazer então? Ah, meu amigo, não tive animo de ficar no reino. Quiz, a todo custo, ir-me embora da patria. Fixar-me numa terra extranha. Numa terra onde ninguem me conhecesse. Escrevi a Angela que partia para o Brasil. Ia tentar fortuna. Mas era mentira. Um embuste apenas ; embuste para que ninguem soubesse do meu paradeiro certo. . .

— E' incrivel, D. Rodrigo !

— Mas é verdade, Ruy Vilhena. Eu estudava sciencias em Coimbra. Tinha paixão por letras. Seria absurdo o ir-me para o Brasil, que

é terra selvagem. Embarquei em segredo para as Flandres. . .

— ?

— Sim ! Um capitão de veleiro, amigo de meu pae, acceitou-me na sua nau. Levou-me para as Flandres. As Flandres são a terra dos sabios. Metti-me lá a estudar. Fiz o que pude ! Segui as mathematicas de Snellius. Aprendi coisas de nautica. Ouvi Jansen explicar os seus vidros. Estudei muito, Ruy Vilhena ; sem descanço ! Emfim, depois de duros apertos, consegui uma cathedra na Universidade de Groninga. Fiquei professor. Foi então, com esse triumpho, que voltei ao reino buscar a noiva. . .

Parou um instante. Respirou forte. E com emoção na voz :

— No Reino, amigo, soube eu da tragedia. Não vos digo o que padeci. Nem ha côr que o traduza ! Digo-vos apenas, Ruy Vilhena, que desde então – fazem vinte annos ! – eu me tornei este homem que vedes : exquisitão, sempre mettido nos cantos, sem nunca dizer palavra a ninguem. Um morto ! Aquelle remate assassinou-me. Nunca mais soube o que foi rir. . .

Calou-se. Tinha um nó na garganta. Começou a passear novamente, alanceado. Foi Ruy Vilhena quem rompeu o silencio :

— Que é que vos traz neste momento á America?

— Estudos, Ruy Vilhena ; sempre estudos ! Eu venho á procura duma terra desapparecida. Mas isso são coisas de que entendeis pouco. Mais tarde eu vol-as explicarei. Hoje, nesta noite, falemos apenas de Angela. Só de Angela !

— Tendes razão, D. Rodrigo ; falemos de Angela. Pois foi para vos falar della, – mais do que isso ! – foi para vos trazer a ultima palavra della, que eu andei por todo o Reino atraz de vós.

— Para me trazerdes a ultima palavra della?

— Sim, D. Rodrigo.

— Não vos comprehendo. . .

— Eu vos explico. No Amazonas, por entre aquellas mortes, a rapariga chamou-me um dia :

— Ruy Vilhena, isto é o fim. Os homens estão a morrer. Eu não sei qual será a minha sorte. Mas estou que não torno mais ao Reino.

Se morrer, meu amigo, eu quero que vós, caso vençaes a jornada, procureis a D. Rodrigo e entregueis a elle...

D. Rodrigo estacou. Fixou o aventureiro nos olhos. E Ruy Vilhena:

— Uma carta!

— Carta?

— Exactamente, D. Rodrigo; uma carta! Eu fiz, em Portugal, o quanto pude para vol-a entregar. Em vão!

D. Rodrigo sacudiu rijo os hombros do aventureiro:

— Essa carta, Ruy Vilhena? Onde está essa carta?

— Está commigo. Esperae aqui; eu a trarei já.

Ruy Vilhena sahiu. Destramelou os seus bahus encoirados. Esquadrinhou-os. Retirou, lá do fundo, uns papeis cuidadosamente amarrados. Trouxe-os com ancia para D. Rodrigo.

— Eis aqui as letras. Lêde! Eu vou deixar-vos só. Desafogae a vossa emoção, D. Rodrigo. Desafogae á vontade. Deve ser a maior emoção da vossa vida...

Sahiu. D. Rodrigo agarrou na carta. Rasgou o enveloppe. Dentro, em duas linhas, achou apenas isto :

RODRIGO

O meu amor matou-me. Pouco importa ! Daqui, destes mattos, mando-te a minha ultima palavra : perdôo-te !

ANGELA

Rodrigo Teves de Alarcão leu. Leu e cahiu sobre o escabello. Aquella palavra rasgou-lhe a alma. E alli, dentro da camara, sob o candieiro de azeite, o homem hirsuto, o homem de barbas negras, aquelle viajante casmurro e secco, botou-se a soluçar como um menino, chorando aos borbotões. . .

O Bastardo

E' na raiz da serra. Scenario selvagem. Mattaria densa. Perdido nesses ermos, unica nota viva, nota chocante, um casarão barreado e chato. Ao lado, o engenho de moer. A casa da purga. Ranchos de pau-a-pique. Tudo primitivo ; tudo Brasil nascente. Alli, na morada selvatica, á bocca do matto, mora um sertanista de fama larga. Toda gente o conhece : é D. Pero Castanho.

Ah, D. Pero ! E' homem hirsuto, velho preador de bugres. Reinól asselvajado nas brutezas da America. Vive lá, naquelle de-

serto, feudalmente, despotico e absoluto como um barão medieval.

Fóra, no pateo, sujo magote de indios. São indios fugidos que tornam presos. Estão acocorados. Trazem ferros nos pés. Têm o ar cançado, miseravel. Ha, no bando, certa india guayaná. E' a unica que vem desacorrentada. A guayaná, expremendo os seios, dá de mamar ao filho. Mas os seios não têm leite. E o indiosinho berra com desespero.

Ao pé dos indios, junto a um moirão, dois cachorros na tréla. Os animaes, atarracados e grossos, ganem com extranha ferocidade. Nisto, a esse ganir de cães, surge á porta um moço. O rapaz é aspero. Nada sympathico. O cenho franzido, os olhos duros. Calça botas altas. Tem nas mãos larga chibata de couro crú. E com brutalidade :

— Que é isso? Que diabo têm esses cachorros, Bocca-Negra ?

Bocca-Negra é o bugre de confiança daquelle moço. E' o guarda dos outros, os prisioneiros. Bocca-Negra responde que aquillo é fome ; que os cachorros, desde a vespera, só comeram a cotia. E insiste :

— E' fome !

— Nesse caso, Bocca-Negra, vá até o matto. Mas não afunde muito. Veja se mata alguma caça alli pela beira do corrego.

O indio ia abalar. Eis que o rapaz, apontando a creança que gritava :

— Que é isto? E' preciso calar a bocca desse bugrinho. Não ha quem ature o berreiro.

Bocca-Negra encarou na india. Lá, na lingua delles, disse por certo palavras carrancudas. A bugra amimou o filho com anciedade. O pequeno socegou. O rapaz, com a chibata, muito arrogante, tornou para dentro de casa.

A tarde cahira. Um crepusculo macio vestira os morros de violeta. Por lombas e socavões, cerrado e virgem, o matto verdejava, profundo. Que paulama ! Eram angicos. Perobeiras galhudas. Guarantans. Figueiras bravas. Cangeranas. Aqui e alli, no entrançado das copas, punham os ipês alacridades estonteantes. Havia canelleiras berrando pela bocca tropical das flores. Batia o vento, ás vezes ; e vinha da serra um ar molle de cheiros selvagens.

D. Pero Castanho, lá dentro, tinha diante de si o garrafão de agua-ardente. Bebia sem cessar. Bebia e conversava. Havia, com elle, dois viageiros chegados nessa tarde.

Singular aquelle sertanista ! Solitario no sertão, despatriado, o europeu tornara-se um amoral. Embrutecera. Não tinha lei. Não tinha peias. Vivia, desbragadamente, a vida solta de primitivo. Tinha, sultão rustico, um desbriado harem de indias, suas mulheres. Com ellas, grosseiramente, enchia de filhos aquelles mattos. Um repugnante !

No entanto, — curiosa fatalidade ! – elle, o libertino, numa inconsciente missão historica, era quem transmigrava o sangue civilisado da Europa no sangue botucudo da America. Era elle quem realisava, elle, o padreador, essa estupenda fusão de dois continentes. Era elle quem formava, sem o pensar, devassamente, a raça nova do Brasil novo.

Naquella tarde, engulindo canecos de boa pinga, D. Pero hospedava os dois chegadiços. Que chegadiços? Não é difficil advinhar : D. Rodrigo de Alarcão e Ruy Vilhena. Haviam ambos mareado até S. Vicente. Ahi desembarcaram. Metteram-se depois a subir, por entre picos e perambeiras, aquella costa azeda que levava a S. Paulo. Toparam a casa de D. Pero Castanho. Apeiaram-se ahi para o pouso.

Logo no pateo, deram com o bando de indios. Capitaneava o bando, com bruteza, o rapaz de botas. O rapaz viera de S. Paulo atráz daquelles bugres. Eram bugres fugidos. Surprehendera-os. Aprisionara-os. E agora, morro abaixo, tangia-os com cruezas. Tudo aos gritos ; tudo ás chibatadas ! O moço era sem entranhas. Moço duro. Verdadeiro paulista do seculo dezesete.

Quem era elle? Um que tinha o nome illustre. O nome dum bandeirante epico. O nome do bandeirante mais fallado na provincia : era José Dias; era o filho bastardo de Fernão Dias Paes Leme.

Na sala, mal o rapaz entrou, Ruy Vilhena interpelou :

— Com que então este é filho de Fernão Dias ?

— Sim, senhor ! Sou filho de Fernão Dias. Porque é que vosmecê pergunta?

— E' que o amigo, nesse caso, vae se metter na bandeira que entra agora pelo sertão. . .

— Nem ha duvida ! Vou com o pae á cata das esmeraldas. Em S. Paulo, vosmecê ha de ver, não houve homem que ficasse de fóra. . .

— E' verdade, atalhou D. Pero, atirando á guela um trago. Que febre ! Eu penso que vão entrar pelo matto, entre sertanistas e arcos, prá riba de quinhentas pessoas !

— Já é povo, redarguiu Ruy Vilhena ; é povão. Nós, por nossa vez, vamos tambem engrossar a onda.

— Vosmecês vêm tentar o sertão? Pois hão de ver muita coisa por essa terra. Mas hão de ver, tambem, o que são trabalhos, senhores ! Ha muito que padecer no matto Querem saber ?

Zé Dias ergueu-se. Ia desenrolar, deante dos forasteiros, as durezas duma jornada atravez da cipoama. Mas D. Pero Castanho atalhou-o com um gesto :

— Está escuro, Zé Dias ! Vamos tratar de accender os candieiros. Isto sim ! Accender os candieiros e ceiar. Na comida, se você quizer, contará proezas do sertão. . .

Bateu palmas. Surgiu um negro.

— Jacob ! Espevite os pavios e traga o tição. Bóte luz por ahi que já é noite.

Virou mais um caneco de pinga. D. Pero tinha os olhos esbrazeados. O alcool incendiava-o.

— A perna de carneiro, Jacob?

— Está assada, D. Pero!

— Pois que venha! Faça servir a ceia pelas indias. Quero que a coisa saia como eu ordenei.

Virou mais um caneco.

O escravo accendeu os candieiros. Naquelles ermos, dentro do sertão, a sala da fazenda avermelhou-se extranhamente. Os homens abancaram-se á mesa. E a conversa ferveu. Vieram logo á baila historias de indios. Grandes "caçadas". Destruição de aldeiamentos. A bulla do papa.

— Ora, o papa, exclamou Zé Dias, com furia ; o papa ! O papa vive por lá. Nunca viu estes barbaros. Não sabe o que são estes bichos. E mette-se agora, por um papel, a declarar que bugre é gente. Ora vejam isso !

Eis que, na porta do fundo, surge, fumegante, a perna do carneiro. Vem num immenso prato de estanho. Duas indias carregam-n'o. D. Rodrigo e Ruy Vilhena entre-olham-se, pasmados. Não que os surprehendesse a perna do carneiro. Não. Mas as indias, sim ! Estas, realmente, os surprehenderam : é que vinham ambas nuas ! Descaradamente nuas. D. Pero Castanho, familiar á scena, recebe-as com um brado :

— Bravos ! A vianda cheira ! Dae-me o facão para eu trinchar a bella perna.

Logo, pela mesma porta, surge nova india, nua. Traz o molho de cebolas. E outra, nua, com o pratarraz de pimentões. E outra, nua, com o garrafão de agua-ardente. Quadro biblico ! As servas, com naturalidade, rodam em torno aos hospedes. Despejam pingas. Passam nacos de vianda. Correm. Os dois viajantes olham aquillo. Estam ambos contrafeitos. Vexados. Zé Dias poz-se a proclamar, diante dos hospedes, as façanhas do celebre Raposo Tavares. E gesticula :

— Imaginem que Raposo, na ultima viagem, gastou mais de trinta annos pelo matto. Trinta annos, senhores !

Vira mais um caneco de agua-ardente. D. Pero Castanho vira o delle. Lá fóra, na noite preta, os cachorros continuam a ganir. E a ceia rola, quente. Surgem comezainas sem cessar. As pingas evaporam-se. As indias trançam nuas pela sala. A conversa ferve e referve. Vêm á tona os mexericos da terra. Bandeiras e bandeirantes. A briga dos Pires e Camargos. A lucta com os jesuitas. Zé Dias tem odio aos padres. E fuzila :

— Os jesuitas ! Vosmecês hão de ver que raça de excommungados é essa ! Nós já escorraçamos a peste de S. Paulo. . .

Faz um gesto largo :

— Pois não ! Botamos a padralhada fóra !

Estavam no fim da ceia. D. Pero interrompeu aquelle enthusiasmo :

— Deixe os jesuitas, Zé Dias ! Tratemos de acabar esta comida com alegria. Quero que os meus hospedes vejam, nestes sertões, o que é uma noite bem gosada.

Emborca mais um caneco. E torna-se para as indias :

— Dança ! Vamos á dança ! Tragam o maracá. . .

As indias, por certo, viviam ha muito acostumadas áquellas extravagancias. Não demonstraram surpreza alguma. Ao contrario ! Uma dellas, a mais velha, correu festivamente á busca do maracá. As outras formaram-se rapidas num meio-circulo.

Nisto, lá fóra, echoa de novo o ganido dos cães. Zé Dias levanta-se. Agarra na chibata.

— Diabo ! Vou ver o que é aquillo. A cachorrada não para de chorar. . .

Ruy Vilhena ergue-se.

— Eu vou tambem, D. José.

Sahem ambos. No pateo, muito vivo, vermelheja o brasido da fogueira. Em torno delle, acocorados, os indios. A guayaná espreme inutilmente o seio. O bugrinho continúa aos berros. E Zé Dias :

— Que é que você caçou, Bocca-Negra?

O indio responde que "nada ; que o dia estava ruim ; que alli, pela beira do corrego, não appareceu caça nenhuma ; que só afundando amanhã cedo no matto."

O bastardo e o aventureiro approximam-se dos cachorros. Os dois cães não cessam de chorar. Zé Dias desacorrenta-os. Acarinha-os :

— Macaco... Urutú... Que é isso? Que é isso? Vocês estão com fome?

— E' fome, insiste o Bocca-Negra ; é choro de fome !

— Mas isso não pode ser ! torna Zé Dias, aspero.

Olha em derredor. Os indios lá estam acocorados. Só a creança continúa aos berros.

— Isso não pode ser ! E' preciso matar a fome dos cachorros !

Zé Dias caminha direito ao bugrinho que chora. A india aperta o filho com ancia. Mas

o bastardo de Fernão Dias não vacilla : arranca o menino dos braços da mãe. A india finca no barbaro olhos bestificados. Não quer comprehender ! O facinora :

— Macaco ! Urutú !

Os dois cachorros, atarracados e membrudos, accorrem ganindo. Têm o ar sanguinolento E Zé Dias :

— Vamos. . . Péga ! Péga !

Arremessa o bugrinho aos cachorros. Os molossos precipitam-se ferozes : duas dentuças, arreganhadas, cravam-se bruscas na carne fragil. A mãe, attonita, lança um uivo de colera. Pula, chammejando, sobre os dois cachorros. Mas Zé Dias, com a chibata na mão :

— Sae !

E corta a cara da india com uma chibatada.

— Sae !

E mette-lhe, na cabeça, novo golpe, tremendissimo. A desgraçada rola por terra, numa sangueira. . . (1)

---

(1) Dizia em carta o Providencial do Paraguay que os portuguezes de São Paulo "matan los ninos y los viejos que no pueden caminar, dando-les de comer a sus perros".

Ruy Vilhena vê aquillo. Arripia-se. Aquella barbaridade golpeia-o E' brutal! Pensa comsigo:

— Ah, como padre Estevam tinha razão: estes paulistas são raça de monstros...

Zé Dias, porem, sem a menor emoção:

— Vamos embora, Ruy Vilhena! Lá dentro a coisa deve estar alegre.

Ambos, o aventureiro e o bastardo, tornam ao casarão. Dentro, ao entrar, Ruy Vilhena estaca, chocado. Que scena! A' luz trepidante dos candieiros, suando, as indias saracoteiam. Saracoteiam, nuas, as suas danças selvagens. E batem o pé, e bracejam, e torcem-se, e cantam!

E' aquillo, dentro da noite, aspera mistura de batuque e berros. Deboche selvagem, brutesco, a rolar extranhamente no estrépito rouco do maracá.

D. Pero Castanho, bebado, os olhinhos cúpidos, um sorriso torpe no labio, devora aquelle desenfreio, babosamente.

Num canto, succumbido, D. Rodrigo de Alarcão contempla o quadro estupido. O viageiro meneia doridamente a cabeça. E com a vóz cortada, vóz onde havia lagrimas, balbucia, arrazado, para Ruy Vilhena:

— Dizer que foi aqui, numa terra destas, que veiu morrer a minha pobre Angela !

Não pôde mais conter-se : sahiu da sala, precipitado. Tinha necessidade de respirar. (1)

---

(1) Paschoal Barrufo recebeu em sua casa o proprio Anchieta, o Santo, fazendo servir á mesa por indias nuas. "Com isto, affrontando os seus hospedes mais respeitaveis", como nol-o conta um depoimento no processo de canonisação do jesuita, e tambem nol-o refere o nosso grande Taunay.

Fernão Dias

— Tudo prompto, Borba Gato?

— Tudo, Zé Dias ! E' só enfiar a bandeira pelo matto. Já anda ahi povaréo de gente.

— E polvora?

— Oitocentos arrateis da fina. E chumbo ! E azougue ! E muita arcabuzaria do Reino !

Tinha razão o sertanista. Tinha razão aquelle caboclo solido, o ar sympathico, de olhos bravios e pretos, que Zé Dias chamava de Borba Gato. Tinha razão ! O burgosinho de S. Paulo vivia em alvoroço. Ferviam nelle aprestos largos, vertiginosos, para a retumbante entrada

de Fernão Dias. Que lufa-lufa ! Catavam-se, por toda a parte, viveres e "fazendas seccas". Vinham de longe, e já abarrotavam as bruacas, alqueires de passoca, pannos de toucinho, muita farinha grossa, libras de fio torcido, arrobas de fumo de rolo.

Borba Gato, genro do Conquistador das Esmeraldas, andava aquelle dia num enthusiasmo. Contava detalhes. Apregoava alto a abastança das provisões. Zé Dias, chegado de fresco, indagava delle as novidades da terra :

— E o pae, Borba Gato? O pae já voltou?

— Volta hoje, á noite. Diga isso aos hospedes. Sei que estão elles á espera de Fernão Dias. . .

Era exacto. D. Rodrigo de Alarcão e Ruy Vilhena, hospedes do bastardo, aguardavam com ancia o retorno do paulista. O bandeirante corria os arredores a dar as ultimas619 ademãos á entrada.

Nessa noite, como annunciara Borba Gato, Fernão Dias chegou. Foi Bocca-Negra quem veio trazer a nova aos dois forasteiros :

— D. Fernão !

D. Rodrigo ergueu-se. Agarrou nas cartas que trouxera do Reino. Entregou-as ao selvagem :

— Leve isto para Fernão Dias. Traga a resposta aqui.

Bocca-Negra partiu. Partiu com as cartas na mão. O bugre mirava-as e remirava-as com pasmo. Foi sempre, para os gentios da America, maravilha suprema aquelles recados escriptos.

Ruy Vilhena, vendo-o sahir :

— Tenho sabido coisas deste Bocca-Negra. . .

— Desse bruto que ahi vae?

— Desse bruto. Imaginae que o Bocca-Negra é filho de cacique. Dizem que um cacique poderoso. Ha tempos, cahindo numa cilada, foi captivado pelo bastardo. Soube as aventuras delle pela guayaná . . .

— Qual guayaná?

— Aquella india a quem o Zé Dias espedaçou o filho. . .

Ruy Vilhena contou ao professor de Groninga o que ouvira da bugra. A historia do Bocca-Negra era simples. Uma historia de selvagens, como tantas.

Foi no tempo das primeiras entradas. Os brancos invadiram o sertão. Appareceram na tribu do Bocca-Negra. Os indios cahiram sobre elles. Os brancos, durante a lucta, metteram abaixo, com um tiro de bacamarte, o irmão

mais velho de Bocca-Negra. Era um indio de fama. O indio de mais fama da tribu. O cacique, já velho, chamou o Bocca-Negra :

— E' preciso vingar o irmão.

Bocca-Negra ouviu o pae. Pegou no arco. Encheu a aljava de flechas. Respondeu apenas :

— Bocca-Negra vae, pae. Vae para a vingança. Bocca-Negra não volta sem brancos.

E partiu. Andou muitas luas. Cortou muito sertão. Certa noite, sem saber como, o indio viu-se cercado por um lote de arcabuzeiros. Eram homens do Zé Dias. Bocca-Negra quiz resistir. Inutil. Os arcabuzeiros laçaram-n'o. Botaram-n'o a ferros. Depois, a poder de chibata, tangeram-n'o como um bicho para S. Paulo. Em S. Paulo, já manso, vivia o bugre a serviço do bastardo. . .

Commentavam assim os extrangeiros o romancesinho do Bocca-Negra. Eis que o bugre tornou da casa de Fernão Dias :

— D. Fernão espera os hospedes !

D. Rodrigo de Alarcão e Ruy Vilhena ergueram-se. Ergueram-se para a entrevista com o bandeirante unico. Iam – enfim ! – ver de perto o chefe do burgo arrogante. Iam – enfim ! – ver de perto o homem lendario, indomito,

que enchia aquelles sertões, rasgadamente, com a fama épica das suas entradas.

Quem era Fernão Dias? Esse bandeirante tão em fóco? Esse bandeirante tão largamente discutido em Piratininga? Toda a gente o sabia.

Fernão Dias Paes Leme era paulista de raça. Já fôra o pae, aquelle carrancudo Pedro Dias, "um paulista de grande estimação e respeito, que muitas vezes occupara os cargos da Republica." A mãe, D. Maria Leite, fôra tambem senhora relevante de Piratininga. Senhora de sangue limpo, filha de Paschoal Leite, fidalgo dos Açores, que se havia passado "ás minas da Capitania de S. Vicente a serviço da corôa". Os Lemes, alem do mais, entroncavam-se luzidamente naquelle remoto Martim Lems, gentilhomem flamengo, de Bruges, que mettera lanças em Africa ao lado de D. Affonso.

Fernão Dias crescera, alli, no villarejo barbaro, ouvindo relatos de povoadores. Plasmou-se-lhe o caracter naquelles ares sanhudos de façanha. Rodavam-lhe na cabeça, desde a infancia, impetos de aventuras bravias. Sentia dentro de si, menino e moço, desejos aguilhoadores de partir com desassombro atravez da paulama ouriçada do sertão.

Fernão Dias, por isso mesmo, era, acima de tudo, alma de bandeirante. Mettera-se varias vezes pelo sertão. Numa dellas, á frente de assustadora entrada, trouxe elle, da serra Apucarana, bella preza formidavel. Uma das prezas mais formidaveis de que ha lembrança na historia do bandeirismo : cinco mil bugres !

Aquillo era a riqueza. Era mais do que a riqueza: era a fama. Fernão Dias tangeu as cinco mil cabeças para as suas lavouras de S. Paulo. Ahi, poderoso e rico, poz-se a plantar os seus muitos chãos.

Tornou-se na terra um patriarcha biblico. Chefe de autoridade alta. Nem houve, nesses escuros tempos, acontecimento algum em que seu nome não pompeasse. A historia da provincia está cheia delle. E' só ver.

Rompe em S. Paulo, de golpe, a famosa lucta entre jesuitas e bandeirantes. Tão encarniçada cresceu ella, tão violenta, que os preadores de indios não trepidaram em liquidar a briga com este cauterio radical : expulsar os padres da villa. E expulsaram !

Foi o velho Fernão Dias, com a sua palavra de peso, quem chamou á razão os dois inimigos. Apaziguou-os. Fez mais : conciliou-os. Um dia,

dia de festa e sol, sob fragorosos repiques de sinos, o bandeirante, em pessoa, triumphalmente, trouxe de novo ao burgo os continuadores da obra evangelica de Anchieta. Deslindara assim o caso mais melindroso da epocha.

Mas não é tudo. Desencadeara-se em S. Paulo, por esse tempo, procella fervilhante de odios. Duas familias defrontam-se, aterrorisadoras. São os Pires e os Camargos. E' o estrondejar duma lucta tremenda. Lucta medieval, que marcou epocha. As duas clans, poderosas ambas, ferozes ambas como os Montecchi e os Capuletos, encharcaram o burgo de sangue. Houve assassinios. Houve massacres em que lampejaram toledanas. S. Paulo atroou sob o fragor de coleras fuzilantes. Não ha, nos annaes paulistas, pagina tão vermelha.

Fernão Dias tomou o partido dos Pires. Bateu-se abertamente. Mas foi tão recto o seu proceder, tão limpida a sua conducta no esbravejar da refrega, que os dois partidos, nas eleições para governador, botaram ambos o nome de Fernão Dias no pelouro. Assim, surpreso e envaidecido, o povoador se viu, por escolha concordante de Pires e Camargos, o chefe eleito das coisas da republica.

Os factos, pois, diziam com estridencia da relevancia do paulista. Era a figura culminante do sertão. O vulto maior de S. Paulo.

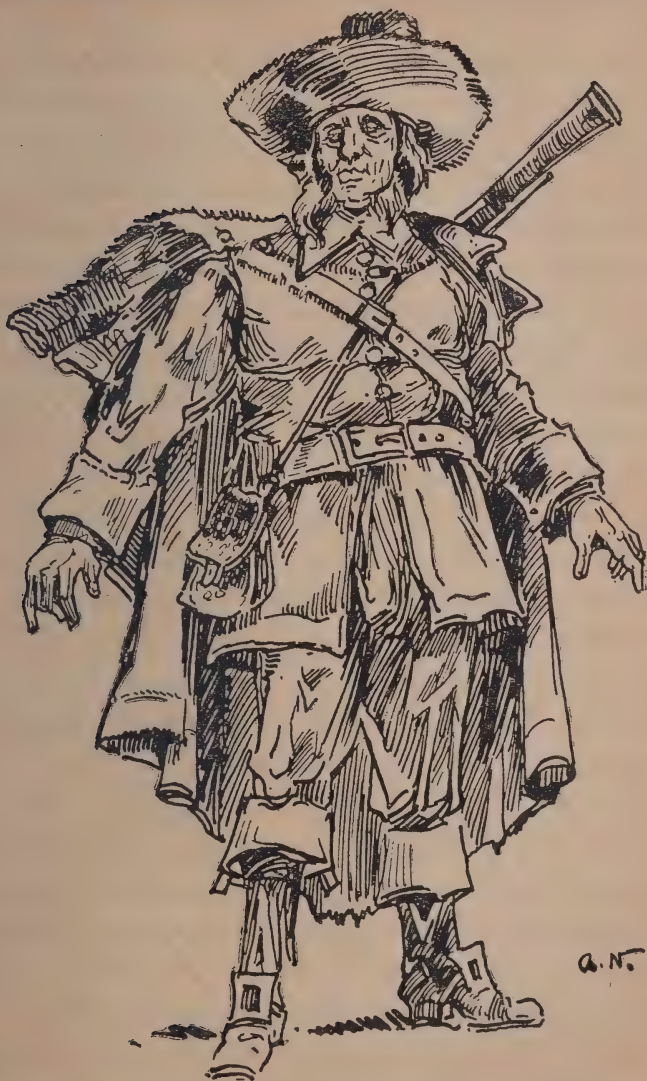
Zé Dias, naquella noite, conduziu os forasteiros á morada do pae. D. Rodrigo e Ruy Vilhena entraram. Sentaram-se. Ambos, em silencio, o coração pálpite, aguardaram alli, na sala de espera, o apparecimento do homem poderoso.

De repente a porta abre-se. Surge na sala um rapaz moreno. Tem o buço preto. Tem os olhos brandos. Tem, sobretudo, o ar suave, ar doce, que contrasta naquelle ambiente de selvatiquezas. Esse moço é Garcia Paes. E' o filho legitimo de Fernão Dias. O bastardo, ao vel-o, interpella-o logo :

— E nosso pae, Garcia Paes? Onde está nosso pae?

— Veja !

Garcia Paes aponta, com o gesto, o personagem que entra. Todos olham, avidos : na porta do fundo, que se escancarara, apparece um ancião. E' o paulista. E' Fernão Dias Paes Leme.

Os europeus levantam-se. Contemplam, frente a frente, o sertanista impressionador. Typo soberbo ! Figura magnifica de homem

Typo soberbo! Figura magnifica de homem bruto...

bruto. Largo de peito, barbas brancas derramadas, olhos pestanudos, unhas longas como garras. O aspecto delle é selvagem. Traz a adaga cravada no cintão de onça. O poncho negro tomba-lhe dos hombros. Calça botas altas de couro cru. Com a sua bella estampa dominadora, o paulista irradia de si uma grandeza simples e barbara. Irradia de si, vencedoramente, uma chocante majestade rustica, que empolga.

Fernão Dias dirige-se aos homens :

— Qual foi de vós o que me trouxe as cartas?

D. Rodrigo adianta-se. Estende a mão ao sertanista. Ambos, com um aperto forte, saudam-se rasgadamente.

— Fui eu quem trouxe as cartas, D. Fernão. O companheiro, que ahi vedes, é Ruy Vilhena. E' amigo que topei na caravella.

O paulista :

— Pois assentae-vos, senhores. Contae-me ao que vindes. As letras do Reino, que trouxestes, são ordens para mim. Dizei o que pretendeis.

Sentaram-se. D. Rodrigo principiou :

— A fama do vosso nome, D. Fernão, transpoz o Brasil. Ella já echoou em Portugal. E

eu venho de lá, meu senhor, com o fim de engajar-me na vossa bandeira: quero varar o sertão. Mas é bom que saibais, e isso desde já, que não vim á cata de esmeraldas. . .

Fernão Dias surprehendeu-se :

— Como ? Não vindes á cata de esmeraldas?

— Não, D. Fernão. Não vim á cata de esmeraldas. Mas não vos espanteis. Eu vou dizer-vos o que me traz á America.

Silencio. Fernão Dias crava os olhos no forasteiro. D. Rodrigo de Alarcão expõe, com simplicidade, isto :

A Terra desapparecida

— Eu sou professor de nautica, D. Fernão. Professor em Groninga, nas Flandres. Tenho vivido minha vida inteira a estudar sciencias. Hoje, exactamente, venho á America por causa de estudos. Estou que vós, D. Fernão, haveis de rir-vos de mim. Rir-vos, sim, duma pessoa que se atira ao Brasil, não á cata de oiro, mas á cata de resolver coisas de letras, que não dão lucro.

Fernão Dias sorriu :

— Sei bem que vós, homens de livros, tendes sempre ideias que os outros não têm. Isso,

por exemplo, de vir á America por causa de letras é caso que espanta. Mas não importa. Contae-nos, D. Rodrigo, o que é que vos trouxe ao sertão.

Na casa rustica, deante dos sertanistas broncos, o sabio discorreu assim :

— Sabei, D. Fernão, que ha seculos, ha muitos seculos já, existiu um paiz que vem referido em muitas chronicas. Esse paiz desappareceu. Desappareceu como? Terremoto? Submersão? Ninguem sabe. Mas o facto é que desappareceu. Esse paiz era a TERRA DOS ATLANTES.

— Como?

— A TERRA DOS ATLANTES. Ou melhor : a ATLANTIDA. Um paiz de gentes vermelhas. Platão é quem falla delle com meudeza.

— ?

— Sim, Platão. Um philosopho, D. Fernão; um grego. Imaginae que Solon, avô de Platão, foi estudar letras no Egypto. Lá, entre os sacerdotes, soube elle de variadissimas coisas da Atlantida : a historia, os reis, os deuses, o geito da terra, tudo! Solon transmittiu ao neto o que ouvira no Egypto. Platão recolheu aquelles relatos. Botou nos seus escriptos. Lá estão elles no "TIMEO" e no "CRITIAS".

Os sertanistas escutavam. Não entendiam muito. Mas o sabio continuou singelamente a sua historia.

— Eu metti-me a deslindar essa meada. Seria verdade o que dissera Platão? A ATLANTIDA existiu? Estudei a questão quanto pude. Li todas as chronicas velhas. Cheguei, afinal, a esta conclusão : sim, a Atlantida existiu ! E existiu na America. E da America, no Brasil. Eis porquê, D. Fernão, vós me vedes aqui neste momento : eu vim á America á procura da Atlantida.

Fernão Dias ouviu, calado. Achou, lá no intimo, que aquillo era extravagancia de sabio. Mas não commentou. Disse apenas, com gravidade :

— Falastes ahi muitas coisas, D. Rodrigo. Coisas de letras, que a gente do sertão não entende. No entanto, pelo que contastes, percebi que viestes buscar uma terra desconhecida. Muito bem. Dizei-me agora : no que posso eu servos util?

— Neste ponto : acceitando-me na bandeira. Quero partir comvosco pelo matto. Emquanto ireis procurando esmeraldas, eu, do meu lado, irei estudando a terra.

Fernão Dias exclamou logo :

— Nada mais facil. Estaes servido, D. Rodrigo ! E' coisa assente desde já : ireis commigo na bandeira.

— Agradeço-vos, Dom Fernão. Grande serviço o que prestaes a mim !

— Não falemos mais no caso. Ireis ver, senhores, o que é o sertão. Para vós, que não o conheceis ainda. . .

D. Rodrigo atalhou:

— Eu, D. Fernão, eu é que ainda não conheço o sertão; mas Ruy Vilhena, que ahi está, esse conhece-o bem.

Fernão Dias fixou o aventureiro. E com surpreza :

— Já estivestes na America, Ruy Vilhena?

— Já, Dom Fernão. Já estive no Brasil.

— Quando?

— Eu vim na expedição de Lopo Urias.

— Ah, fez o bandeirante, recordando-se. Conheço a historia. Falou-se muito della ! Foi pena que tudo acabasse em desastre. Que fazer? Cada bandeira lá tem a sua sorte. Ouvi tambem contar, verdade ou não, que nessa expedição viera uma mulher. . .

— E' verdade. Veiu nella uma mulher.

— Pois é coragem ! Foi a primeira. Não sei de outra que se mettesse por aqui. Emfim, o que lá foi, lá foi. Vamos tratar nós de nossa entrada. Vós, da vossa terra desapparecida ; eu, das minhas esmeraldas. . .

D. Rodrigo exclamou com vivacidade :

— As esmeraldas ! Nem imaginaes, D. Fernão, o enthusiasmo com que se discute em Lisboa, neste momento, as esmeraldas do Brasil!

— E' natural, tornou Fernão Dias. Quanta noticia não partiu daqui a respeito das pedras ! Quanta gente, alem do mais, não se metteu atraz dellas ! Tudo em vão. Ninguem deitou ainda olho nas esmeraldas.

— Pois em Lisboa, quando eu parti, andava por lá certo castelhano. Um figurão que se apregoava descobridor de esmeraldas e pratas. Pessoa de muitas falas e de muitos espaventos.

D. Fernão franziu o cenho. E com mordente sorriso :

— Já sei, D. Rodrigo. Já ouvi falar do paratata : é Dom Rodrigo de Castel Blanco.

— Exactamente ! E' Dom Rodrigo de Castel Blanco. Homem da moda ! Era o assumpto obrigado de todas as conversas. Affiançava elle, e isso para quem quizesse ouvir, que descobri-

ria as esmeraldas do Brasil. Afiançava tanto, e de tal geito, que já el-rei o mandara buscar ao Paço. Lá os deixei a ambos em parlendas. Rosnava-se que el-rei decidira enviar o homem á America. . .

Fernão Dias tragou a noticia com azedume. Aquillo era ponto melindroso. Tornou, picado :

— Já soaram cá esses boatos, D. Rodrigo. Que importa? Digo-vos eu com tranquillidade : que venha Dom Rodrigo de Castel Blanco ! que venha quanto castelhano quizer vir ! E' coisa de somenos. Vamos a ver quem descobre as pedras. Isso sim ! Quanto a mim, confesso-vos, não me arrojo nessa empreza por vaidade. Nem pensava mais em varar mattos. Estou velho. Queria ter o meu fim em socego. Mas ha pedidos que obrigam a gente. . .

Fernão Dias ergueu a fronte. Ergueu-a com rude altanaria :

— Que fazer, D. Rodrigo? E' o rei, o proprio rei, quem me escreve do Reino. E' o rei quem me pede esse serviço. Impossivel negar essa galantaria ao rei ! Ora, quereis ver? Tenho gosto em vos mostrar.

Virou-se para Garcia Paes :

— Filho, trazei as cartas do rei !

Garcia Paes ergueu-se. Caminhou até o armario. Abriu-o. Retirou delle, com grandes mimos, um cofre de jacarandá. Collocou-o sobre o tamborete. Depois, com orgulho, carregou tudo á frente de Fernão Dias.

— Eis ahi, pae !

Fernão Dias, respeitoso, suspendeu a tampa. Lá dentro – supremo thesouro ! – estavam os pergaminhos. Lá estavam as cartas do rei ! Cartas assignadas pela propria mão do soberano !

— Garcia Paes, meu filho, lêde o que diz o rei.

Garcia Paes desdobrou as letras. Desdobrou-as deante dos forasteiros. E principiou a lêr. Eram agradecimentos do rei. Promessas. Coisas envaidecedoras. Assim :

— "A Fernão Dias Paes

"Eu el-Rei vos envio muito saudar. . . . . . . muito vos agradeço o zelo que tendes do meu serviço. Espero que, com a vossa deligencia, se obre a descoberta das esmeraldas, que é tanto desejo Meu. Assim guardarei na

Minha lembrança a vós, e aos que nessa empreza vos acompanham, para as mercês e graças que merecerem por tal serviço. . ."

Ouviram todos com admiração. Cartas do Rei! Garcia Paes, solennemente, ia desdobrando os papeis.

E lia:

—"Hei de ter em muito particular lembrança tudo o que obrardes nesta materia. E' para vos fazer honra e mercê. . ."

—Lêde agora, Garcia Paes, a graça com que el-rei ja me galanteou: a minha nomeação para Governador das Esmeraldas.

Garcia Paes leu o documento. Foi esse o documento famoso na epocha. Foi a tão discutida patente de "Governador das Esmeraldas".

Dizia assim:

—"A Fernão Dias Paes, nomeio Governador de toda a gente do descobrimento de esmeraldas e pratas. Ordeno, outro sim, ao Capitão Mór da Capitania de S. Vicente, e aos

> Capitães de todas as demais, que honrem e respeitem a Fernão Dias por governador de dita gente. E que obedeçam, cumpram, e guardem as suas ordens, por palavras e por escripto, tão pontual e integralmente como devem e são obrigados..."

Vaidade humana! Fernão Dias, alma rustica, estadeava enfatuado os seus papeis. Tinha nelles o seu orgulho maximo. Receber cartas do rei, alli, no villarejo selvagem, era honra que deslumbrava. Aquelles pergaminhos, dentro do sertão, avultavam num relevo impressionador: elles eram, naquelle remoto pedaço da America, a gloria alta do bandeirante!

Tiveram todos a sensação disso. E todos, por elles, viam nitido as culminancias daquelle homem.

— E' como ouvistes, D. Rodrigo! El-rei pede-me. Como não attender el-rei? Eis porque, dentro de poucos dias, entro com a minha bandeira. Vou buscar as pedras.

D. Rodrigo poz reparo na secca firmeza daquelle: "vou buscar as pedras." Não se conteve:

— Tendes, realmente, esperança de trazer as esmeraldas?

O sertanista encarou o viajante. Encarou-o e sorriu. Havia no sorrir do paulista aspera ponta de desdem.

— Esperança? Não faleis assim, D. Rodrigo. Eu não tenho esperança. Não ! Eu tenho a certeza de trazer as esmeraldas !

— ? !

— Sim, tenho a certeza ! Esta empreza em que me empenho, digo-vos aqui, é empreza de honra : eu só voltarei com as pedras.

Os viageiros sentiram, claro, o inabalavel daquellas idéas. O velho tinha dentro de si chammas contagiantes. Aquella convicção vencia.

— Aprestae-vos pois, meus amigos ; continuou o sertanista. A bandeira entra por estes dias.

— Não ha o que aprestar, D. Fernão. Estamos promptos !

D. Rodrigo de Alarcão sacudiu a cabeça :

— Vamos a ver se eu, por minha vez, descubro a minha Atlantida !

— Que Deus vos leve por esses mattos, tornou Fernão. Quanto a mim, não ha duvida :

O paulista, mais uma vez, sem vacillar :

— Eu trago as esmeraldas !

O bandeirante e o sabio apertaram-se as mãos. Despediram-se. Assim, com febrentas esperanças dentro do coração, separaram-se os dois visionarios : um, o rustico, que ia atráz de fabulosas pedras verdes ; outro, o professor de Groninga, que ia atráz de pobre terra desapparecida.

Os Pires e os Camargos

Organisara-se emfim a bandeira das esmeraldas. Tudo prestes. Nas mãos do escrivão, desde a vespera, andava o ról dos povoadores que iam entrar com o paulista. Sabia-se já que Mathias Cardoso, sertanista duro, velho descedor de bugres, fôra o homem que Fernão Dias escolhera para seu lugar-tenente. O Governador das Esmeraldas buscara-o com insistencia. Escrevera-lhe, por duas vezes, offerecendo o posto. Mathias Cardoso acceitou. Acceitou e veiu. Chegara nessa manhã com as suas mulas cargueiras, as suas bruacas, boa récua de in-

dios mansos de arcos. Zé Dias e Borba Gato, á noite, discutiam com azedume o apparecimento do sertanejo. O bastardo dizia, todo fel :

— Mathias Cardoso. . . Ora, veja um pouco ! Não sei por que razão o pae se embeiçou tanto por aquella peça.

— E' verdade. Que paixão pelo homem ! Não se lembra você daquelles recados e chamamentos? Fernão Dias escreveu-lhe duas vezes para que viesse.

— Eis o que é gastar boa cera com máu defunto ! Mathias Cardoso não é homem em que a gente se fie. Aquillo vae dar ao pae um trabalhão dos diabos. Aquillo é coisa, Borba Gato ! Queira Deus que eu me engane. Queira Deus ! Mas você ha de ver ainda, escute bem, ha de ver o que sae dalli. . .

— Estou com você, Zé Dias ! Não tenho fé no homem. Para mim, tambem, Mathias Cardoso é sujeito de ruim quilate. Mas que fazer? O Governador já o nomeou. Já agora é elle o lugar-tenente. Acabou-se ! Digo mais : isso ainda não é nada. Ha gente peior na bandeira. Muitissimo peior ! Que me diz você, Zé Dias, de Martim Preto? Nem se póde acreditar que

Fernão Dias tivesse a coragem de acceitar um vil como Martim Preto !

O bastardo ergueu-se. Aquelle nome ferrotoou-o.

— E' verdade : nem se póde acreditar ! Metter na bandeira o deslavado !

— Metter na bandeira o inimigo nosso, Zé Dias ! Inimigo declarado. . .

— E que inimigo ! atalhou o bastardo com ira. Martim Preto é sobrinho de Pedro Leme. Você sabe disso, Borba Gato ?

— Sei ! Sei de tudo. Martim Preto é sobrinho daquelle Pedro Leme que fez alliança com Fernão de Camargo, o TIGRE, para assassinar o nosso Pedro Taques.

— Isso mesmo ! Pois bem : vae agora Fernão Dias, depois de tudo, pega no sobrinho do matador, inimigo nosso, e – zaz ! – enfia o homem na bandeira. Com mil diabos, Borba, eis uma coisa de pasmar a gente !

Borba Gato concordava. Punha as mãos na cabeça, maravilhado :

— Acceitar na bandeira um cão daquelles !

E o Bastardo :

— Cão? Isso é pouco. Diga antes: um CAMARGO! Levar um CAMARGO na entrada! Um CAMARGO! Ora, veja isto...

E ambos, com ira, rilhando os dentes:

— Um CAMARGO na bandeira!

— Um CAMARGO!

Que significava aquillo afinal? Que significava aquelle odio? Era o residuo da lucta entre os Pires e os Camargos. E porque essa lucta? Porque, na villa selvatica, aquelle formidavel choque de familias?

Ah, os Pires e os Camargos! Eis uma pagina sangrenta. A pagina mais sangrenta daquelle alvorecer barbaro da cidadesinha paulista.

Eram os Camargos familia de potentados. Eram donos de muitos chãos. Politicos de influencia marcada na cousa publica. Mostravam-se violentissimos. Traziam no sangue a turbulencia gallega do avô, Jusepe Camargo, castelhano de nascença, que viera installar-se em Piratininga, onde fôra juiz ordinario.

Os Pires, por sua vez, formavam grei abundantissima na provincia. Gente de alta estimação e respeito. Punham elles grandes soberbas na sua prosapia. Gabavam-se de se entroncar, segundo boas provas de NOBILITATE ET PURITATE,

naquelle velho João Pires, o Gago, fidalgo do Porto, que viera com Martim Affonso a desbravar S. Paulo.

Ora, no rolar daquella existenciasinha de villarejo, Pires e Camargos, poderosos ambos, ambiciosos ambos, tiveram que se defrontar mais duma vez : queria cada um, custasse o que custasse, dirigir sozinho os negocios da republica. Queria, cada um, ser o mandão da villa. Eis porque, mais duma vez, rivaes e azedos, os Pires e os Camargos botaram-se a pleitear acirradamente os cargos da provincia. Nasceram dessas luctas, dentro da terreola, rancores profundissimos, despeitos insopitaveis. Dahi a scisão. Dahi o romper da peleja. As duas familias encabeçaram os dois partidos. Os PIRES E OS CAMARGOS.

Em 1640, nas eleições, os odios haviam tocado o mais acceso do desenfreio. E' nesse momento que estoura na cidadesinha um caso imprevisto. Caso banal, é verdade, mas que incendiou tudo : foi o bate-bocca, celebre nas chronicas, de Pedro Taques e de Fernão Camargo.

Pedro Taques fôra sempre homem de consideração. Era cunhado de Fernão Dias, o Governador das Esmeraldas. E, mais do que tudo,

um pires desassombrado, vermelho como nenhum.

Fernão de Camargo, esse tinha fama bravia. Era homem carniceiro. Ninguem, como elle, de animo tão iroso. Ninguem tão crú nas vinganças. Toda gente temia-o. Por isso, na villa, appellidavam-n'o com ajuste: o TIGRE. Era Fernão, o Tigre.

Certa vez, lá por negocios delles, tiveram os dois umas differenças. A coisa azedou. Irritaram-se ambos. Muito amigo do Taques, gente avisada, correu a elle pressuroso :

— Precatae-vos, Pedro Taques ! Precatae-vos ! Sinão, vós bem sabeis, o Tigre vos mette a adaga na tripa. . .

O pires sorriu daquillo. Os avisos não o amedrontaram. Ao contrario, espicaçaram-n'o mais.

Eis que uma tarde, por desgraça, Pedro Taques dá de frente com Fernão Camargo. E' no Largo da Sé. O Taques não hesita : ruma impávido para o Tigre; e secco :

— Já vos mandei dizer, D. Fernão, que a divisa das minhas terras vae até o corrego. Do corrego prá cá, é meu. Se o vosso gado pisar

o meu chão, sabei-o bem : eu o mato, um por um, a tiro de trabuco.

O Tigre franze o cenho. Espanta-se da audacia. Que? Pois havia homem capaz de dizer-lhe aquillo cara a cara? E gago de colera :

— Tambem já vos mandei dizer, D. Pedro, que a divisa das minhas terras passa o corrego. Vae até o espigão. Do espigão prá cá, é meu. Se não respeitardes o meu chão, sabei-o bem : eu não mato o vosso gado, não ; eu boto um tiro de trabuco no vosso bucho.

Pedro Taques, ferido :

— Vós?

E com um sorriso acutilante :

— Sois parlapatão, dom ! Bem se vê que tendes sangue castelhano na guelra !

— Sangue castelhano, sim ! E vós. . .

Não pôde continuar. Já, pela praça, estrondeia alvoroto de gente. Acodem parceiros de todo o lado. Vêm todos com ancia :

— Que é isto? Que é isto?

O Taques :

— Nada ! Estou desabusando os roncos deste camargo !

O Tigre :

— Estou entupindo a guela deste pires!

Ambos têm as adagas na mão. Defrontam-se. Emquanto se defrontam, chammejantes, bandos de sertanejos accorrem ameaçadores. O tumulto engrossa. Um vociferar medonho! Pires dum lado, Camargos de outro. Tudo gente hirsuta, o olhar selvagem. Ha muito trabuco por alli. Espadas. Faiscam punhaes nas mãos pelludas. Subito, em meio ao vozerio – pum! o estampido de um tiro. Céus, ferve tudo: vibram adagas, as caviunas roncam, ha estrondos de bacamartes, espadeiradas, fumo, berros...

— Aos Pires!

— Aos Camargos!

O Tigre salta sobre o Taques. O Taques salta sobre o Tigre

A cidadesinha, sacudida, rebôa ao fragor da peleja. E' uma batalha. As duas familias estocam-se com furia. Carneiam-se. Corre sangue aos jorros. Ha muito cadaver no chão. Por mais de hora, na villota rustica, brame o rencontro férvido...

O Tigre e o Taques, findo o combate, estavam crivados de lanhos. Vieram os dois exhaustos, esburacados, gottejando vermelho. Mas

A cidadesinha, sacudida, rebôa ao fragor da peleja . . .

nenhum morreu : escaparam ambos das cutiladas reciprocas.

Passaram-se os dias. Fernão de Camargo enjaulou no peito, como quem enjaula onças, odios espumejantes. Não podia esquecer o Taques. Com elle, a amargar os mesmos odios, havia na cidadesinha um tal Pedro Leme. Era tio de Martim Preto, o detestado do Zé Dias, aquelle mesmo que se engajara na bandeira das esmeraldas. Certo dia, muito em sigillo, Pedro Leme procura o Tigre :

— Sabeis, D. Fernão Camargo? A novidade é grande : Pedro Taques está na villa ! Vi-o hoje.

— Quê? Pedro Taques na villa? O pêrro, depois da batalha, vive entocado nas terras dos parentes. Não ha quem lhe bote o olho em cima.

— Pois vi-o hoje !

— Nesse caso, Pedro Leme, á fé de Fernão Camargo : vou matal-o !

O olhar do Tigre fuzila, com sanha. E Pedro Leme :

— Escutae, D. Fernão. Escutae um conselho de amigo : não o mateis com bulha. E' não dizer palavra. Só isto : esperae-o, saltae-lhe ao

pescoço, sangrae-o como a um porco. Sabeis que mais?

Pedro Leme abaixa a voz. Ha nelle como um explodir de raivas concentradas :

— Sabeis que mais? Eu irei comvosco. Sois capaz de errar o bóte. Nesse caso, D. Fernão, deixae o homem por minha conta : eu o deito abaixo com um tiro de bacamarte !

— Falaes serio, Pedro Leme?

— Falo ! Quero ter o gosto de liquidar o miseravel. Ora, escutae. . .

Apaga ainda mais a vóz :

— Hoje, á bocca da noite, vinde commigo. Ficamos os dois atráz da Igreja. Quando Pedro Taques passar – o homem passa alli todas as tardes – nada de parolice : mettei-lhe logo a faca no vasio ! Eu lá estarei de promptidão, o bacamarte na unha. E' prô que der e vier. . .

Nesse mesmo dia, era noitinha, havia dois vultos embuçados atráz da Igreja da Sé. Tudo ermo. Silencio. De repente, no lusco-fusco, surge pacatamente um homem. Vem andando devagar. Approxima-se. E' alto, a barba negra. Um dos embuçados cicia :

— Elle !

E' elle, de facto. E' Pedro Taques. Caminha sem precauções, o passo meudo, o ar tranquillo. Atravessa o pateo. Nisto, da tocaia, agil vulto cae de subito sobre elle. Cae e finca-lhe a adaga nas costas.

— Ui !

O homem desaba, a estrebuchar. Está botando sangue pela bocca. Que foi ? Isto: o Tigre assassinara, á falsa fé, a Pedro Taques de Almeida.

A lucta assumiu, desde então, proporções de assustar. Pires e Camargos tornaram-se horrendamente ferozes. Duas ninhadas de féras ! Já não era só a politica que os separava. Havia mais. Havia agora, entre as duas familias, aquella grossa ondada de sangue. Grossa ondada de sangue, sim, mas que não estacou ahi. Cresceu ainda mais : certo Alberto Pires, pessoa bruta, respondeu logo a matança do Taques. Respondeu-a com dois assassinios. Que assassinios barbaros !

Era este Alberto Pires homem fragueiro, aspero no trato, quasi selvagem. Casara-se elle com Leonor de Camargo. Notae a singularidade : um Pires e um Camargo casados. Quem pode lá acreditar tal coisa? Mas era isso.

Num dia de entrudo, "dia de carnes tollendas", Alberto Pires, furioso com a morte do Taques, fez esta coisa enorme : atolou broncamente a adaga no coração da mulher, que era camargo. Em seguida, por um escravo, mandou chamar ás pressas a seu cunhado, Antonio Pedroso. Este, bem se vê, era tambem camargo. Camargo dos bons. Alberto Pires esperou-o na estrada. Esperou-o de emboscada atráz duma arvore. Antonio Pedroso veiu. Atravessou o caminho. Alberto Pires repetiu a scena que o Tigre preparara ao Taques : salta da tocaia, pula sobre o camargo, mata-o com uma facada ! Arrastou em seguida os dois cadaveres no matto. Collocou-os um ao pé do outro. E poz-se a urrar. Acudiu logo gente. O matador apontava os corpos :

— Topei os dois alli, agarrados. Matei os dois ! Matei, mas limpei o meu nome. . .

Os Pires cerram-se de prompto ao lado do assassino. Applaudem-n'o. Alberto Pires havia lavado a sua honra com sangue.

Os Camargos enfurecem-se. Aquellas duas mortes são duas toras, e grossas, arremessadas á fogueira daquelles odios. As iras desencadeiam-se em procellas. Alberto Pires foge. Vae

homisiar-se em casa de sua mãe. A mãe de Alberto Pires é D. Ignez Monteiro. E' dama de tanta grandeza, que os da terra, para a qualificarem, chamam-n'a apenas de : a MATRONA.

Dentro de casa assim poderosa, pensa o pires achar asylo que o defenda. Em vão ! Os camargos partem com furia á busca delle. Vêm desenfreiados, rangendo os dentes. Parecem um bando de porcos do matto. Cercam a casa. Eis que a Matrona surge no portal. Traz nas mãos grande crucifixo negro.

— Não o mateis, senhores ! Eu vol-o entrego ! Vós, por vossa vez, entregae-o á Justiça. Pelas chagas deste Christo, senhores, não o mateis !

Ergue o crucifixo ao ar, supplicando. Os camargos prendem o fugitivo. Não o matam alli. Entregam-n'o á Justiça. A Justiça embarca Alberto Pires para o Rio, via Santos. A Matrona não hesita : monta a cavallo, enche as canastras de oiro, segue por terra a salvar o filho. Inutil ! No barco, em dia de mar grosso, os camargos agarram o prisioneiro. Mettem-lhe uma pedra ao pescoço :

— Que o peixe te coma, matador da mulher !

E arremessam-n'o ao mar com duras blasphemias.

Dahi em diante não houve mais clareira naquelles odios. Era assassinio daqui, assassinio de lá. Pagavam-se com a mesma moeda. Massacre com massacre. Vingança com vingança. Nas eleições, está visto, a mesma assanhada porfia. Os pelouros davam ás vezes um Pires ; outras, um Camargo. Aquillo era pavoroso bailado politico.

Nada mais natural, pois, do que a furia do Zé Dias contra Martim Preto.

— Um camargo na entrada ! Levar na bandeira o sobrinho de Pedro Leme, matador do Taques ! E' coragem. . .

Mas Fernão Dias não deu ouvidos a murmurios. Compoz a bandeira como entendeu. Arregimentou os sertanistas. Armou os bugres. Entupiu as bruacas de viveres. Emfim, tudo prestes, marcou o dia da partida. E o dia da partida chegou.

Vae, Bandeirante!

Manhã brasileira. Manhã de tintas largas. Tudo vivo. Tudo pincelado de sol. Vêm das arvores cheiros humidos. Branquejam no ar, sonorizando-o, revoadas graslhantes de baitacas. Ha nuvens fôfas, muito risonhas, pondo no azul brancuras espiritualisadas.

Na manhã tropical, assim orgiaca de alacridades, frei Gregorio de Magalhães reza a missa. Missa campal. E' em frente ao mosteiro de S. Bento. Em frente áquelle igrejó de taipa, humilde e tosco, que o mesmo Fernão Dias erguera, com piedades devotas, em honra do monge santo.

Grossa multidão entope a quadra. Mescla barbara de dons e donas. Que gentes! Os homens são barbaçudos. Têm o aspecto encoscorado. Trajam-se elles rudemente. Ha de tudo: gibões de couro, mantos, estamenhas, bombazinas de risco azul. Todos, com selvatiqueza, trazem sapatorras de cordovão, sombreiro, trabuco, botas de bezerro cru. Na turba, entreveiradas, as donas pintalgam o pateo de cores fortes. Ha muita coifa, muito corpilho, muita vasquinha de chamalote.

E' a missa da partida. Nella, ajoelhados, estão os povoadores de mais pról da villa. Estão alli os velhos troncos das familias paulistas.

Vede:

Esses rapazes trigueiros, junto ao pulpito, são os Proenças. São netos daquelle Antonio Proença, moço-de-camara do infante D. Luiz, que se passara ao Brasil por haver roubado, com aventuras de novella, certa freira clara do mosteiro de Covilhã.

Aquelle, ao pé do altar, é um Anta Moraes. Respeitae-o, senhores! Vem elle de Fernão Mendes, o Bragançpão, o casado com D. Sancha Froile, o que se batera em Ourique, galharda-

mente, com a sua boa toledana, ao lado de Affonso Henriques.

Esse outro, alem, de olhos duros, pestanudos, é Francisco Siqueira. E' sangue do famoso Pedro Dias, o jesuita leigo, a quem S. Ignacio de Loyolla, em pessoa, desligara de votos, só para que casasse com a india Maria Grã, filha do cacique Tebiriçá.

Francisco Rodrigues, raiz donde brotaram os Penteados, tambem veiu. Francisco Rodrigues é aquelle que viveu no Reino em esbanjadas magnificencias. Voltara de lá homem de mundanices, "mui dextro em prendas de salão, pondo grande mimo na de tanger viola."

E Fernão Paes de Barros? Compareceu como sempre : vistoso e decorativo. Lá traz elle os seus bellos bigodes á fernandina. E' grande potentado em arcos. Fôra elle que offerecera á camara de Santos, sem dinheiro para custear as despezas de Manoel Lobo, enviado especial do rei, as quarenta finissimas arrobas de prata que havia nas baixellas de sua copa.

Veiu com Fernão, muito arrogante, um sobrinho torto: Domingos do Prado. Domingos, filho mameluco do velho Prado, é aquelle que casara escandalosamente com a mulata

Phelippa Leme, a herdeira maior da Provincia, filha bastarda do riquissimo Pedro Vaz, que a cidade grandiosamente appellidara de VAZ GUASSU.

Andam tambem alli, ao lado dos povoadores, muito hespanhol de boa raça : os Rendons, os Torales, os Ponce de Leon, os Toledo Piza...

Não faltou sertanista algum. Veiu tudo á missa campal. A' missa da despedida. Agora, no pateo, deante delles, desenrola-se grande scena emocionadora : a bençam da bandeira...

Momento vibrante e bello. Todos de pé. Fernão Dias agarra na haste da flammula. A flammula é verde. A flammula panneja ao sol, airosamente. Com ella em punho, bem no alto, o bandeirante caminha até o altar. Ajoelha-se. Os sertanistas ajoelham-se. Frei Gregorio lê o seu latim. E alli, na manhã gloriosa, sob o céu entontecedor, Frei Gregorio, num lento gesto em cruz, abençôa solennemente a bandeira. Logo, no ar sonoro, os sinos rompem ! Estrondam rouqueiras ! Bombas ! Os sertanejos sacudidos :

— Viva Fernão Dias !

Fernão Dias levanta-se. Alça a flammula verde. E parte, á frente do bando, com altana-

ria e garbo. Seguem-n'o todos. E' Mathias Cardoso, o lugar-tenente, vestido de couro, feições asperas, requeimadas de sol. Borba Gato, com os seus olhos negros, com o seu desgarre sympathicamente varonil. Garcia Paes, doce e brando, com o seu largo sombreiro de plumas. Zé Dias, o bastardo, o ar atrevido, a chibata na mão. Antonio Prado da Cunha, com seus oitenta arcos e o seu guapissimo troço de mamelucos. Francisco Dias, um adolescente magnifico, sobrinho do bandeirante. Antonio Bicudo, o escrivão. O capitão João Bernal. O padre Veiga...

Sim, um padre ! Nas entradas – nota curiosa —ia sempre um padre. Os bandeirantes eram quasi barbaros, mas religiosos. Ouviam missa no matto. Não queriam morrer sem confissão. E' por isso que o padre Veiga, com o seu trabuco e a sua adaga, desfila tambem entre os paulistas. Desfilam todos, um a um...

O povo, ao vel-os, rompe em vivas. E agita-se. E ondula. E segue borborinhando atraz dos sertanejos. Lá, ao longe, estão os escravos, os indios, as cangalhas, os pannos breados, os saccos de couro, a tropa de carga, os cavallos de montaria. A multidão estaca ahi. E' ahi a despedida.

O povo segue, borborinhando, atraz dos sertanejos...

Começam os adeuses. São longos e commovedores. Ah, o sertão ! Quem voltará da guela do matto? Ha muita mãe dependurando figas no pescoço do filho. Muita reza. Muita benzedura. Velha bruxa, que sabe exconjurar máos feitiços, grita, os braços estendidos:

— "Em nome de Deus Padre, em nome de Deus Filho, em nome de Deus Espirito : ar vivo, ar morto, ar de estupor, ar excommungado, eu te arrenego em nome da Santissima Trindade ! Váde retro, ar do demo, para que saia desta bandeira e vá parar no mar sagrado, onde viva são e alliviado. . ."

Na turba, em meio dos abraços, destaca-se bello quadro emocionador. Scena epicamente bandeirante : o Governador das Esmeraldas diz o seu adeus á dona que o acompanha. E' a dona ainda moça, o talhe nobre, olhar que lampeja. Veste austera saia de girão. Traz largo manteo de niza branca. Aquella dama tem o aspecto galhardamente desempenado. Belleza energica e sadia. Quem é ? E' D. Maria Rodrigues Garcia Bettim. E' a mulher do Governador das Esmeraldas.

Fernão Dias contempla-a:

— Adeus, dona Maria !

E ella, sem tremer:

— Adeus, D. Fernão! Ide com Deus.

Ambos olham-se, firmes. Não ha, entre elles, commoção nem ternura. São dois bandeirantes. E bandeirantes não choram nunca. Fernão Dias torna, com singeleza:

— Não sei quando hei de eu tornar a vêr-vos. A jornada é longa e sem prazo.

— Não vos afflijaes, D. Fernão. Ide sem sustos. Aqui fico eu. Não penseis na mulher nem nas filhas. Aqui proverei tudo. Ide, pois, com o coração socegado...

Fez uma pequena pausa:

— Só vos peço uma coisa...

— Dizei, D. Maria!

— Uma coisa só. E' isto apenas: não volteis de mãos vazias. Trazei as esmeraldas! Correi sertão. Andai. Soffrei. Batei esse matto sem dó. Mas não volteis de mãos vazias: trazei as esmeraldas!

Fernão Dias sorriu:

— Ficae tranquilla, D. Maria!

Botou a mão pelluda no hombro da mulher. E com rude convicção:

— Eu trago as pedras, D. Maria. Trago ou morro!

— Pois ide então ! Ide com Deus. . .

Soa um toque aspero de trompa. E' o signal. Fernão Dias abraça a mulher. D. Maria Bettim abraça o marido. Não tem uma lagrima.

— Ide !

O Governador pula para riba do seu cavallo. Esporeia-o. O alazão parte num trote. E tudo aquillo, cavalleiros e peões, indios e mamelucos, escravos e forros, tudo aquillo, em massa, tudo movimenta-se, serpeia, lá vae no rastro do bandeirante epico.

Ah, que festa ! Que alegrias rusticas ! A manhã azul, toda sol, criva-se de algazarras: são estrondos de morteiros, pelouradas, roncos de trabucos, vivas, repiques freneticos de sinos !

E a bandeira caminha. Caminha com a flammula verde. Vae no rumo visionario das esmeraldas. E marcha. E afasta-se. E diminue. E caminha ainda. E é quasi nada. E some . . .

Lá, muito ao longe, ha apenas, agora, fulva poeira de oiro boiando no ar.

Vae, Fernão Dias ! Vae, sertanejo romantico ! Vae, alma lyrica de bruto ! Mal sabes tu,

nesse teu sonho verde, que não vaes apenas caçar pedras para a cobiça do teu rei : vaes, Fernão Dias Paes Leme, vaes, mais do que isso, inconscientemente, caçar terras para o Brasil de teus filhos. Vaes conquistar os chãos formadores da tua patria. Vaes construir emfim, na America, com essa tua bella audacia paulista – um paiz novo para uma raça nova.

Vae, bandeirante !

Dentro do Matto

— D. Rodrigo !

D. Rodrigo vivia deslumbrado. A sua ancia por descobertas encontrava naquelles mattos enlevos fascinadores. Terra extranha ! Tudo alli era inedito. Tudo virgem para a sua curiosidade de sabio. As bizarrices do paiz aturdiam-n'o. Saltavam-lhe diante dos olhos, cada instante, maravilhas não imaginadas. Eram grotas furadas na rocha. Brutos morros de pedra. Crystaes. Areias de toda a cor. Anfractos millenarios de chão. Que paiz era aquelle? D. Rodrigo sonhava com a Atlantida. Via em

tudo, nos detalhes mais chãos, vestigios do continente desapparecido.

— D. Rodrigo !

Qual ! D. Rodrigo estava fundamente mergulhado nas suas observações. Examinava naquella tarde, todo emoção, inesperado cemiterio de indios. Era um SAMBAQUI'S curioso. Sambaquis com igaçabas funerarias. Dentro dellas, desses bujudos potes de barro, aninhavam-se cadaveres de indios. Junto aos cadaveres poisavam as flexas. Poisava o arco. A tanga. O kanitar de pennas. O tacape. Traziam os parentes alli, toda a manhã, as comidas predilectas do morto. Nota frisante : sobre essas igaçabas erguiam os selvagens montes de calcareo. Os montes eram altos e conicos.

— D. Rodrigo ! D. Rodrigo !

D. Rodrigo despertou, emfim.

— Que ha?

— Já é tarde, D. Rodrigo ! A noite ahi vem. Vamos embora antes que escureça.

— Estamos longe dos bugres?

Ruy Vilhena lançou ao Bocca-Negra olhos interrogativos. O indio respondeu :

— Lugar de sambaquis é lugar de indios. A tribu vive por ahi. E' só descer um pouco o rio.

D. Rodrigo ergueu-se. Deixou, com pena, as suas igaçabas e os seus montes conicos. Lá partiram os tres. Alcançaram o rio. Havia uma igarité abicada á margem. Metteram-se todos nella. E tocaram agua abaixo.

Pleno sertão ! De lado a lado, nas barrancas, entrançavam-se flecheiras e cannaranas. Sobre ellas, negrejando, revoavam xéxéos matracadores. Dos brejos, á pancada dos remos, fugiam, com estrépito, bandos de patos bravos. A canoa, ás vezes, furava a matta bruta. E eram, no tunnel verde, massarandubas e paus-d'arco, guarantans e vinhaticos, vermelhas gamelleiras que cheiravam. Havia coatás pulando na galhaça. Erguiam vôo, assustados, enormes gaviões de pennacho.

Iam todos calados. D. Rodrigo, esse, vogava na ondada grossa das conjecturas. Raciocinava. Deduzia.

— Curioso aquelle sambaquis ! Aquellas igaçabas, mumias de indios, comida aos mortos. . . Diabo ! E aquelles montes de calcareo? Montes conicos, á moda de pyramides. . . Mas isso é o Egypto ! Nem ha duvida. Isso é puro Egypto ! Ora, o Egypto foi povoado pelos atlantes ; o Brasil, por sua vez, apresenta os mesmos

usos do Egypto ; logo o Brasil foi, como o Egypto, povoado pelos atlantes !

Considerava comsigo, gravemente :

— Logica é logica. Temos de concluir : o Brasil dá provas serias de que é a Atlantida. Provas irrefutaveis. Provas. . .

Perdia-se nos sonhos. Emquanto sonhava, a canoa descia, lenta. Ninguem falava. Ruy Vilhena quebrou de repente o silencio :

— A bandeira? Que será feito de Fernão Dias?

Sim, que era feito de Fernão Dias?

O paulista andava por longe. De S. Paulo enveredou o bandeirante ao sertão bruto. Os sertanistas rasgaram o matto como ondadas de barbaros. Rumo ? Era onde o sol nascia. Caminho ? Era o trilho das onças. Iam como tufão. Cahiam ás vezes sobre as tabas. Aprisionavam bugres. Surripiavam tudo o que havia nos giraus. E tocavam de novo pela cipoama.

Mezes á fio, depredadora, a bandeira peregrinara erratica na brenha. Era sempre o mesmo jornadeio : despontava o sol, padre Veiga dizia a missa. Ouvida a missa, punhase a caravana em marcha. Sol a pino, ses-

teava. A' noite, armava as barracas junto ao corrego. Accendia a fogueira. Acampava. Mal surgia a manhã, no outro dia, a bandeira trotava de novo pelos caminhos. Aquillo não mudava. Era sempre o mesmo! Sempre o mesmo !

Fernão Dias correra assim terras e terras. Rompera mattos. Vencera corredeiras. Escalara muito morro. Varara pantanos. Mergulhara fundo no labyrintho selvagem. Sempre, deante delle, como um facho, a esperança de alcançar lá, ao longe, no desconhecido, essa enlouquecedora terra incerta, tão desejada, onde viviam fuzilantes as esmeraldas.

Até alli, tudo inutil. Nada de pedras verdes ! Debalde, estrondando, as polvoras rachavam as furnas. Debalde as pás carreavam a areia das alluviões. Debalde as tarrafas catavam o pedrouço dos rios. Todas as pequizas vãs. Nada de esmeraldas !

A bandeira lá ia . . .

Mais d'uma vez, naquella aventura doida, acabaram-se os mantimentos. Acabara-se tudo. Nem mais um punhado de passoca nas bruacas. Como resolver? Fernão Dias não hesitava. Fazia alto. Erguia ranchos ás pressas.

O bandeirante,sem alardes, ordenava então aos seus peões que plantassem grandes roças de viveres.

Homem de ferro ! Acampar, cavocar chãos, semear, fazer roças, colher, encher as bruacas, tornar a partir, toda essa coisa enorme, obra gigantesca de tenacidade, realisava o paulista singelamente, obscuramente, alli, dentro da hirsuta selvatiqueza do sertão. Fez isso quanta vez ! E com que pasmosa naturalidade !

Num daquelles acampamentos, D. Rodrigo de Alarcão procurou o bandeirante :

— Vejo que não partireis tão cedo. Sois forçado a ficar aqui cuidando de vossas lavouras. Eu queria, emquanto isso, aproveitar o tempo em estudos. Haverá duvida, D. Fernão, que eu vos deixe um pouco e vá correr esses mattos por ahi?

Fernão Dias concordou :

— Não ha duvida nenhuma. Eu até faço gosto nisso. Vós tendes a vossa tarefa a realisar. Ide, meu amigo. Ide e realisae-a !

Ruy Vilhena e Bocca-Negra sahiram com o sabio pela mattaria. Bocca-Negra poz grandissimo empenho em acompanhar os brancos. Pediu a D. Rodrigo. Pediu ao bastardo. Pediu

a Borba Gato. Como era bom matteiro, muito astuto, os homens da bandeira mandaram-n'o com os europeus.

Bocca-Negra começou a guial-os pela terra a dentro. Conhecia o sertão a palmo. Comprehendeu, num relance, as coisas que interessavam aos viajantes. Mostrava-lhes, habilmente, todas as curiosidades da terra. Não escapava tapera, nem furna exotica, nem taba velha. Mostrava tudo. Os viajantes, deante disso, entregaram-se ao bugre de corpo e alma. Lá iam com elle de tribu em tribu.

Naquella tarde, dentro da canoa, buscavam os tres um poiso na tribu proxima. Foi quando Ruy Vilhena poz-se a palrar :

— A bandeira? Que será feito de Fernão Dias?

— E' verdade, Ruy ! Que será feito de D. Fernão? Só Deus o sabe ! Pode ser que o paulista, a estas horas, já tenha descoberto as pedras. . .

— Não acredito, exclamou Ruy Vilhena com vivacidade. Não acredito ! Aquillo é imaginação. Não ha esmeraldas por aqui, D. Rodrigo ! Aquillo é sonho de Fernão Dias. . .

— Quem sabe? Quem sabe?

Bocca Negra afundava o remo nas aguas. Um passarão bateu as azas no ingazeiro. Rumores suaves. Doçura. Bello pôr-de-sol.

— Para mim, D. Rodrigo, Fernão Dias não vae longe. A bandeira volta já do sertão. Volta já! Os homens delle não acreditam muito nas pedras. Vós bem vistes, D. Rodrigo, o desanimo que anda por lá. Ja ha muito fallatorio. Muito zum-zum. Aquelle Martim Preto...

— Eis ahi, Ruy Vilhena! Eis ahi um homem dos diabos! Aquelle Martim Preto é perigoso. Elle é o primeiro que deserta da bandeira...

— E não deserta só: ha de levar comsigo boa leva de sertanistas. O homem não faz outra coisa sinão assoprar a fuga. E' um caco!

Não puderam continuar. Ouviu-se na margem subito alarido. Eram bugres. Bocca Negra olhou-os:

— São amigos.

E rumou para elles. Os selvagens miravam os viajantes com surpreza. Eram uns selvagens roxos, quasi negros. Andavam sem tanga. Traziam, nos beiços rachados, grandes pedras extravagantes. Bocca-Negra conversou com elles. Virou-se depois para os europeus:

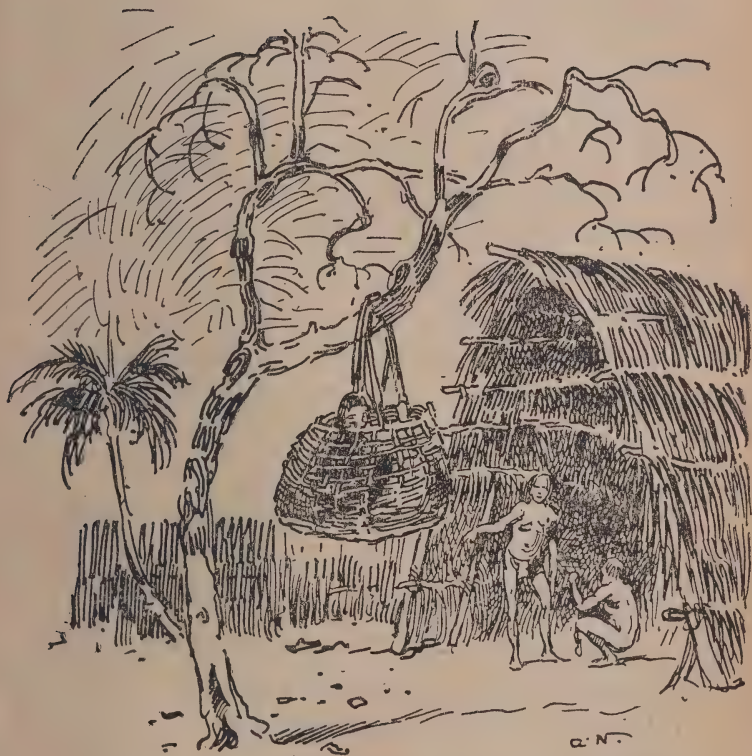
— A taba é perto. Vamos!

Saltaram todos da canoa. Partiram.

Os selvagens iam á frente. Caminhavam em fila na picada aberta. Não foi longa a jornada: as tabas surgiram aos olhos dos forasteiros. Vararam por ellas em silencio. Havia chusmas de indios pela aldeia. Todos com muitas pennas, listrados de vermelho, o ar de festa.

Bocca-Negra foi avançando até á ocara grande. D. Rodrigo, ao entrar, ficou logo espantado: ao lado da ocara, suspenso aos galhos duma arvore, pendia largo cesto de ticum. Dentro do cesto, muito pallida, uma bugrasinha nova.

Os viajantes entram. Os indios correm á busca das inis. Trazem. São redes largas, muito brancas. Armam ao centro da oca, ao pé do fogo. Os forasteiros deitam-se nellas. Feio bando de indias, em seguida, invade a oca. São todas velhas. Sentam-se de cocoras.

Principia então, com grande pasmo para D. Rodrigo, esta scena extranha: as mulheres põem-se a chorar. Lamentam-se. Gemem. Descabellam-se. E' aquillo a saudação dos selvagens. Lá na lingua delles, por entre lagrimas, perguntam ellas dos padecimentos dos viajantes, dos riscos da jornada, dos perigos que correram.

... ao lado da ocara, suspenso aos galhos duma arvore, pendia largo cesto de ticum ...

Bocca Negra responde a tudo. De repente o indio senta-se na ini. E com enfado :

— EIRUJUPE!

Cessam bruscamente os choros. E Bocca-Negra :

— Basta ! Tenho fome.

As velhas sahem precipitadas. Dentro em pouco tornam á oca. Trazem cuias cheias. São bolos de cariman. E' a carne moqueada. Fructas. O vinho de ananaz.

Os hospedes comem e bebem. Ao fim da comida apparece o cacique. Indio velho, o aspecto grave. Entra. Vem com o sequito de bugres. Sentam-se todos de cocoras.

O cacique fala assim :

— Os extrangeiros são bem vindos á taba de Abaratan.

Bocca-Negra responde :

— Tupan é por ti, Abaratan. Que nunca falte caça no teu matto, nem peixe no teu rio.

Calam-se. Cae longo silencio.

Abaratan torna afinal :

— Quem és tu?

— Sou Bocca-Negra. Sou filho de Vuturuna, cacique como tu. Os brancos mataram o irmão de Bocca-Negra. Bocca-Negra sahiu para

a vingança. Agora vae levando os dois brancos á taba de seu pae.

Abaratan lança rapido olhar aos brancos. Estão ambos desamarrados. Abaratan não comprehende.

Bocca-Negra explica :

— Os brancos vieram para ver a terra. Não sabem onde vão. Bocca-Negra leva os dois para onde quer. Bocca-Negra vae levando os brancos ao pae. E' para a vingança.

Abaratan ouve. Pensa. Afinal, pausado e grave :

— Tu és duma raça que não tem peleja com a raça de Abaratan. Abaratan não tem odio a ti, nem aos teus. Portanto, Bocca-Negra, tu és o hospede. Fica na taba. Nada te faltará : nem rede para dormir, nem cauim para beber. Depois partirás quando quizeres. Tupan guiou-te aqui em boa hora : assistirás nesta noite á FESTA DA VIRGEM. Emquanto isso, Bocca-Negra, bebe com Abaratan o fumo da paz.

Assim falou Abaratan. E estendeu-se na sua ini.

— Fumo !

As indias correram a preparar o canudo de taquara. Encheram-n'o de hervas seccas. Ac-

cenderam-n'o. Trouxeram-n'o ao cacique. Abaratan chupou. Soltou no ar, lentamente, negra baforada. Passou depois ás mãos dos hospedes. Bocca-Negra sorveu a sua baforada. Passou aos indios. Os indios passaram ao cacique. Vagaroso, na roda, começou o canudo a vagar. Os selvagens gosavam, luxuriosos, aquelle "beber fumo". A fumarada amollentava-os. Entontecia-os.

Subito, entrou uma india :

— E' a hora !

Abaratan levantou-se. Sahiram todos. Fóra, em frente á oca, ia vasta barafunda de bugres. Alaridos bravios. Estrepitos de inubias e de trocanos. Noite de grande festa ! Os selvicolas brasileiros morriam por fandangos. Tudo servia-lhes de ensejo para bailados e bebedices. Assim, naquella noite, celebravam elles a nubilidade duma india. Que algazarra ! Vinham aos saltos, chocalhando os maracás, dançando. Cercaram a arvore em que havia o cesto dependurado. Afrouxaram as cordas do extranho giráo. O cesto desceu. Sahiu delle a indiasinha adolescente.

E' que a rapariga havia sentido o primeiro sangue. Logo, segundo as usanças, a mãe

erguera-a no cesto aos galhos da arvore. A filha ficara alli durante tres dias, jejuando. A mãe suspendera-lhe, nos tres dias, tres cuias de agua. Mais nada. Eis que agora, muito descorada, a menina sahia timidamente do cesto. Principiou o acto curioso :

Bello guerreiro, vermelhando de genipapo, vem, pulando e cantando, até o giráo. A mãe chega-se á filha. Põe-lhe as mãos no hombro :

— Filha, vaes ficar mulher.

Entrega a india ao guerreiro. O guerreiro traz na mão um dente agudissimo de cutia. E' o momento : alli, deante de todos, o selvagem corre o dente ao comprido do corpo da moça. Borbulha logo um listrão de sangue. A seguir, mais fundamente, sangra-a no pescoço. Jorro escarlate brota vivo da sangria. A mãe exclama, com jubilo :

— Estás mulher !

Ata-lhe nos joelhos, bem á vista, largo amarrio de algodão. Aquillo, entre os selvagens, é a marca certa da puberdade. A mãe carrega a filha para a oca. (1)

---

(1) Padre J. Daniel. – No "Thesouro descoberto no rio Amazonas", vem a festa da nubilidade.

Principia o festim. De todas as tabas accorrem indias com igaçabas. São vinhos de todo o geito. Cauins. Succos embebedantes de milho. Beberagens fortissimas de cachiry. As indias não param. Igaçabas sobre igaçabas. E' um beber desbragado...

Os guerreiros formam-se num circulo. A musica rompe. Estrugem borés. Roncam tambores. Eis que principia o bate-pé. Que bate-pé monotono! Bate-pé bizarro. Bate-pé bambo, batendo aos baques no chão.

Dançam os indios com volupia. Emquanto dançam, lá cantam elles, roufenhos, numa cadencia murcha, as suas moacemas barbaras:

Aê coê, coê,
Tatú!
Aê coê, coê,
Tatú! (1)

D. Rodrigo, ao longe, contempla a usança selvagem. E meneia a cabeça com espanto:

— Que paiz rustico! Que paiz rustico!

---

(1) "Ahi está, está,
O tatu!
Ahi está, está,
O tatu!
Barbosa Rodrigues, "Poranduba Amazonense".

O Alma-Negra

Fernão Dias colhera as suas roças. Atulhara as bruacas de viveres. E de novo, com enthusiasmo, lançara impavido os seus peões atravez da paulama. De novo, na matta bruta, recomeçara o peregrinar apavorante. A mesma corrida fantastica atráz das pedras verdes. Ferrotoavam-n'o, com a mesma chamma, os mesmos sonhos queimantes. As mesmas ancias febrentas de visionario.

Mas esses sonhos, tinha-os agora Fernão Dias. Os desbravadores, não. Esses esfriaram. Já não os empurrava mais a esperança de outr'

ora. A pouca sorte da jornada esmorecera-os. Andavam todos murchos, desapontados. O desanimo, com os seus pés subtis, principiou, devagarinho, a insinuar-se na caravana.

Estavam no fundo do sertão. A bandeira acampara. Era de tarde. Tarde triste. Tarde ennevoada de plangencia e magua. Andavam por tudo tedios avassalantes. Porquê? E' que as coisas iam ruins. Os sertanistas acabavam de enterrar mais um homem. Morrera das febres. Antonio Bicudo, o escrivão, arrolara-lhe os bens.

A'quella hora, na tarde triste, a bandeira liquidava os teres do morto. Era lugubre! Antonio Bicudo apregoava:

— Eis aqui o trabuco! Quanto me dão?

Os homens pegavam no trabuco. Examinavam-n'o.

E principiavam:

— Um cruzado!

— Cruzado e meio!

— Dois cruzados!

Arrefeciam os lanços. Ninguem dava mais. O escrivão gritava:

— Leve o trabuco, Vadô! Dois cruzados. . .

Vinha em seguida o facão. Era a mesma coisa:

— Um cruzado !

— Dois cruzados !

Foram-se os bens todos : o gibão de couro, as botas, a cartucheira de cinto, o chifre de polvora. Aquillo, no sertão, tinha o aspecto confrangedor. Punha uma nota mais desconsolada no desconsolo da bandeira.

E o desconsolo da bandeira era pungente. Com razão ! Ares bravos, ares pestiferos, alastravam-se com furia pelo acampamento. Eram febres terçãs, camaras de sangue, doenças de frialdade, bobas. Raro o dia em que não cahisse um sertanista. Nada atalhava o mal. Em vão corriam pelas barracas as cuias de meisinhas. Havia certa bugra curandeira que fabricava beberagens o dia inteiro. Não fazia outra coisa. Era aquella india guayaná a quem o Zé Dias espedaçara o filho.

Os sertanistas sabiam meisinhas para tudo.

— Terçã? Moer a quina, botar no sereno, beber em jejum com dois dedos de cobre. Frialdade? Azeite de figueira do inferno. Seccar a folha, pisar bem pisado, tirar o azeite que verte. Purga e cura. . .

A guayaná remexia caldeiradas e caldeiradas. Tudo inutil. A peste era das brabas.

Não havia cosimento que curasse. Sempre a morrer gente!

E as esmeraldas? As esmeraldas?

Onde estavam ellas?

Naquella tarde, arrematados os bens do morto, a bandeira succumbira. Pavor angustioso penetrava a todos. Qual seria o fim daquillo? Martim Preto dizia, num bando:

— Não ha quem escore mais! Chico Esteves cahiu esta noite. Está lá batendo o queixo com a febre...

— Quê? O Chico Esteves?

— Cahiu! Ide ver o desgraçado na barraca de Antão Vaz. E Antão Vaz, senhores? Antão Vaz não passa de hoje. Morre mesmo. Não ha purga que lhe corte as camaras. Está como o Tônho Proença. Sabei que o Tônho já perdeu a fala...

Não pôde continuar. Appareceu o Zé Dias. E rispido:

— Está acabado, senhores! Quem morreu, morreu. Agora, trabalho! Vamos dar uma batida no rio. Tóca a afundar na agua á cata das pedras. Vamos!

Fez um gesto de mando, autoritario. Martim Preto sacudiu os hombros:

— Pedras?

Sorriu. Sorriu o sorriso do escarneo :

— Pedras? Onde isso?

Era audacia ! Um bandeirante a dizer aquillo? Zé Dias apertou instinctivamente a chibata. Martim Preto levou instinctivamente as mãos á adaga. Olharam-se. O Pires e o Camargo não se toleravam. Odiavam-se. Diante dos sertanejos, porém, contiveram-se ambos. Zé Dias ordenou secco :

— Vamos !

Partiram todos. Zé Dias ficou-se alli, encolerisado. O bastardo tremia. Eis que Borba Gato apparece.

— Que ha?

— E' o Martim Preto ! O cão anda a desencabeçar a bandeira.

— Não admira ! Aquelle camargo é perigoso. E' preciso vigiar esse homem. . .

— Nem ha duvida, Borba-Gato ! Vigiar bem de perto. . .

Zé Dias começou a vigial-o. O sertanista não se enganara : Martim Preto era a alma-negra da caravana. O camargo, na sombra, assoprava rebeldias. Ateava medos. Zombava azedamente das esmeraldas. Esmeraldas ? Qual

esmeraldas ! Febres, sim ! Morrer á mingua, sim ! E concitava, persuasivo :

— Vamos fugir, meus amigos. Fugir emquanto é tempo. Deixemos o louco ahi pelo matto. Tornar a S. Paulo, senhores ; tornar a S. Paulo !

Naquelle dia, dentro da agua, Martim Preto encheu a cabeça dos companheiros. Discutiu. Cochichou. Impressionou. Zé Dias, ao longe, espreitava-o com geito. Viu aquellas manobras. Ao findar a tarefa, de tarde, tinha o bastardo a convicção formada. Não duvidava mais. Pensava com segurança :

— Martim Preto, hoje, tramou coisas. Tramou coisas graves ! Mas deixa estar, camargo. . . deixa estar !

E tangeu os homens para o acampamento.

Longe dalli, a essa mesma hora, vae outra scena bem differente. Emquanto a bandeira recolhe, suja da agua barrenta das catas, a canoa de D. Rodrigo rola serena rio abaixo.

Os viajantes haviam deixado a taba de Abaratan. Lá iam elles, agora, em busca de certo indio bruxo, muito famoso, que vivia nas redondezas. Era um CARAIBA velho, velho. O caraiba mais velho daquellas terras. D. Rodrigo queria

ouvil-o. Quem sabe se o bruxo não contaria alguma tradição dos atlantes? E a canoa descia. . .

De repente, numa curva, avistam os aventureiros tosco rancho abandonado. E', decerto, antigo rancho de bandeirantes. Os viajantes abicam. Descem. Resolvem pernoitar ahi.

Sertão bruto ! A matta cerra-se negra, formidavel. Toda a seiva dos tropicos borbulha alli com luxurias bravias. Que arvores ! São monstros. Troncos gigantescos, raizes gigantescas, frondes gigantescas. Guaparaivas, com os seus quarenta palmos de roda, emmaranham-se a embaubas, a angelins de raça, a folhudas sapucaias duras como ferro. E palmeiras ! Profusão estonteante. São buritys com os seus leques altissimos. São tucumans lisos. São indayás. Jussaras. Bacabas. E cipós por tudo ! E parasitas por tudo ! O inferno verde. . .

Cahira a tarde. Os tucanos tornam em bandos aos seus poisos altos. Vêm dos charcos gritos estridentes de socós. Ha no ar cheiros acres de mucetaibas.

Os homens descansam á porta do rancho. Contemplam, em silencio, a rustica belleza do

crepusculo. De quando em quando, no matto, destacam-se estalos que repercutem longe.

— Páá. . . Páá. . .

Bocca-Negra ouve. Arregala os olhos, assustado. E diz baixo :

— E' o curupira. . .

O curupira, para os selvagens, é tapuyasinho negro, com grande rabo, os pés voltados para traz. Quando echôa no matto uma pancada, é o curupira que está batendo nos paus a ver se estão bastante firmes para escorarem os ventos. D. Rodrigo ouvira do Bocca-Negra, mais duma vez, as historias do pittoresco duende brasileiro. Concorda logo:

— E' o curupira ! La está elle batendo nas sapopemas. . .

Bocca-Negra vivera entre brancos. Mas não mudara. Conservou, integral, a alma ruim do selvagem. Era feroz. Era vingativo. Era trahiçoeiro. Tinha, como todos os bugres americanos, um poder incrivel de dissimulação. Conservou tambem, alem dos defeitos, todas as fraquezas da raça. Tinha todos os pavores. Todas as crendices.

A's vezes, em noites de lua, o indio aterrorisava-se. Tremia todo. E' que espessa nuvem

embaçava a face do astro. Bocca-Negra punha-se a disparatar. Dava pulos, quebrava galhos, enchia o céu de berros. Tudo isso, todo esse motim, só para que a lua acordasse do desmaio e não despencasse sobre a terra!

Outras vezes, ao dormir no matto, o bugre acordava tremulo. Pegava no arco. Saltava extremunhado da rede.

— Que é Bocca-Negra?

— O BOITATA'!

Bocca-Negra desandava a contar coisas espantosas. E' que elle vira passar, na escuridão, feio cavallo negro, sem cabeça, com a roda de fogo chispando na testa. O boitatá! Vinha montado no cavallo um homem pelludo. Era Anhangá. Era Anhangá que ia tocando pelo matto a sua preta manada de caitetús...

Quantas fabulas, rudes e graciosas, povoavam a imaginação do selvagem! O SACY, com o seu cachimbo, pulando num pé só, a assobiar, comprido e fino, emquanto entrança o pello dos bichos. O CAAPORA, de olhos de braza, trepado no seu queixada, botando desgraça em quem o avista. As IARAS, com os longos cabellos verdes, muito enganadoras, arrastando

os bugres para o fundo dos rios. O tenebroso JURUPARY dos pesadelos tenebrosos. . .

D. Rodrigo escutava com enlevo aquellas coisas candidas. Achava graça nas ingenuidades do bugre. Ria-se um pouco. Mas Ruy Vilhena tinha medo. O coração apertava-lhe.

— Diabo ! Não vá o boitatá apparecer na minha rede esta noite. . .

Naquella tarde, á porta do rancho, os homens embevecem-se nos sussurros da tarde. Sobem da matta rumores sem conta. Pios, guinchos, estalos, grunhidos. Eis que passa na canjarana, aos pulos, um bando de CABEÇAS-PRETAS. E' raça trefega de macaquinhos. Bicharocos negros, muito vivos.

Bocca-Negra aponta-os na arvore:

— Os cabeças-pretas !

E commenta :

— Aquillo é bicho sem juizo. Os velhos, muito velhos, já contavam aos filhos, na taba, a historia dos cabeças-pretas. Os filhos contaram aos filhos. Todos sabem hoje a historia dos cabeças-pretas.

D. Rodrigo ouve aquillo com surpreza. A historia dos cabeças-pretas? Que era isso?

Bocca-Negra, á porta do rancho, poz-se a contar aos europeus o velho conto saboroso. Conto sem artificios, primitivo, acre flor do matto, que occultava, na sua singeleza rustica, um sentido simples, mas profundo.

— "Cabeça-preta não tem casa. Dorme amontoado no galho do inajá. Em noite de chuva, os filhos choram. Gritam que tem frio. As mães tambem gritam. O pae diz então :

— Amanhã havemos de fazer a nossa casa.

Outro tambem diz :

— Amanhã mesmo.

No outro dia, quando amanhece, os cabeças-pretas falam :

— Vamos fazer a nossa casa?

Este responde, com preguiça :

— Espere um pouco. E' cedo ainda. Eu vou comer um boccadinho.

Aquelle diz :

— Eu tambem.

Os outros dizem :

— Eu tambem.

Vão-se todos a comer. E não se lembram mais de fazer a casa. Quando volta a chuva, e

estão dormindo no galho, então se lembram de novo. E dizem :

— Faremos amanhã a nossa casa.

Um dia farão casas. Um dia !

Ha homens que se parecem com os cabeças-pretas. . .(1)

D. Rodrigo saboreia a limpida simplesa da allegoria. Acha fundo encanto naquillo. E pede ao indio que conte mais. Bocca-Negra conta, uma por uma, as lendas selvagens da sua tribu. . .

Emquanto, dentro do matto, os viajantes escutam assim as historias do bugre, na bandeira, lá no poiso de Fernão Dias, desenrolam-se episodios quentes. São coisas serias.

O acampamento ferve. Rolam commentarios. Grandes reboliços. Que ha? E' que chegara um cavalleiro de S. Paulo. O homem viera desabalado, num galope solto. Trouxera noticias altas. Noticias fundamente graves.

Fernão Dias recebe-o. Os povoadores correm ao rancho do Governador. Mathias Cardoso lá está. Borba Gato tambem. E Garcia Paes.

---

(1) Barbosa Rodrigues, "Poranduba Amazonense" : trasladei o conto assim como o encontrei na collecção do illustre folklorista.

E Antonio Bicudo. E o Chico Silva. Todos! Fernão Dias escuta o emissario. Escuta-o com pasmo! O homem diz:

— O acontecimento de São Paulo é este: D. Rodrigo de Castel Blanco chegou!

— D. Rodrigo de Castel Blanco?

— Sim, senhor. Está o homem na villa. Veiu com cartas do rei. Trouxe ordens de Lisboa para metter-se atráz das pedras. El-rei deu-lhe alvarás com poderes grandes. Elle apregôa, sem medo, que vós, D. Fernão, não sois mais o Governador das Esmeraldas. Elle, sim! Elle, o castelhano, é agora o unico senhor do matto!

Fernão Dias estremece. Aquillo são espadeiradas na sua vaidade.

— Onde estão esses alvarás?

— D. Rodrigo exhibiu os seus papeis á camara. Foi tudo achado conforme.

O bandeirante põe-se a andar pelo rancho. Está agitado. Tem o aspecto sombrio.

— E que é que faz Castel Blanco na villa?

— Apresta a sua entrada com grande alarde. Anda recolhendo quanto gentio encontra. Já tem muitos viveres amontoados. Já tem muita polvora. E muito azougue. E muito sal.

E tudo ! Vieram com elle, de Lisboa, dois praticos de mineração. E' gente que olha o chão, esfarinha a terra, diz logo se ha esmeraldas. . .

O emissario desenrola as noticias todas que esfervilham em S. Paulo. Conta as grandezas do castelhano. As fumaças delle. O poder de oiro que o patarata veiu ganhando do Reino. Mil coisas. . .

Fernão Dias escuta amargado. A ingratidão do rei dóe-lhe fundo. Entra-lhe como fina adaga no coração. O sertanista nem quer acreditar naquillo ! Fremindo, as mãos atráz, passeia carrancudo pela barraca. Os povoadores estão calados, pensativos. A vinda de Castel Blanco desnorteia-os. Fernão Dias estaca de repente :

— Então, senhores? Que dizeis a tudo isso?

Silencio. Ninguem ousa palavra :

— Então, senhores? Que dizeis a isso?

Mathias Cardoso sacode a cabeça, desolado :

— E' o diabo !

Senta-se no escabello. E com o ar murcho, succumbido :

— E' o diabo ! E' o diabo !

Borba-Gato não se contem. Moço galhardo ! O desalento de Mathias Cardoso fere-o. Enraivece-o. Exclama com fogo :

— Não, Mathias Cardoso! Isso não é "o diabo", como dizeis. Não! Essa vinda de Castel Blanco, com poderes plenos, é uma trahição. Isso, sim! Trahição! Falsidade do rei! Infamia! Ouvistes bem, Mathias Cardoso? Infamia!

Borba Gato é fogo e rajada. Sacoleja. Incendeia os homens com os seus impetos.

— Sabeis, senhores, que Castel Blanco não pisa neste sertão. Castel Blanco não leva as nossas esmeraldas. Nunca! Eu juro, senhores, juro pelas chagas de Christo: mato eu esse castelhano! Varo-o com um tiro do meu trabuco!

Fernão Dias ouve. A quentura do sertanista embala-o. Consola-o. A bravura de Borba-Gato é como raio de sol para o paulista. Fernão Dias torna com serenidade:

— Deixae o homem por minha conta, Borba-Gato. Deixae que venha o dom! Que venha por ahi com as suas polvoras e com os seus praticos. Quando chegar – vereis! – hei de eu mostrar ao castelhano a bruaca cheia de pedras verdes. Essa é a minha vingança...

As novas echoaram dolorosas no acampamento. Os sertanistas sentiram, na vinda do castelhano, um desacato. Era o desprestigio

do Governador. Era a queda de Fernão Dias. Aquillo, em meio ás febres, desalentou-os de vez. Foi, pelas barracas, um commentario só. Houve muito cochicho. Muita murmuração ferina. Martim Preto pensou :

— Chegou a hora !

E poz mãos á obra.

E' noite. Na barraca do camargo entram sertanejos. Entram ás escondidas, disfarçados. São muitos. Conversam baixo. Têm o ar de mysterio. Martim Preto sussurra :

— O paulista, senhores, não é mais o Governador. O Governador, agora, é D. Rodrigo de Castel Blanco. Veiu o castelhano de Lisboa com alvarás do rei. Eis ahi, meus senhores, o momento de fugir. . .

Com a voz sumida, num cicio :

— Fugir, senhores ! Fugir antes que o paulista nos mate ahi pelo sertão. Fugir antes que a febre nos pique . . .

Os homens ouvem, tentados. Pavores rudos mordem-lhes o coração. Mas fugir como? Zé Dias havia semeado nos caminhos vigias de confiança. Afastar-se alguem do acampamento, era arriscar a levar nas costas um estrondo de bacamarte.

— Fugir como?

Martim Preto sabe de tudo. Martim Preto já arrumara tudo. E assópra :

— Nada de sustos, amigos ! Eu já conversei com o vigia de amanhã. E' um dos nossos. O homem está com medo. Medo por causa do Chico Esteves que cahiu com febre. Nesta madrugada, senhores, podemos fugir todos. Não ha perigo : o vigia tambem foge. . .

Ninguem tem coragem de pronunciar-se. O convite arrepia os homens. E' arriscado ! Como decidir?

Martim Preto :

— Então, senhores? Combinado?

Nenhuma resposta. Silencio. Funda angustia em todos. Martim Preto esporeia-os :

— Combinado?

Tomba na barraca, de subito, uma voz aspera:

— Combinado !

Choque brutal! Os peões voltam-se bruscos. Quem é? A' porta da barraca, o trabuco em punho, surge a figura energica dum homem. Todos, estuporados :

— Zé Dias !

O bastardo salta. Cae como um tigre sobre Martim Preto. Enleia-o. Arranca-lhe

a adaga. Desarma-o. E com os olhos chispantes :

— Bandido !

Martim Preto quer avançar, tremulo. Zé Dias porem, tem o seu trabuco engatilhado. A pontaria é firme. O bastardo grita aos sertanistas :

— Atae esse miseravel !

Arremessa-lhes o cintão de couro. Aquelle mando, no momento emocional, é irresistivel. Os sertanistas agarram aturdidos no cintão. Algemam com elle as mãos do conspirador.

Zé Dias, com o trabuco :

Caminha !

Partem todos. Vão ao rancho do Governador. Fernão Dias ouve-os. Que furia a do paulista ! Para o sangrar, não bastaram naquelle dia as noticias de Castel Blanco. Foi preciso mais. Foi preciso ainda a trama de Martim Preto. E Fernão Dias, duro, o cenho franzido :

— Quê? A desencabeçar os outros? Este miseravel?

Martim Preto sorri. O sorriso delle é venenoso:

— Não ! Eu não desencabeçava ninguem. Estava apenas livrando estes homens das febres. Estava livrando esta gente de morrer aqui, no matto, a correr atráz da vossa loucura...

Fernão Dias estremece como onça baleada. Fita violentamente o atrevido. E com um gesto de raiva :

— Levae este cão, Zé Dias ! Levae-o e exemplae-o.

Zé Dias agarra no preso.

— Que ordenaes que faça, pae ?

Fernão Dias não vacilla :

— Matae-o !

E' a sentença. Sentença fulminante e irrecorrivel. Não ha que discutir. Mas o bandeirante não se satisfaz. Fernão Dias era, na verdade, paulista typico do seculo XVII : tinha entranhas carniceiras. O Governador retem Zé Dias:

— Matae-o, sim ! Mas nada de tiros nem de flechadas. Matae-o devagar. De tal geito, Zé Dias, que sirva de exemplo cru á bandeira. E' preciso que ninguem mais pense em fugir. Ide !

Sahem todos. Zé Dias tange o preso para a sua barraca. Ahi, durante toda a noite, o bastardo, com volupia, poz-se a engendrar supplicios. Queria, para o camargo, um supplicio unico, feroz, capaz de aterrorisar para sempre a bandeira.

E descobriu.

O Caraiba Velho

Dia grande para D. Rodrigo de Alarcão! O viajante delirava. Sacudia-o fortissima emoção. Uma descoberta! Sim, descoberta grave! Tombara-lhe deante dos olhos, como por milagre, achado imprevisto. Coisa de embasbacar sabios. Assim:

Desciam os viajantes a correnteza das aguas. Iam á cata daquelle CARAIBA velho, muito velho, que tinha fama larga nas tribus da redondeza. De repente, emquanto descem, avistam elles, lá no cucuruto do morro, certas rochas exquisitas, muito ruivas, que chammejam com estridencia ao sol. D. Rodrigo quer

ver de perto a curiosidade. Toca-se para lá. Põe-se a percorrer com minucia aquelles blocos. Sonda as pedras uma a uma. De subito, chocado, o sabio solta um grito :

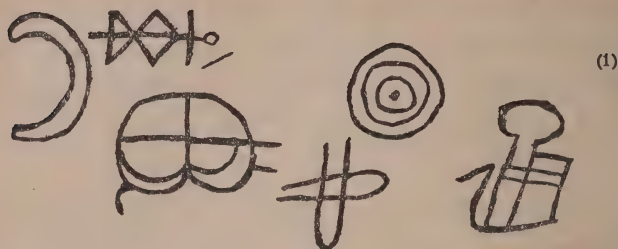
— Oh !

Examina melhor. Torna a examinar com afinco. Não ha duvida : gravados na rocha, nitidos, resaltam extranhos caracteres humanos. São inscripções. Inscripções vivas, perfeitas. Têm a forma justa das inscripções das pyramides. Não ha que vacillar : são letras egypcias ! Signaes egypcios ! O sabio olha, embevecido. Lá estão os riscos:

K υ φ I Σ [1]

Mas não é só. Ha mais. D. Rodrigo, na rocha visinha, encontra logo, com alvoroço, novos caracteres. E mais alem – outros ! E mais alem – ainda outros ! Tudo assim :

(1)

(1) "Inscripções lapidares", Rev. Inst. Hist., vol. 4 e vol. 50.

D. Rodrigo, emocionado, contempla as letras. Está pasmado deante dellas! Mira-as. Remira-as. A imaginação pinoteia-lhe. Aquillo, com certeza, são inscripções velhas de algum povo morto. Monumentos de raça extincta. Que revelariam aquellas letras? Talvez estivesse alli, no enigma daquelles riscos, a historia inteira da Atlantida... Ah, a Atlantida! E o sabio vibra. E esbrazeia-se. E fica alli, esquecido, os olhos cravados nas inscripções...

Ruy Vilhena impacienta-se:

— D. Rodrigo, já é tarde! A que horas vamos nós chegar na tribu?

E' preciso partir. D. Rodrigo começa então a copiar as inscripções. Desenha-as uma a uma. Toma-lhes a posição exacta. Mede-as. Vae le-

---

(1) "Inscripções lapidares", Rev. Inst. Hist., vol. 4 e vol. 50.

var tudo para a Europa. Sim, que vissem os sabios de lá! Que estudassem! Que decifrassem aquillo! E copía com paciencia, com paciencia...

Ruy Vilhena, porem, não se conforma com os embasbacamentos do professor de Groninga. E pensa:

— D. Rodrigo está fraco da cabeça! Que é isto? O homem acha essas garatujas na pedra e fica alli naquelle gosto. Não! Isto não pode continuar assim. Ja é tempo de tornar á bandeira...

Cahia a tarde quando os homens deixaram as rochas. Ruy Vilhena, vastamente enfadado; D. Rodrigo, com os seus sonhos de Atlantida, perdido de felicidade!

A canoa vae rolando agua abaixo...

O rio sahira da mattaria bruta. Corta agora varzeas e chapadas. O panorama é descampado. E' triste. Mas ha, naquelle ermo, rumores pálpites de vida. Quebra-lhe a solitude, colorindo-a, essa entontecedora multidão de passaros brasileiros. D. Rodrigo tem os olhos enlevados. Quanta nota alacre! Aqui, batendo as azas, correm, espavoridos, jabirús e seriemas. Mas alem, nas brejauvas, esgueiram-se bigoás.

Patos bravos fogem aos bandos. Vêm de longe estridencias de carácarás. As colheireiras piam nos carandás do brejo. Ha trilos de carachués. Gritos assustados de aracuans. E papagaios, papagaios. . . Céus ! Passam em revoadas, graslhando – paco, currupaco ! São anapurús, macáos, tuins, coricas : e enchem o céo, e alegram-n'o, e pintalgam-n'o de verde, de amarello, de vermelho, de negro, todos os tons berrantes da plumagem buffa.

Noite. A lua começara a branquejar o céo, quando os tres homens alcançaram a tribu. As mesmas scenas selvagens : o oca, as inis, o chôro das velhas, o bolo de cariman. Depois a fala do cacique:

— Quem és tu?

Bocca-Negra responde. Repete a sua historia. Conta quem são os extrangeiros. Não se esquece do detalhe :

— Bocca-Negra vae levando os brancos á taba de seu pae. E' para a vingança.

O cacique ordena que tragam o canudo de taquara. Trazem. O bugre fuma com o Bocca-Negra o fumo da paz. Conversam os dois como amigos. Bocca-Negra diz :

— Ainda existe o velho Ararê, teu caraiba?

— Existe. E' velho, velho, velho. Mas tem ainda a palavra clara.

— Bocca-Negra quer ver a Ararê. Onde mora o caraiba?

— Longe, no fundo do matto. E' debaixo da embauba grande, na oca de pindoba.

Bocca-Negra solta no ar a sua baforada de fumo. Passa ao cacique o canudo de taquara. Continuam ambos, vagarosos, a conversa monotona.

Fumam, fumam...

Fumam até que molleiam, cahem nas inis, adormecem tontos da fumarada...

Os viajantes, madrugada ainda, mettem-se pela paulama. Vão á busca do caraiba velho. Bugre impressionante, este caraiba! Os selvagens respeitavam-n'o. Olhavam-n'o com superstição. Tremiam todos deante delle. Era elle que falava com Tupan. Elle que espavoria Anhangá das ocas. Elle que insuflava a guerra. Elle que curava as doenças.

Os europeus entram com alvoroço pela brenha. Anceiam por ver o personagem barbaro. Bocca-Negra, á frente, vae guiando-os. Longe, lá no encipoado da matta, fica a oca do

—Que queres tu, com os extrangeiros, na oca de Ararê?

bugre. E' debaixo da embauba. Morada aggressiva, inhospita. Vem della o ar bravio da selvatiqueza. Desmantello em tudo. A' porta, fincada num espéque, com os cabellos despencados, a cabeça dum indio morto.

Bocca-Negra bate tres vezes no tronco da embauba. Esperam. De repente, á entrada da oca, apparece o selvagem. E' Ararê, o caraiba. Bugre horrendo ! Velho, velhissimo. Tem mais de cem annos. Curvo, olhinhos engruvinhados, cara chupada, os dentes podres, papaça, rugas. (1)

— Bocca-Negra veiu ver Ararê. Veiu, com os brancos, ver o caraiba que falla com Tupan.

Ararê põe nos homens os seus olhinhos prescrutadores. Elle tem o olhar ladino.

— Que queres tu, com os extrangeiros, na oca de Ararê?

Bocca-Negra conta :

— Os extrangeiros procuram no matto coisas do tempo velho. Coisas do tempo de Sumé, o pae. Tu és velho. Tu podes dizer aos extrangeiros as coisas velhas que ha no matto.

---

(1) Lévy, "Histoire d'un voyage fait en terre du Brésil" : — "Entre os selvagens são raros os coxos, os cegos, os deformados de qualquer geito. Muitos chegam á idade de 100 a 120 annos e mesmo em tal idade poucos têm cabellos brancos".

O caraiba fixa de novo nos europeus os olhinhos ladinos. A sua figura clareia. Elle esboça, atravez dos dentes negros, uma sombra de sorriso. Alli, na oca suja, dentro do matto, diz elle aos forasteiros, claro, muito claro :

— JE PARLE FRANÇAIS !

D. Rodrigo arregala os olhos, aparvalhado. Quê? Um indio a falar francez ! O caraiba, deante do assombro, repete claro, muito claro :

— JE PARLE FRANÇAIS !

Não ha mais duvida : o bugre falava francez ! D. Rodrigo responde-lhe logo, em francez, que elle tambem falava. Mas isso não era de espantar. O que espantava, isto sim, é que elle, Ararê, falasse francez. Como? De que geito? O indio ri-se. A surpresa do extrangeiro agrada-o. Torna, tranquillo, como a coisa mais natural do mundo :

— Ararê esteve em Paris.

— Tu? Em Paris?

— Ararê vae contar. . .

Junto á oca, debaixo da embauba, o bugre desenrola a historia. Sim, aquelle caraiba immundo já estivera em Paris! O caso era simples.

Em França, nos começos do seculo, falava-se com espanto das singularidades do Brasil.

Nautas que pirateavam aqui, á cuja frente estava o famosissimo Jean Ango, levavam a Dieppe e a Honfleur, com papagaios e pau-brasil, noticias das maravilhas estuporadoras que haviam deparado na terra longinqua. Uma coisa, mais que tudo, assombrava os de lá : os selvagens. Diziam-se delles absurdidades. Eram o pasmo da America !

Ora, nesse tempo, a cidade de ROUEN quiz festejar, com pompas estrepitosas, o casamento de Henrique II com Catharina de Medicis. Organisou para isso solennidades triumphaes. Magnificencias de estrondo. Quiz ser, entre as cidades que glorificaram os reis, a cidade mais altamente notada. Eis porque, no ról dos festejos, poz esta nota surprehendente : selvagens brasileiros ; dansas brasileiras !

E mandou um galeão buscar indios ao Brasil ! A náo, a poder de mimos, arrecadou cincoenta. Eram, quasi todos, tabajaras e tupinambás : TABAJARES ET TOPINAMBAULS. Foram todos para França. Ararê, o caraiba, partiu com elles.

Os selvagens, em Rouen, alojaram-se na hospedaria L'ILE DU BRE'SIL, rua Mal-palu, 17. Ahi, deslumbrados, com olhos tupys, viram

elles a festa civilisadissima. Festa das mais civilisadas que já assistiu a Europa. A chronica fixou-a com todas as minucias. (1).

Henrique II, diz o velho papel, entrou por entre galas atordoantes. Tinha cortejo magnifico. Lá vinham com o rei, atufados em sedas, o almirante Coligny e o nuncio do Papa. Vinham embaixadores de todos os soberanos. Vinham altissimos fidalgos : o duque de Guise, o de Montmorency, o de Nemours, o de Aumalle. Vinham sete cardeaes de França, todos com grande pompas ecclesiasticas, VESTUS DE LEURS CAPES DE CAMELOT ROUGE-CRAMOYSI. Compareceram tambem á festa deslumbradora todas as damas galantes da côrte. Era Margarida de França, com a nomeada de ser a mulher mais bella da epocha. Diana de Poitiers, a paixão de Henrique II. Madame LA BASTARDE, duqueza de Angoulême, filha escandalosa do rei com fina rapariga do Piemonte. Maria Stuart, a futura e famosa rainha, que Villegaignon (o que veiu ao Brasil) havia trazido ha pouco da Escossia. . .

Deante deste mundo, deante do olhar hyper-civilisado desta côrte, para sacudir um pou-

---

(1) F. Denis, "Une fête brésilienne á Rouen".

co o enfaro elegante destes requintados, foi que os tupinambás e os tabajaras do Brasil, com a tanga de pennas e o batoque nos beiços, dançaram as suas danças barbaras :

Aê, coê, coê,
Tatú !
Aê, coê, coê,
Tatú !

Ararê contava, com o seu dizer pittoresco e barbaro, o que foi a festa. Era bizarro, fundamente chocante, alli, na oca, dentro da rusticidade daquelles mattos, o bugre velho a evocar, em francez, coisas grandiosas da França !

Ararê vivera por lá alguns annos. Numa solennidade curiosa, que fez echo, solennidade promovida pela propria rainha, o indio baptisara-se. Baptisara-se, em Paris, no mesmo dia em que tambem se baptisara aquelle tupinambá, seu amigo, que foi o celebre creado de Montaigne.

Mas Ararê aborrecia-se nos boulevards... A cidade entediava-o. Ararê não supportava Paris ! Mordiam-lhe o coração saudades anthropophagas. Um dia, não pôde mais : tor-

nou ao Brasil. Aqui, com ancia, o selvagem buscara a sua taba. Mettera a tanga. Puzera-se de novo a comer gente. Tornara-se tão barbaro como dantes. Era agora, na tribu, o caraiba sagrado.

O sabio e o indio conversaram longo tempo. Por fim, D. Rodrigo indaga :

— Tu, que andaste por terras de brancos, tu, que hoje vês mais claro do que teus irmãos, dize-me, Ararê : que coisas ha, pelo matto, velhas, bem velhas, que contem a vida dos teus avós? Eu vim para saber a historia da tua raça.

Ararê pensa um pouco. Depois, grave e lento :

— SUME' foi o pae. SUME' ensinou os homens a plantar mandioca. Depois desappareceu. Que deixou Sumé na terra? Nada.

— E' verdade, Ararê. Sumé não deixou lembrança. Mas não conheces tu, ahi, por esse sertão, alguma pedra, alguma gruta, que seja velha, muita velha?

— Desce o rio. Dois sóes bastam : ahi encontrarás a gruta que Tupan cavou na pedra para os homens.

D. Rodrigo pensa logo :

— Já ouvi falar. E' gruta de fama !

O caraiba continúa :

— Depois, se quizeres, desce ainda o rio. Desce uma lua inteira. E' longe. Lá, no meio de morros, verás grande taba de brancos. A taba está deserta. Ararê é velho. Ararê viu sempre a taba deserta. . .

Os viajantes ouvem. Emquanto, junto á oca, debaixo da embauba, o caraiba dá aos viajantes noticias daquellas singularidades, longe, lá ao longe, na bandeira de Fernão Dias, vae bruta scena feroz.

Alastrara-se pelo acampamento o caso de Martim Preto. Todos os sertanistas sabem da sentença. Corre pelas barracas uma pergunta só :

— Agora? Que irá fazer o bastardo de Martim Preto?

Não ha que esperar muito. O bastardo dirá logo o que vae fazer de Martim Preto.

E' madrugada. Os sertanistas já ouviram a missa do padre Veiga. Zé Dias traz para fóra o prisioneiro. Reune toda a bandeira.

O bastardo determina :

— A' caminho !

Ninguem comprehende. A bandeira põe-se em marcha. Toca, rio acima, por boa

meia legua. O rio, nesse ponto, tem o remanso empedrado, muito largo, quasi lagôa. Velha massaranduba, crescida caprichosamente na barranca, projecta sobre a agua os seus formidaveis galhos centenarios. Zé Dias faz alto. Que é isto? A bandeira, aterrorisada, começa a comprehender. . .

Os indios apontam o rio, com pavor :

— As piranhas !

Os negros, arregalando os olhos, benzem-se :

— As piranhas !

E' alli o poço das piranhas. E' alli o poço dos peixes que horrorisam. O poço dos peixes carnivoros, furiosamente esfomeados.

Zé Dias ordena aos indios que amarrem o preso. Os indios amarram-n'o.

— Passem duas cordas debaixo dos braços !

Os indios passam as cordas debaixo dos braços.

— Suspendam o homem á massaranduba !

Os indios trepam na arvore. Suspendem o preso ao galho. O corpo de Martim Preto trepida no ar. Zé Dias grita :

— Desçam o homem no rio ! Desçam devagarinho.

A bandeira, assombrada, escuta a ordem brutal. A ordem é cumprida : os indios des-

cem, devagarinho, o corpo de Martim Preto. Os pés afundam na agua. Zé Dias grita :

— Parem !

Os indios param. Martim Preto solta um uivo, dilacerado ! O miseravel tem os olhos escancarados. E' que á flor das aguas, negrejando, agita-se extranha massa viva. São as piranhas. São as piranhas que estão a devorar os pés de Martim Preto. Zé Dias grita :

— Desçam o homem até os joelhos !

Os indios descem o preso até os joelhos. De novo, atroam uivos ! Uivos desvairados, arrepiantes. O infeliz tem o aspecto retorcido : as piranhas, num relampago, comem-lhe as pernas. Zé Dias grita :

— Desçam o homem até as tripas !

Os indios descem. Martim Preto urra, a voz rouca. Pinta-se-lhe no rosto a dor suprema : as piranhas dilaceram-lhe as tripas.

— Desçam o homem até o pescoço !

O desgraçado não pode mais. Perde a fala. Sucumbe.

Zé Dias grita :

— Afundem tudo !

Os indios afundam tudo. Está acabado o supplicio. Zé Dias, como remate :

— Puxem a corda !

Os indios puxam a corda. Surge das aguas a ossada lisa.

— Dependurem esse esqueleto no galho !

Os indios dependuram o esqueleto. A ossada balouça-se tragicamente sobre o rio. O bastardo aponta aquillo :

— Eis o homem que queria fugir. Aquelle que imitar, já sabe : terá a mesma sorte das piranhas. Vamos embora !

A bandeira voltou para o acampamento.

Mathias Cardoso

— A gruta !

Os viajantes saltaram da igarité. Enveredaram-se pela cipoama a dentro.

Entontecedora, a mattaria brasileira. Setembro abotoara festivamente os gommos. Quanta flor ! A infolhescencia verde-negra dos tropicos, borrada de cores quentes, tinha alli o aspecto assanhado de inferno buffo. Tintas bravias ! Tudo gritava. Era o vermelho em fogo das mongubeiras. O amarello escandaloso dos juquiás. O roxo-batata dos pau-d'arcos. O branco dos ingazeiros. O azul profundo dos

cahetés. Por tudo, enfeitando tudo, como risos claros enroscados nos troncos, – uma orgia ornamental de parasitas. Parasitas de todo o geito. Parasitas de todos os tamanhos. Parasitas de todas as cambiantes. Deslumbramento!

Os europeus lá iam, fascinados. Povoava aquelles ermos multidão de bichos. Os homens maravilhavam-se da profusão. Topavam elles, a cada passo, preás que disparavam em magotes. E bandos de cutias. E ariranhas que fugiam aos saltos. E tatús. E ratos. Macacos saracoteavam ás chusmas pela galhaça. Enchiam o matto de guinchos. Havia-os de todo porte: os guaribas, os bugios, os saguis, os coatás.

Bocca-Negra sentia irriquietos desejos de flechal-os. Mas o bugre não trouxera, naquelle dia, arco nem flecha. Deixara-os na igarité. Trazia apenas a sua grossa azagaia de guarantan. A azagaia tinha afiadissimo chuço de osso. O bugre, com a arma ao hombro, caminhava attento.

A's vezes, no chão, destacavam-se rastos grossos de cascos. Bocca-Negra apontava o carreador:

— E' o tapyr!

Outras vezes, mais raras, o rasto era de unhas. Unhas largas de gato pesado. E o indio, apontando :

— E' a onça !

Os homens lá iam... Cortaram aquella faixa de matta. Entraram na varzea. Lá, ao longe, tapando o horizonte, o morro. Os viajantes attingiram-n'o. Ficava ahi a gruta, de que falara o caraiba velho. D. Rodrigo poz-se a contempla-a com admiração. Que coisa de espantar ! (1)

No morro, cobrindo-o, vasta lapa de pedra. Rasgada nella, bem no meio, a entrada. A entrada era larga e solenne como um portico.

Os aventureiros penetraram na furna. Dentro, cavadas nas rocha, tres amplissimas cavernas. Davam a impressão de tres naves. Tinham os tectos recurvos em abobadas. Eram ligadas entre si por arcos formidaveis. Despencava do alto um rendado de stalactites verdes. Os stalactites punham no ar extranho e maravilhoso aspecto. D. Rodrigo não sabia

---

(1) Rev. do Inst. Hist. e Geogr., vol. 12, pag. 87 : "Gruta das Onças", por Alexandre R. Ferreira. Ha tambem a descripção de José Leite Camargo.

o que dizer. Olhava o imprevisto daquillo. O capricho daquillo. E pensava :

— Não ! Não pode ser obra da natureza ; obra do acaso. Isto é um velho templo abandonado. Templo de homem primitivo, cavado na rocha. E' só ver esta abobada ! Este arqueado !

Pelo chão, aturdindo o sabio, havia ossadas impressionantes. Ossadas descommunaes. O proprio Bocca-Negra pasmava-se daquellas extranhezas : havia ossadas que eram duas e tres vezes maiores do que as ossadas dum animal commum !

D. Rodrigo dizia :

— Isto é bicho da biblia ! Bicho de antes do diluvio. E' vestigio de era velhissima. A Atlantida. . .

De repente, entre os esqueletos, o sabio deu com um verdadeiramente bizarro. Ninguem sabia o que era. Animal irreconhecivel. Especie nova. Nenhum dos viajantes vira coisa assim. Tinha patas e unhas desconformes: pareciam as do leão. Mas pareciam apenas ; eram patas e unhas grandes demais para serem de leão. E os dentes ? Simplesmente desnor-

teantes. As presas mediam, incrivelmente, nove pollegadas ! (1)

— E' extraordinario ! Tenho que levar estes ossos para as Flandres. Não ha duvida ! E' preciso que os sabios de lá vejam isto. . .

Enveredou para a segunda nave. Havia já pouca luz nesta caverna. D. Rodrigo entrou. E estacou, espantado : as paredes da furna davam a impressão de vermelho. D. Rodrigo, á luz frouxa, examinou-as com cuidado. Não havia que duvidar : as paredes eram realmente vermelhas. Dum vermelho antigo, meio desbotado – mas era vermelho ! O viajante embasbacara-se deante da curiosidade. Que diabo de rochas seriam aquellas? E que cor !

— Não ! Isto não pode ser obra da natureza ; obra do acaso ! Isto é vestigio de raça extincta. E esta cor? Os atlantes eram vermelhos. Ora, esta cor vermelha. . .

---

(1) Prof. Lund, carta da Lagoa Santa, Rev. do Inst. Hist. Geogr., vol. 4, pag. 82 : "...Grande numero de animaes gigantescos habitavam nessa época as mattas do Brasil. O "mamouth Cuvieri" era do tamanho do elephante. As "preguiças e tatus" continham nesse tempo uma abundancia de especies de dimensões extraordinarias. Entre muitos basta citar um que eu denominei "Smilodou populator". Féra terrivel que se assemelhava ao genero "Felis", excedia ao leão no tamanho e igualava o urso na robustez. As suas presas chegavam ao enorme cumprimento de 9 pollegadas".

Sob o arco, na escuridão, fuzilam dois olhos selvagens...

A terceira furna, lá no fundo, estava ás escuras. A claridade de fóra não chegava até lá. D. Rodrigo proseguiu. Mas não caminhou dois passos. Recuou, arrepiado :

— Ui !

Ruy Vilhena, ao mesmo tempo :

— Ui !

Ouve-se feio ronco. Sob o arco, na escuridão, fuzilam dois olhos selvagens : é uma onça ! D. Rodrigo pula atráz duma columna. Ruy Vilhena pula atráz de D. Rodrigo. Estão ambos bestificados ! A fera passeia olhos lampejantes pela furna. Desenrola-se, então, dentro da caverna, emocionante scena indigena. E' scena relampago.

Bocca-Negra, a azagaia em punho, salta em frente do bicho. A onça e o bugre olham-se. A fera recua. O indio tem os olhos cravados nella. Não perde um movimento. A fera recua... recua... Bocca-Negra segue-a. Vae calculando, com attentissimo olhar, a distancia que os separa. D. Rodrigo e Ruy Vilhena, soffregos, a respiração suspensa, contemplam, detraz da columna, aquelle selvagem quadro violentissimo. E a fera recua... recua... De repente, estaca. Firma-se imperceptivelmente nas patas

trazeiras. Bocca-Negra estaca tambem. Ergue a clava de guarantan á altura do peito. Aperta-a firme. Homem e bicho medem-se, frente á frente. O momento é brutal. Bocca-Negra bate o pé, desafiante. Eis que o desfecho precipita-se. Bruscamente, fulva massa nervosa despenha-se dum salto sobre o bugre. O bugre espantosamente agil, finca bruto a azagaia na fera : a onça estrépa-se na ponta agudissima da clava ! Estrépa-se e urra. O urro é surdo, dilacerado. Urro de dor suprema. A fera tem o coração trespassado no chuço. E desaba no chão, as patas contorcidas, num golfão borbulhante de sangue...

— Vamos ! o macho não demora ahi...

Os europeus mettem-se a correr. Vão loucos. Voam ! Aquillo estupidificara-os...

. . . .

Emquanto isso, na bandeira de Fernão Dias, vae a mesma lucta. A mesma lucta sem treguas contra o inhospito da natureza. Era de ver !

Naquella madrugada terrivel, a madrugada das piranhas, a bandeira abalou. Antes, porem, Fernão Dias mandou buscar o emissario que chegara de S. Paulo. Aquelle mesmo que viera com as noticias de Castel Blanco.

— Careço de vós, amigo. E' necessario que torneis á villa. Preciso que leveis á minha mulher recados urgentes.

— Tornarei hoje mesmo, D. Fernão. Dae as vossas ordens.

— Ide, pois. Ide e contae a D. Maria Bettim o que vistes. Dizei-lhe a minha desajuda. Dizei-lhe a rebeldia de Martim Preto. Dizei-lhe tudo o que temos soffrido. Sobretudo, meu amigo, dizei-lhe isto : a bandeira não tem mais provisão secca. Acabou-se tudo ! Não ha mais sal, nem azougue, nem chumbo. De polvora, existem ahi uns arrateis apenas. Arrateis que eu guardo commigo, trancados no meu paiol. Dizei-lhe que eu tenho necessidade de polvora como de ar. Ide, pois ! D. Maria Bettim é mulher de grandes brios. Uma paulista de raça. Ella saberá o que ha de fazer. . .

O proprio partiu. A bandeira, no mesmo dia, enfiou-se de novo pelo sertão.

Bando lugubre ! Os homens eram espectros. Estavam todos escaveirados. Todos rotos. Todos cabelludos. E lá foram, desesperados.

Sempre a mesma lida! A mesma lida rudissima: levantar de madrugada, ouvir missa, caminhar. Depois, sol a pino, sestear. A' noite, junto

ao corrego, o poiso, as barracas, as fogueiras accesas. No outro dia, a caminho. A caminho, de novo ! Sempre a caminho ! Isso dias e dias. Isso sem cessar. Isso repetido, immutavel.

E as esmeraldas ? Onde estavam as esmeraldas ?

A bandeira ia aos arrancos. Aos arrancos, chuçhada, varou sertões e sertões. Venceu tudo. Em Capivary, arranchou-se. Os homens metteram-se ás pesquizas. Que trabalho ! Atolavam-se nos charcos. Cavocavam morros. Tarrafeavam as aguas. Nada !

As esmeraldas ? Onde estavam as esmeraldas ?

A bandeira caminhou de novo. Furou de novo a paulama bruta. Alcançou Ibituruna, a serra negra. Acampou. Ahi, toca a sondar as furnas. E a catar cascalhos nos ribeiros. E a carrear as areias grossas das chapadas. Nada !

As esmeraldas? Onde estavam as esmeraldas?

Os chefes não respondiam. Meneavam a cabeça, succumbidos. Aquelles fracassos desolavam-n'os. Entenebreciam-n'os.

Morreu a coragem na caravana. Pelas barracas, de novo, começaram os cochichos. Cresceram. Tornaram-se sussurros amargos.

Murmurações violentas. Havia sertanista de peso, com boa récua de arcos, que já dizia alto, sem medo :

— E' loucura ! Não ha esmeraldas pelo sertão. Isto é sonho de Fernão Dias. . .

Mas o paulista era de ferro. Não esmorecia. Tinha energias inquebrantaveis. Tinha mananciaes inexhauriveis de enthusiasmo. A sua fé nutria-se de difficuldades. Quanto mais estorvos, mais chamma !

Fernão Dias, naquella desolação, conseguiu ainda esta coisa enorme : botou de novo a sua bandeira pelo sertão. Acampou em Paraopeba. E vá – toca outra vez a pesquizar ! A correr o matto ! A bater os rios ! Eram fadigas sobre fadigas. Trabalhos de enlouquecer !

E as esmeraldas ? Onde estavam as esmeraldas ?

Cahira nos peões o horror do matto. Ninguem queria ir avante. Não havia mais ambição. Nem esperança, a mais tenue. Antonio do Prado tinha o ar vencido. O capitão Bernal enfezara. Antonio Bicudo tambem. Manoel de Góes resmungava, azedissimo. Todos commentavam, arrependidos :

— Martim Preto é que tinha razão. Antes, mil vezes, ter fugido ! Isto é aventura de louco. . .

Fernão Dias, comtudo, soergueu de novo aquelles homens. Bandeirante unico ! Só mesmo elle, com a sua dureza, com a sua autoridade fascinante, podia realisar o incrivel milagre de arrastar novamente aquelles rebellados. Arrastou-os, sim ! Arrastou-os ainda longos dias pelo sertão.

Emfim, extenuados, poisaram elles no Sumidouro. Ergueram as barracas á beira duma lagôa. Lagôa estagnada e verde. Era a Vupabassú.

Foi o desastre ! As aguas tinham miasmas ruins. Voavam della bafos pestilentos. Vinham daquelles lodos doenças bravas.

Começou a tragedia.

O sertanejo erguia-se, tomava da tarrafa, afundava na agua. De repente, arrepios. Arrepios fortissimos. O queixo a bater desesperadamente. Era a terçã ! O homem vinha, mettia-se na rede, engulia a beberagem de quina. Inutil. O homem não aguentava. Morria.

Morria gente todos os dias ! Morria gente ás chusmas. Um inferno !

E as esmeraldas? Onde estavam as esmeraldas?

Fernão Dias apontava a lagôa esverdeada:

— E' alli que estão as esmeraldas! Alli, naquellas aguas... Vereis!

Tangia os homens para o pantano. Trabalho horrivel! Não havia quem resistisse. Aquillo estava acima de toda a força. A bandeira não pôde mais. Arrefeceu definitivamente.

Mathias Cardoso, o lugar-tenente, procurou o Governador:

— D. Fernão! Tenho a vos falar assumpto grave.

— Falae!

Mathias Cardoso fixou o Governador nos olhos. O sertanista irradiava ares bravios. Havia nos seus modos firme decisão.

— Vim communicar-vos a resolução que tomei.

— Que ha, meu amigo?

— Eu vou deixar a bandeira, D. Fernão. Retiro-me com os homens que me restam.

— Vós, Mathias Cardoso?

— Eu, D. Fernão! Que quereis? Já não tenho mais fé. Esmeraldas é coisa que não ha. Os trabalhos, bem sabeis, têm sido crueis. As

canseiras muitas. Para quê? Só para D. Rodrigo de Castel Blanco apparecer ahi, enfeitar-se com os nossos trabalhos, tirar para si glorias e mercês. . .

— Estaes louco!

— Não estou louco, D. Fernão; não! Vereis ainda o fim disto. Mas não é isso o principal. O ponto é outro: os meus homens morreram quasi todos. Só me ficaram ahi uns tantos arcos dos muitissimos que botei na entrada. Eu desanimei. Não continúo mais na aventura. . .

Fernão Dias escutava, arrazado. Podia esperar tudo, tudo, menos ouvir de Mathias Cardoso a dureza que estava ouvindo. E dizia, ferido:

— Vós, Mathias Cardoso? O meu lugar-tenente? O que eu busquei com tanto gosto? Vós?

— Eu mesmo, D. Fernão! Digo e repito: desanimei. Não continúo mais. Ja reuni os meus homens. Estão todos promptos. Hoje mesmo deixamos a bandeira. . .

Fernão Dias reflectiu. Como conter os homens de Mathias Cardoso? Elles eram ainda bastantes. Tinham boas adagas. Tinham bons

arcos. Mathias Cardoso um sertanista destemido. Fernão Dias respondeu com travor :

— Está bem, Mathias Cardoso. O companheiro mais querido abandona-me no momento cru. Não importa ! Eu tenho vencido indios e feras. Hei de vencer tambem a ingratidão dos amigos. Ide. . .

A noticia reboou logo. Que estouro ! O acampamento ferveu com a partida de Mathias Cardoso. A deserção do sertanista cravou na alma dos que ficavam desalentos insopitaveis. Foi a gotta de agua. Ninguem mais se conformou. Ninguem ! Alastrou-se a idéa, idéa enrodilhante, que sorria a todos como a salvação : voltar ! Caboclo não havia mais que acceitasse sem revolta aquelle destino absurdo. Aquelle destino de correr ás tontas, sem esperanças, com a só certeza de morrer alli, no sertão aggresivo, varado de febres e de frialdades.

Borba Gato correu á barraca de Zé Dias. O bastardo já sabia de tudo. Estava succumbido. Tinha o aspecto confrangedor. A sua antiga arrogancia rolara por terra, em cacos. Borba-Gato entrou como uma rajada :

— Então, Zé Dias? Que diz você a essa infamia de Mathias Cardoso?

O bastardo ergueu os olhos ao amigo. E sombrio, a voz surda :

— Infamia? Não sei se aquillo é infamia.

Borba-Gato abriu a bocca, aparvalhado. O bastardo sacudiu dolorosamente a cabeça :

— Não sei se aquillo é infamia, Borba-Gato. Não sei !

Borba-Gato chammejou :

— Como? Você, Zé Dias? Tambem? Você, como os outros?

Zé Dias murmurou, vencido :

— Que quer você, Borba-Gato?

E depois duma pausa embaraçante :

— Eu, tambem ! Eu, como os outros. . .

Baixou ainda mais a vóz. Num cicio :

— Isto é loucura, Borba-Gato. Loucura rematada ! O pae endoideceu. . .

Não havia mais duvida : Zé Dias era cidadella tombada. Um homem ao mar!

Borba-Gato pensou :

— O paulista está perdido ! Fracassou a bandeira das esmeraldas. . .

A Cuia de Passoca

— Você está louca, bugra?

E' na barraca de Fernão Dias. Borba-Gato buscara com ancia o Governador das Esmeraldas. O sertanista viera tremendo, o aspecto revolto. Trazia comsigo uma bugra. Aquella guayaná a quem o Zé Dias espedaçara o filho. Aquella mesma que tem, na caravana, o officio de preparar beberagens. Borba-Gato entra. Os modos delle, agitados e bruscos, revelam noticias extraordinarias. Fernão Dias extranha aquillo.

— Que ha?

O sertanejo não responde. Toma cautelas exquisitas. Fecha a porta do rancho. Corre olhos desconfiados por tudo. E afflicto :

— Ninguem ?

— Ninguem !

Fernão Dias, com espanto crescente :

— Que é isto? Que ha, Borba-Gato?

— Coisas graves, D. Fernão ! Coisas terriveis ! Vós nem sonhaes o que está succedendo na bandeira. . .

— Levante ?

— Peior ! Os homens acabam de forgicar nova trama. Trama de monstros !

— Dizei o que ha, Borba Gato !

Borba Gato, impressionante, o gesto forte :

— Isto : os homens decidiram matar-vos !

— Quê ?

Fernão Dias, picado, torna ouvir a revelação enorme :

— Sim ! os homens decidiram matar-vos. Ouvistes bem? Matar-vos esta noite. Matar-vos com o veneno do JEKERI (1) Soube eu da tra-

---

(1) Veneno do "jekeri" — Padre João Daniel, "Thesouro descoberto no Rio Amazonas"

ma inteira. Foi esta guayaná quem me revelou o segredo. . .

— Matar-me ? Com o jekeri ?

Fernão Dias vira-se para a guayaná :

— Voce está louca, bugra ?

— Não está louca ; não ! A bugra sabe muito bem o que diz. A coisa é horrivel, não ha duvida. Mas é isso. Não é tudo, porem. Ainda ha outro caso. Caso de pasmar ! Sabeis, D. Fernão, quem é o cabeça da trama ?

Fernão Dias fixa o sertanejo.

— O cabeça da trama?

— Sim, o cabeça de tudo ! Não sabeis? Pois ouvi e assombrae-vos : é o Zé Dias !

Fernão Dias recúa. As barbas tremem-lhe.

— Zé Dias ?

— Zé Dias ! O vosso filho ! E' o chefe da machinação. A guayaná contou-me tudo...

O paulista encara a india com horror. Aquillo sacoleja-o.

— Você está louca, bugra ?

— Não ! Não está louca, D. Fernão. Escutae um pouco. . .

Borba-Gato, fremindo, poz deante dos olhos do Governador a tremenda urdidura do bastardo :

— Zé Dias desanimou, D. Fernão. Desanimou como os outros. Eu fui procural-o naquella tarde em que Mathias Cardoso partiu. Zé Dias estava baqueado. Ouvi eu da bocca delle : "isto é loucura rematada ! O pae endoideceu. . ."

— Ouvistes vós, Borba-Gato? Ouvistes vós isso da bocca de Zé Dias ?

— Ouvi ! Ouvi eu isso, D. Fernão. Vi-o succumbido. O medo picou-lhe o coração. E Zé Dias planejou fugir. Fugir com a bandeira toda. . .

— Fugir como ?

— Sim, D. Fernão ; fugir como? Impossivel varar o matto sem munição. Vós, D. Fernão, sois o unico que ainda tendes arrateis de polvora no paiol. Que fazer? Zé Dias não hesitou : resolveu matar-vos. Matar-vos, arrebanhar a polvora, tocar pelo sertão. E poz mãos á obra. Procurou a guayaná. Trouxe uma braçada de hervas. Ordenou-lhe que fabricasse, ás escondidas, boa pitada de veneno. A guayaná fabricou. Entregou-lhe, ha pouco, a pitada do jekeri. . .

Borba-Gato remata, incisivo :

— Hoje, D. Fernão, hoje é o dia do envenenamento !

Fernão Dias ouve a trama. Não quer acreditar. Historias ! Não é possivel. O Zé-Dias ?

— E' espantoso, Borba-Gato ! Zé Dias a machinar isso? Zé Dias, o meu filho? Não ! Não acredito. Isso é invenção da bugra. . .

A guayaná não diz palavra. Sorri. O sorrir da bugra espinha o coração do bandeirante. Fernão Dias, espicaçado :

— Onde a prova de tudo isso, Borba-Gato? Onde ?

— Muito facil, D. Fernão : Zé Dias, á noite, ha de vos servir a cuia de passoca. E' elle quem vos serve a cuia todos os dias ; não?

— E' !

— Pois hoje, D. Fernão, não a comaes. Determinae ao Zé Dias que a coma. Vereis. . .

Seguro, com impressionante convicção :

— Vereis que Zé Dias não come : a cuia de passoca tem o veneno do jekeri!

Fernão Dias sente a firmeza da accusação. Aquillo choca-o.

— Está dito, Borba-Gato ! Hoje, á noite, hei de ver o que ha de certo nessa historia.

Despede o sertanejo com um gesto :

— Ide !

Será verdade ?

Fernão Dias não se aquieta mais. O aspecto tornou-se-lhe sombriamente doloroso. As coisas que ouvira são brazas no seu coração. Queimam-n'o. Zé Dias a envenenal-o !

Será verdade ?

Aquelle só pensamento arrepia-o. Sacode-lhe os nervos. Sacode-os como vento grosso batendo num cordame de náo.

Será verdade ?

Fernão Dias passeia soturno pelo rancho. Bella figura commovedora ! Sulcam-lhe a testa vincos fundos. Vão-lhe na alma tempestades bravias. O velho repassa, com azedume, as torturas intimas que vem padecendo. Ah, o levante de Martim Preto ! A ingratidão de Mathias Cardoso ! Esses, comtudo, não eram filhos. Vá ! Mas Zé Dias ? Zé Dias, o fructo dos delirios da sua mocidade ! O sangue do seu sangue ! Aquelle que era o seu orgulho ! Aquelle que o velho estremecia com carinhos enternecedores !

Será verdade ?

O bandeirante passeia. Passeia agitado, as mãos atráz, com o inferno dentro do peito. E se for verdade? O paulista estremece como o tigre flechado. A figura barbara do sertanista assume, com tal possibilidade, aspecto

amedrontador. E Fernão Dias passeia. E rilha os dentes.

Será verdade?

Cae a tarde. Sôa ao longe o toque da trompa. E' a bandeira que recolhe. Os homens vêm tristes, a sacola vazia, encharcados da agua barrosa da Vupabussú. O crepusculo é plangente. Põe gemidos longos no sertão. Andam pelo ar tristuras diluidas.

Os homens chegam. Amontoam as pás. Guardam as tarrafas.

A lua nasce. O sertão branqueja-se, merencoreo. Os peões accendem as fogueiras. Brilham, aqui e alli, candieiros de azeite nas barracas. E' a hora da ceia.

A hora tragica !

Fernão Dias, as mãos atráz, continúa a passear soturno pelo rancho. Subito, o velho estremece : a porta abre-se. Zé Dias entra. E com naturalidade :

— Bençam, pae !

Tem o ar sereno. O mesmo olhar. A mesma voz. Tudo nelle é igual ! Fernão Dias desnorteia. Aquella tranquillidade embasbaca-o. Não ! Não é verdade ! O paulista pergunta apenas :

— Que é que vocês fizeram hoje?

— Mandei bater a lagôa no lado do brejo. Carreei pedra que não foi brinquedo! Tinha muita pedra verde. Mas o pratico não descobriu nada. Amanhã vou atacar o serviço na areia branca.

— E os homens?

— Sem novidade. Só o Zé Castanho é que está meio bambo das pernas. Não é coisa demais. Já mandei a guayaná preparar fervedura de cobre.

— A ferramenta?

— Está no rancho.

— Bem. Vamos ceiar.

Tomba rapido silencio. O velho recomeça a passeiar. Depois:

— A minha cuia de passoca!

A voz treme-lhe ao de leve. Mas o bastardo não percebe a tremura fugaz. Envereda-se pelo rancho. Prepara a ceia do costume. E torna logo. Torna com a cuia de passoca nas mãos.

— Prompto, pae!

Deixa a cuia na mesa. Vira as costas, dá uns passos, vae sahir... Fernão Dias retem-n'o com um gesto:

— Esperae, Zé Dias!

— Comei !

O momento é aspero, suffocante. Fernão Dias não se contem mais. Desmascara-se. A sua angustia vem á tona sem peias. O paulista treme. O olhar fagulha-lhe, esbrazeado. Com autoridade, o gesto rispido, Fernão Dias ordena duramente ao filho :

— Comei a passoca !

A ordem é um raio. O bastardo embranquece. A serenidade delle turva-se. O moço agita-se. E freme. E arregala os olhos. . .

— Pae !

— Vamos ! Comei a passoca. . .

Fernão Dias, as barbas trepidantes, aponta a cuia ao filho. Zé Dias recúa, estuporado. Contempla o velho que o vara com o olhar de fogo. Os seus labios descoram. Recúa ainda mais. Leva a mão á adaga. . .

— Pae !

Fernão Dias comprehende tudo ! Tem a prova alli, arrazadora e brutal. Não ha mais duvida : Zé Dias é o envenenador ! O bandeirante chammeja. Dos seus olhos saltam lascas de furia. Indignado, o pae não vacilla : salta como onça sobre o filho ! Enleia-o.

— Miseravel !

Zé Dias debate-se, enlaçado. Fernão Dias subjuga-o com mãos de ferro. Agarra-o pelo pescoço. Arrasta-o para fóra. Fóra, com a buzina, o bandeirante lança um toque violento no ar. E' o toque de alarma. A bandeira revoluciona-se. Os sertanejos acodem ás correrias. Que ha? Os homens topam com o quadro selvagem. La está o pae com o filho agarrado pelo gasnete. A bandeira entende logo. Porque explicações? Os sertanistas sabem muito bem a causa da extranha scena . . .

Fernão Dias, alto, a voz terrivel :

— Tendes razão, Borba-Gato. E' elle mesmo!

Borba-Gato quer amenisar o transe. O soffrimento do pae deve ser apunhalante. Aquillo dóe ao sertanista. Entra-lhe pelo sentimentalismo rude.

— Foi cabeçada, D. Fernão ! Cabeçada de rapaz novo. Dae-me agora o preso. Eu o farei tornar a S. Paulo.

Fernão Dias franze o cenho. O bravio daquelle caracter assanha-se com mais ira.

— Tornar a S. Paulo? Nunca ! Para crime desses ha uma pena só: morrer ! A bandeira precisa saber que eu não cedo. Zé Dias é meu

filho? Pouco importa! Quem commetter delicto igual, terá sorte igual. E' a lei da bandeira.

Vira-se brusco para Borba-Gato. Sem tremer, implacavel, com uma severidade epica:

— Borba-Gato: enforcae o meu filho!

E' formidavel! A bandeira gela. Aquella ordem, na noite branquejada de luar, dentro do matto, põe arrepios anavalhantes no coração. Borba-Gato está chumbado ao chão. Não sabe o que fazer. Hesita. Mas Fernão Dias é inquebrantavel:

— Borba-Gato, trazei a corda!

Borba-Gato traz a corda. Os peões armam a laçada na ponta. Ha, junto ao rancho, grossa figueira brava. Dois homens sobem ao galho da figueira. Fernão Dias ordena:

— Passae o pescoço na laçada.

Os peões, cá de baixo, enfiam o pescoço do bastardo na laçada de corda. E o pae, com a mesma firmeza, a voz limpida:

— Suspendei-o!

Aquelles caboclos são rusticos. Quasi selvagens. Mas aquelles caboclos sentem um estremeção que os sacode. Fernão Dias a enforcar o filho! A bandeira tem a respiração suspensa. Tem os olhos cravados na corda.

A' claridade impressionante da lua, na figueira brava, os homens começam a suspender o corpo de Zé Dias. Ouve-se surdo ronco. O miseravel escancara os olhos. Arregala a bocca. Espicha a lingua. O corpo vae subindo, vae subindo...

Ao longe, lá ao longe, a guayaná contempla, com olhos sofregos, o corpo que sobe. (Ah, o bugrinho que chorava... Os seios sem leite... Macaco, Urutú, péga, péga !) A india agarra no arco. Entesa-o. Mira o corpo que baloiça no ar. Acerta bem a pontaria. De repente...

Tremula ponta, zunindo, crava-se de golpe no Zé Dias. Que é isto? Todos olham, surpresos : era a guayaná que varára, com um flechaço, o coração do bastardo.

As Aguas da Vupabussú

Ruy Vilhena não se cançava. Era, todo o dia, aquelle matracar:

— D. Rodrigo, já é tempo de voltar! Onde diabo vamos nós? Largae mão dessas baboseiras de caverna, e de osso de bicho, e de não sei mais quê! Vamos tornar á bandeira. Isso é que é...

Inutil! O professor de Groninga era uma vibração só. Ancias insopitaveis de descobrir, de ver coisas exoticas, arrastavam a alma scientifica do europeu. As surpresas entontecedoras, que os tropicos punham prodigamente deante

dos seus olhos, aturdiam o fascinado pesquizador da Atlantida. Debalde Ruy Vilhena o azocrinava :

— D. Rodrigo, já é tempo de voltar ! Onde diabo vamos nós?

D. Rodrigo teimava em buscar a "taba sem gente". Queria vêr, custasse o que custasse, aquella extraordinaria taba de que dera noticia o caraiba velho. Não houve meio de demovel-o.

— Como voltar sem ver tal singularidade? Mais um pouco de paciencia, Ruy Vilhena ; um pouco só ! Depois tornaremos á bandeira.

Lá foram. Rolaram agua abaixo durante semanas. Emfim, abicaram.

Saltaram em terra. Tocaram por aspera garganta de morros. A região era extranha. Impressionadora. Tudo cascalho e rochas. As bizarrices do paiz aturdiam. Que era aquillo ? Onde iria desemboccar aquella garganta?

Os homens caminharam, caminharam. Naquelle dia . . .

Naquelle dia, D. Rodrigo embasbacara ! Nunca imaginou o sabio topar, em pleno matto, curiosidade assim chocante.

Tinha razão o professor ! A coisa maravilharia qualquer um. E' que os viajantes, entre aquelles morros, depararam esta coisa pasmosa : uma cidade. Sim, uma cidade abandonada ! Cidade antiquissima, toda ruinas, ouriçada de entulhos – mas cidade. D. Rodrigo abria a bocca. Que achado opulento ! Aquillo era manancial de vestigios humanos. Restos, por certo, de era morta. Restos de velha civilisação. O sabio penetrou com volupia naquellas rusticas antiqualhas. Tinha a volupia do oriental entrando num sonho de opio. (1)

Arcos de pedra, negros do tempo, davam entrada á povoação. Dentro, uma rua. Rua comprida e larga. Nella, de lado a lado, montões de lages. Pedaços de paredes. Pilares. Destroços. D. Rodrigo ia examinando tudo. De repente, em meio das pesquizas, o professor soltou um grito :

— Vêde ! Vêde !

Os companheiros accorreram, curiosos. D. Rodrigo, realmente, deu com este achado inte-

---

(1) Vide "Relação historica de uma occulta e grande povoação antiquissima". Rev. do Inst. Hist., vol. 1, pag. 150.

Mesmo assumpto : vol. 50, "Cidades abandonadas e inscripções lapidares." – Tristão A. Araripe.

ressantissimo : numa lage de pedra, em relevo, muito primitivo, estranho busto de homem. Homem chato, sem barba, a cabeça toscamente ornada de folhas. Obra rude ; arte nascente. Mas formidavel como descoberta ! O sabio agarrava na lage com fremitos. Devorava-a. Que era aquillo? De que epocha? E analysava, e conjecturava, e fantasiava. . .

Povoação rude ! Sentia-se, pelos vestigios, a feitura selvatica das moradias. Tudo de pedra, como furnas. Não havia, entre aquellas ruinas, nenhum objecto de uso. Nem alfaias. Nem moveis. Nem ferramenta. Que diabo de cidade era aquella?

Percorreram os viajantes toda a rua. Iam de espanto em espanto. Ao fim della entraram elles, de golpe, numa praça quadrada. Ahi, sim, o assombro empolgou a todos ! O que viam era isto : nos quatro cantos da praça, quatro altas agulhas de pedra, á moda de obeliscos. No centro, vasta molle preta ; sobre ella um homem rude, desconforme, apontando o norte.

D. Rodrigo não cabia em si. O sabio alagara-se de gosto. Até que emfim, na bruteza da America, descobrira elle vestigios duma civilisação melhor ! Descobrira vestigios de homem

menos selvagem. Mas que homem era este? D. Rodrigo sonhava logo com os atlantes. . .

O professor de Groninga ganhara a sua viagem á America. Aquella descoberta pagou-o das suas canceiras. Radioso, a alma em festa, poz-se o sabio a estudar, com enlevo e soffreguidão, as ruinas da cidade deserta. . .

Alegria assim, entontecedora, não teve apenas D. Rodrigo. A bandeira das esmeraldas – emfim ! – teve tambem o seu grande dia de jubilo.

Fernão Dias alanceara-se com o episodio do bastardo. A tragedia lanhou-o fundo. Botou-lhe no coração de pae azedumes irreprimiveis. O bandeirante tornou-se funebre. Não falava a ninguem. Não dormia. Passava dias inteiros enjaulado no rancho. Sombreava-lhe a figura aspecto ainda mais asselvajado. Era doloroso contemplar o velho. . .

Cahira na bandeira, pesadamente, a desesperação. Esmagava-a essa dolorosa sensação do impossivel. Esperar o quê ? Esmeraldas ? Qual ! Os homens esperavam uma coisa só : morrer. Morrer alli, no matto, como bichos.

De improviso, naquelles ermos, echoaram certo dia rumores festivos. Gritos, tropel de

bestas, tilintar de sincerros. O acampamento alvoroçou-se. Que alegria! Um raio de sol naquelles lutos: tornara ao acampamento, de S. Paulo, o emissario que Fernão Dias mandára á mulher. E tornara com as bruacas entupidas de provisão. E tornara com polvora! E com sal! E com roupas! E com passoca! Foi um alento novo. Nova lufada de vida. Fernão Dias, como os outros, exultou. Aquella ajuda reaccendeu no bandeirante a flamma amortecida.

O paulista, emocionado, recebeu o emissario no seu rancho. Crivou-o de perguntas. Logo, como idéia torturante:

— D. Rodrigo de Castel Blanco?

— Vem ahi. Metteu-se já pelo sertão. Não tardará muito que vejaes o castelhano surgir no vosso acampamento...

A noticia chuçou o orgulho do velho. Acirrou-o. O seu olhar coriscou, ameaçante. Mudou immediatamente de rumo.

— E D. Maria Bettim?

— D. Maria Bettim mandou-vos estas letras. Aqui estão ellas.

O proprio estendeu a D. Fernão uma carta da mulher. A carta era de commovedora simplicidade. Dizia pouco. Mas que linda! Extrava-

sa-se della, pittorescamente, um heroismo obscuro. Heroismo ingenuo e bello ! Assim :

> "...Vendi a nossa terra da MUMBUCA para o Juca Proença. Com o dinheiro comprei os mantimentos e algum panno de algodão que ahi vae. Não deu o dinheiro para mais. Vendi por isso os cinco escravos que ficaram commigo. Com o dinheiro comprei o sal, que está pela hora da morte, toucinho e azougue. Faltou ainda um pico para pagar o azougue. Vendi então as minhas peças de ouro e os brilhantes. O par de bichas, que veiu do Reino, ficou para D. Branca. Comprei, com o dinheiro, a polvora que está na bruaca de pello. Mas achei que era pouca. Vendi a nossa copa de prata, que rendeu bem. Enchi mais duas bruacas de polvora. Faltava a meudeza, roupa e cobre. Vendi para isso as joias das nossas filhas. . ."

Vendera tudo ! Não poupou sequer as suas joias. Nem as das filhas. Fernão Dias, lendo, tinha um nó na garganta. Estava suffocado. Não chorou por que um bandeirante não chora.

Dominou-se. Mas aquillo entrou-lhe direito no coração. E continuou :

> ". . . a villa só fala de vós. Ha gente que não acredita mais nas pedras. Não faz mal ! Quanto a mim, D. Fernão, só vos peço uma coisa ; é a mesma que eu vos pedi no dia da partida : não volteis sem esmeraldas !
>
> Maria Garcia Rodrigues Bettim."

Naquelle dia, com espanto, a bandeira viu o paulista, em pessoa, partir com a tarrafa ás costas. Sahiu o velho, com animo decidido, a tarrafear nas aguas pestilentas da Vupabussu ! A carta da mulher esbrazeara-o. NÃO VOLTEIS SEM ESMERALDAS... A phrase bailava-lhe deante dos olhos. Aquellas palavras, como gottas ardentes, tombavam queimantes no seu cerebro. NÃO VOLTEIS SEM ESMERALDAS... Sim, era preciso achar as pedras, custasse o que custasse! Mais uma tarrafeada na lagôa. Mais uma só ! Era a ultima tentativa. Depois – o sertão de novo ; depois – novamente, pela mattaria a dentro, em busca das esmeraldas !

Os sertanejos lançaram-se ao trabalho com impeto. Vivo enthusiasmo, naquelle dia, bro-

tara nelles. A Vupabussú encheu-se de vozerio. Que afinco no tarrafear! Os cestos vinham pesados. E subiam areias. E subiam cascalhos. E barro. E pedras. Foi o dia inteiro, na lagôa, faina sem treguas. Faina desesperadamente rude.

Borba-Gato buzinara o toque de recolher.

Cahira a tarde. Vinham do crepusculo melancholias suaves. Grande serenidade amaciava o sertão.

Terminara a tarefa.

Eis que, na douçura da tarde, um grito aspero estronda no ar. E' grito louco, sacolejante. Grito desvairado de jubilo:

— Esmeraldas!

Os sertanejos estacam. Que é? E olham, surpresos: lá está, á beira d'agua, os braços abertos, a figura selvagem de Fernão Dias! O velho, com os cabellos brancos, as barbas brancas trepidando ao vento, o aspecto revolucionado, formidavel – gesticula:

— Esmeraldas! Esmeraldas!

Os sertanejos largam tudo. Correm, precipitados. Acercam-se do paulista numa algazarra bravia. Esmeraldas? Sim, esmeraldas!

— Esmeraldas!

Fernão Dias, com o pratico, aponta a descoberta fulminadora :

— Esmeraldas !

No chão, deante delles, estendem-se as pedras. Pedras verdes ! Os sertanejos tocam. E examinam. E reconhecem. E desmancham-se em gritos :

— Esmeraldas !

E' um delirio ! De bocca em bocca, embebedante, enlouquecedora, vôa a palavra magica:

— Esmeraldas ! Esmeraldas !

O bandeirante não se contem. Alli, no sertão, deante dos caboclos emocionados, Fernão Dias Paes Leme cae de joelhos. Silencio subito. O heroe, majestoso e bello, os largos braços erguidos para o céo, põe-se a bradar com retumbancia :

— Deus seja louvado ! Deus seja louvado ! Foi Deus Nosso Senhor que mandou as esmeraldas ao pobre velho. . .

Borba-Gato arranca o trabuco : um tiro estruge no ar. Logo, enchendo o sertão, sacudindo a tarde – gritos, vivas, chapéos ao ar, algazarra infernisante, todo um brutal escachôo de jubilos :

— Esmeraldas ! Esmeraldas !

A bandeira vive alli a sua grande hora. Emfim, as pedras! As pedras tão furiosamente ambicionadas! As pedras que custaram sangue e vida! Alli estavam ellas, verdes!

— Esmeraldas!

O rancho de Fernão Dias, nessa noite, entupiu-se de bandeirantes. Estavam elles commovidissimos. Borba-Gato esfusiava. Alegria torrenciosa alagava o sertanista. Todo elle era vibração e chamma. E Garcia Paes? E Diogo Barbosa? E Gonçalves Figueira? Tudo fremia com o mesmo fremito.

Fernão Dias amontoou as pedras. Escolheu um punhado dellas. As maiores e as mais verdes. Eram 147. Metteu tudo num saquinho. Coseu e lacrou. Francisco Ribeiro, o sobrinho, estava á espera. Fernão Dias tomou o saquinho e entregou-lhe:

— Eis as esmeraldas, Chico. Levae-as a galope para S. Paulo. Entregae á camara. Dizei que enviem tudo a el-rei pelo primeiro barco. Parti!

Francisco agarrou nas pedras. Sahiu. Todos acompanharam-n'o. Fóra, o rapaz pulou para riba do seu cavallo.

— Adeus, senhores!

Fez largo aceno com a mão. Esporeou o animal. E partiu desabalado para S. Paulo. . .

A noite clara, tropical, accendera todas as estrellas. O cruzeiro, muito limpido, abria no azul os braços tremulos. Fernão Dias, da porta do rancho, seguiu o cavalleiro com os olhos. Seguiu-o com olhos longos, victoriosos, chammejantes de felicidade e gloria. Que viesse agora D. Rodrigo de Castel Blanco ! Que importavam as bravatas do castelhano? Era elle, o paulista. . .

Subito, um tremor extranho. Calafrio fortissimo. D. Fernão sente a cabeça ôca. Os queixos batem-lhe. Batem-lhe desesperadamente ! Que é? Borba-Gato ampara o velho. Empurra-o para o catre.

— Trazei a quina !

Garcia Paes sae numa lufada á cata da quina.

Borba-Gato, com fundo desconsolo, deixa tombar os braços para o chão :

— E' a tremedeira !

Sim, era a tremedeira ! Era a terçã ! As aguas da Vupabussú não escondiam sómente pedras verdes: ellas tinham tambem febres bravas. . .

A "Festa Grande"

A taba de Vuturuna amanhecera em alvoroço. Formigavam nella indios ás chusmas. Eram indios amigos, de nações visinhas, que vieram para a FESTA GRANDE.

Festa rarissima, essa. Os selvagens haviam preparado a cerimonia com todos os requintes da pompa rustica.

Vuturuna, o pae de Bocca-Negra, envelhecera. Dias inteiros passava o cacique estendido na rede. A's vezes, murcho e gasto, sentava-se o velho na soleira da oca, ao sol. Não passava dahi. Não tinha coragem para mais. Era o cacique apenas sombra do que foi.

Tivera este bugre dois filhos só. Um, o mais velho, os europeus vararam com balasios de bacamarte. O outro, o Bocca-Negra, sahira pelo matto á procura de brancos para vingar o irmão. Esse nunca mais tornara.

O cacique principiou a baquear. Foi-se-lhe a arrogancia. Embranqueceu. Curvou. Os dentes apodreceram. Vuturuna ficou velho, velho . . .

O selvagem sentiu o quebramento do corpo. Pensou logo em cumprir a usança dos seus maiores. Era usança muito antiga. Os covardes não a cumpriam. Mas o cacique, um bravo como Vuturuna, tinha ainda, mesmo na velhice, brios bastantes para a cumprir.

Vuturuna reuniu a tribu em conselho. E disse :

— Vuturuna está velho. Perdeu a força. Nem pode mais, com o arco, flechar o gavião que passa no ar. Outro guerreiro, mais forte, seja agora o cacique. Vuturuna precisa morrer. Que o cacique novo, com o tacape, quebre a cabeça do cacique velho. Chegou a vez da FESTA GRANDE.

Calou-se. Os indios ouviram. O canudo de pitum correu a roda. O pagé, que era selvagem sisudo, falou :

— Sim, Vuturuna está velho. Vuturuna não pode mais levar os homens á guerra. E' justo, por isso, que outro cacique fique no lugar de Vuturuna. Mas Vuturuna não precisa morrer já. A usança dos maiores é que o filho moço mate o pae velho. Vuturuna que espere a Bocca-Negra. Porque fazer já a "festa-grande"?

— Bocca-Negra não volta mais. Os nossos têm guerra com os pés-largos. Vuturuna pode cahir prisioneiro dos inimigos. Os pés-largos hão de comer a Vuturuna com raiva. Não! Vuturuna quer ser comido, com festa, pelos guerreiros da tribu. Que as velhas, pois, preparem o cauim. Que os amigos venham das tabas. Vuturuna decidiu morrer: Vuturuna quer a FESTA-GRANDE.

Os bugres não tinham que discutir. Era obedecer. Principiaram logo os preparativos. As velhas metteram-se a fermentar vinhos. Coseram balaios de cariman. Moquearam antas e macacos. Emquanto isso, com ritual, corriam emissarios ás tabas visinhas convidando amigos e parentes. Houve reboliços pelo sertão. A FESTA-GRANDE! Aprestaram-se tabas inteiras para a matança do cacique velho.

Eis porque, no dia marcado, a aldeia de Vuturuna anda naquella fervedura. E' aquelle enxame de bugres. E' aquelle tropel. E' aquelle estrondo de inubias e trocanos. De repente, em meio dos alaridos, surgem tres viajantes. A bugrada espanta-se. Quem são? Quem são? Logo, de bocca em bocca, estruge uma palavra só:

— Bocca-Negra!

E' Bocca-Negra que traz os europeus á taba de Vuturuna. O indio caminha. Fura aquelle torvelim de selvagens. Vae até a oca do pae. Entra. O velho contempla o chegadiço. Não quer acreditar! Ergue olhos estupefactos para o filho. Segura-o. Apalpa-o. Cheira-o. Passa-lhe as mãos na cabeça.

— E's tu, Bocca-Negra?

— E', pae! E' Bocca-Negra que veiu...

Entram os guerreiros. Entram os amigos. Entra o pagé. Vêm todos rindo, alvoroçados. Formam logo a roda. Sentam-se de cocoras. Bocca-Negra, deante delles, conta ao pae seus trabalhos:

— Bocca-Negra sahiu á procura dos brancos. Bocca-Negra caminhou muitas, muitas luas. Cortou o matto inteiro. Um dia, não sabe como,

Bocca-Negra cahiu nas mãos dos brancos. Foi escravo. Bocca-Negra trabalhou. Bocca-Negra teve ferro nos pés. Bocca-Negra soffreu, pae! Pensou que não via mais a taba. Mas Tupan ajudou. Bocca-Negra teve que guiar dois extrangeiros no matto. Bocca-Negra veiu trazendo os brancos, com disfarce. Veiu trazendo, veiu trazendo. Os dois brancos estão agora ahi, pae! E' para a vingança.

O velho ouvia. Aquella sombra de gente illuminou-se. Os olhos delle riam. A bocca ria. As rugas riam. Tudo ria! E falou:

— Bocca-Negra demorou muito. Vuturuna envelheceu. Não esperava mais o filho. Mas Tupan mandou Bocca-Negra, hoje, á taba do pae. O pae vae morrer, Bocca-Negra. Bocca-Negra veiu no dia da "festa-grande"...

O filho fixou olhos surpresos no pae. A "festa-grande"? Bocca-Negra ouvira bem?

O velho:

— Vuturuna ia morrer triste. Não tinha o filho para dar ao pae a tacapada da morte. Mas Bocca-Negra veiu.

Bocca-Negra, com crescente espanto:

— Vuturuna vae morrer?

— Vae. Hoje é o dia da festa-grande.

Foi Tupan que mandou Bocca-Negra á taba de Vuturuna. Por isso a festa grande é hoje. Vuturuna não quer que fique para outro dia.

Calaram-se. Bocca-Negra reflectia. Subito, apontando os europeus :

— E os brancos, pae?

— E' preciso engordar os brancos, filho. Só na outra lua os brancos estão gordos. . .

Bocca-Negra lançou inquieto olhar aos bugres. Os bugres comprehenderam-n'o. Principiaram a discutir. Que fazer? Era melhor seguir as ordens de Vuturuna: não adiar a festa-grande. Porque adiar? Era inutil. Os prisioneiros, sim, ficariam para morrer na lua proxima. Mas Vuturuna seria sacrificado. Aquella noite seria, irrevogavelmente, a noite da FESTA-GRANDE.

— Bocca-Negra leve os brancos á oca de Caêtê. E' a que fica no fim da taba.

Bocca-Negra tornou a lembrar aos indios as manhas com que trouxera os brancos. Elles não sabiam que iam morrer. Melhor deixal-os nesse engano. Assim não tentariam fugir. Depois, na outra lua, Bocca-Negra contaria aos prisioneiros a sorte que os aguardava.

A astucia de Bocca-Negra era boa. Ficou assentado que nada se diria aos forasteiros. Bocca-Negra conduziu-os a oca de Caêtê.

Explicou-lhes, ahi, a extranha festa da noite. Os europeus ouviram com espanto a usança barbara.

— Que raça, D. Rodrigo! Que raça! Matar e comer o proprio pae...

Bocca-Negra avisou:

— Os brancos precisam ficar na oca. A festa-grande é sagrada. Os extrangeiros não podem assistir á festa-grande...

Bocca-Negra sahiu. Recolheu-se á choça do pagé. Ser o matador, na festa-grande, era honra suprema. Havia severo ritual para a cerimonia barbara. Bocca-Negra começou a paramentar-se com os paramentos do rito...

D. Rodrigo e Ruy Vilhena recolheram-se á oca. Dentro della, na rede, havia um bugre a dormir. Era Caêtê. Emquanto os viajantes conversavam, o indio despertou. Poz-se logo a chorar com furia.

— Ahn! Ahn! Ahn!

Appareceu immediatamente a india. Era a mulher de Caêtê. O bugre, da rede:

— Ipadú!

A india ergueu um balaiosinho do chão. O balaiosinho estava cheio de IPADU'. Eram bolotas pequeninas, pardacentas, que os selvagens fabricavam com o sumo da coca. O indio agarrou com ancia num punhado de bolotas. Enguliu-as. Enguliu-as e adormeceu de novo. Ruy Vilhena sorriu. O aventureiro conhecia bem bem aquillo ! Apontou o bugre na rede :

— Está sonhando, o bruto ! Aquellas bolotas têm não sei que diabo de droga que faz a gente sonhar. . .

Era verdade ! Os indios tinham sempre, nos giraus, boa provisão de ipadú. Quando partiam para as guerras, ou para as longas caçadas, carregavam os seus balaiosinhos de bolotas. Aquillo, pensavam elles, tirava a canceira do corpo. Por isso, mal sentiam a fadiga, punham-se a comer ipadú. A cocaina subtilizava-os. Tornava-os ageis e leves. Chofrava-lhes vida lepida. Elles recomeçavam, sem canceiras, a trotar de novo pelos caminhos. Havia indios perdidos pelo ipadú. Comiam-n'o aos punhados. Caêtê era um desses. Tinha o vicio do ipadú. Na oca, dias inteiros, quedava-se o bugre deitado na rede. Mal acordava, abria a bocca :

— Ahn! Ahn! Ahn!

A mulher já sabia. Erguia ás pressas o balaiosinho. Caêtê engulia as suas bolotas. Adormecia. E lá ficava a sonhar com coisas appetecidas. Via-se então, na fantasmagoria da coca, correndo ás soltas pela serra do Erêrê.

A Serra do Erêrê! Na Serra do Erêrê todas as coisas eram grandes. As vespas eram grandes. Os beija-flores eram grandes. Havia rios grandes, grandes. E tapyres grandes, ás manadas. Na Serra do Erêrê todas as coisas eram grandes!

Os extrangeiros contemplavam com extranheza o curioso comedor de ipadú. Pasmavam-se ambos da virtude adormecedora da droga.

De repente, na oca, entram duas mulheres. Uma dellas traz as cuias de cariman. Outra carrega as redes brancas de algodão.

D. Rodrigo e Ruy Vilhena tinham tristezas no coração. Estavam ambos scismativos. Esquisito, indefinido sentimento melancolisava-os. Ruy Vilhena pegou na sua cuia de cariman. E com um suspiro:

— D. Rodrigo! Isto aqui é o fim do mundo...

A bugra que trouxera a cuia estremeceu. Subito clarão lampejou-lhe no olhar. Ella cra-

vou no aventureiro olhos avidos. Ruy Vilhena continuava :

— D. Rodrigo ! Isto aqui é o fim do mundo. Já é tempo de largar mão do matto. Vamos tornar á bandeira. . .

— Tendes razão, Ruy Vilhena !

A bugra estremeceu de novo. Olhou com ancia para D. Rodrigo. Pintou-se-lhe no rosto viva expressão de angustia.

— Tendes razão, Ruy Vilhena ! Isto aqui é o fim do mundo. Vamos tornar á bandeira. . .

As mulheres armaram as redes. Partiram.

Sós, os europeus deitaram-se nas inis. Havia dentro delles nostalgias doridas. Nenhum falava. Ambos engolfavam-se fundamente nos seus pensares. Pungiam-n'os saudades vagas de coisas vagas. De quando em vez, quebrando o silencio da oca, Caêtê acordava :

— Ahn ! Ahn ! Ahn !

A mulher apparecia. E o indio :

— Ipadú !

Caêtê comia as suas bolotas. Adormecia de novo. E lá punha-se a sonhar com os montes azues. Montes azues onde vivia Rudá. . .

Cahiu a noite. Fóra, no pateo, estruge a fanfarreada dos bugres. A festa-grande ferve.

Roncam borés. Gritos. Saracoteios. O cauim roda. A bebedice põe grandes risos carnivoros naquellas boccas selvagens.

Em meio á algazarra, estronda, subito o ribombo do trocano. E' o signal. A festa-grande vae principiar.

O pagé sae á busca de Vuturuna. Vuturuna apparece. O indio tem o ar festivo. Segura entre as mãos o arco fiel. A aljava está cheia de flechas. Traz ao pescoço, com orgulho, o seu collar de dentes. Cada dente significa um inimigo vencido. O collar de Vuturuna é magnifico : dá quatro voltas ao pescoço ! O pagé conduz o velho ao meio do terreiro.

Bocca-Negra, na oca, enfeitou-se com todos os enfeites do rito. Botou á cabeça alto kanitar de pennas. Cobriu os rins com o enduape de couro de onça. Vermelhejou-se de urucum. O peito, que untou com untos pegajosos, crivou-o de penninhas tenras de papagaios.

Bocca-Negra sae da oca. Circumda-o vasto sequito de guerreiros. A bugrada, á vista do matador, rompe em berros. Estrugem inubias e tambores. Alarido bruto !

Bocca-Negra caminha até o pateo. Vuturuna já está lá, á espera. O pae e o filho de-

frontam-se. Olham-se. O olhar delles é firme e bravo. Os indios formam-se num circulo em torno. E' o momento. O velho diz :

— Filho, eis a tangapema. Fere !

Entrega a tangapema ao matador. Ajoelha-se. Bocca-Negra agarra na clava. Ergue-a no ar. E. . .

Emquanto os indios, no pateo, têm olhos soffregos na scena, os dois europeus, na oca de Caêtê, vivem uma hora estuporante. Hora arrepiadora. Sacode-os emoção fortissima.

Ruy Vilhena não havia adormecido ainda. Atropelavam-se nelle presagios agoirentos. O aventureiro perdia-se em scismas. Eis que, no silencio da noite, o aventureiro principia a ouvir – rac-rac, rac-rac – um ruidosinho extravagante nas paredes da oca. As paredes eram feitas de esteiras de pindoba. Ruy Vilhena poz-se a escutar com attenção. O ruido lá estava, rac-rac, rac-rac. Ruy Vilhena, intrigado, ergue-se da rede. E recúa, assombrado : fina ponta de adaga furava agilmente a esteira da parede ! A adaga entrava e sahia, entrava e sahia. Rac-rac, rac-rac. . . Ruy Vilhena salta da rede. Precipita-se para D. Rodrigo. Sacode o sabio :

— D. Rodrigo !

O europeu desperta. Ruy Vilhena, emocionado, aponta-lhe o ruido :

— Vede ! Vede !

O sabio olha. E pasma-se tambem ! Que é aquillo? A adaga entrava e sahia, entrava e sahia, furando... Os homens não sabem que fazer. Contemplam embasbacados a singularidade.

Nisto, Caêtê acorda :

— Ahn ! Ahn ! Ahn !

A adaga encolhe-se rapida. O bugre :

— Ipadú !

Ruy Vilhena corre ao balaiosinho. Passa a coca ao bugre. Caêtê engole um punhado de bolotas. Adormece...

Recae o silencio na oca. Os dois homens estão aturdidos.

— Que seria aquillo, Ruy Vilhena?

— Que seria aquillo, D. Rodrigo?

Não ha tempo para raciocinar. O ruido começa de novo. Lá está a adaga - rac-rac, rac-rac. O caso é desnorteante. Os homens não podem comprehender. E esperam. A adaga lá vae, afiadissima. Rac-rac... Recorta vasto quadrado na esteira da parede. Depois, um sacolejão : o quadrado cae. Os homens afastam-se,

gelados : pela fenda, muito agil, esgueira-se na oca uma india. E' aquella mesma india que trouxera o bolo de cariman. Ruy Vilhena arranca o trabuco :

— Que ha?

A bugra leva os dedos aos labios, mysteriosa:

— Psiu !

A mulher tem o aspecto revolto. O ar afflicto. E com a voz sumida :

— Vinde ! Vinde commigo ! Depressa. . .

Os homens ouvem aquillo em portuguez ! O espanto paralysa-os. Estão ambos estupefactos.

— Vinde ! E' preciso aproveitar hoje. A noite é de festa. Estão todos bebados. Depois, na outra lua, sereis os dois sacrificados. Vinde !

A mulher corre a D. Rodrigo. Empurra-o para o buraco da parede. D. Rodrigo passa. Ruy Vilhena tambem. Ambos seguem a extranha bugra.

A festa-grande estruge ao longe. Resôa, pelo ar, o estrupido do bate-pé. Ha alaridos selvagens. Gargalhadas. Roncos de borés. Surda, enchendo a noite, a mesma velha, monotona moacema dos bailados :

Aê, coê, coê,
Tatú,
Aê, coê, coê,
Tatú !

A bugra, ao sahir, amarra ás costas o cabaz das longas jornadas.

Todos, india e viajantes, largam-se desabalados pela picada. Vão como loucos. Correm. . . Correm. . . Alcançam o rio. Pulam para dentro da igarité. Mettem-se os tres a remar com furia. A canoa roça apenas á flor das aguas. Vôa !

O reboliço da festa fica lá, ao longe. Os echos vão sumindo. Diluem-se. Mal se distinguem agora. Apagam-se.

A igarité vôa ! Numa curva do rio, largo remanso empedrado, os viajantes abicam. Saltam. A bugra enche a canoa de agua. Afunda-a. Arranca do seu cabaz grande rolo de cipó. Mergulha. Prende, com os cipós, a canoa no fundo do rio, entre as pedras. Surge novamente á tona :

— Vamos !

Os fugitivos não deixam vestigio algum da fuga. E tocam-se doidamente pela paulama. Disparam ! Não têm treguas. Varam o matto

como cervos. Correm a noite inteira. Afinal, estacam. Não podem mais. Estão exhaustos. Têm necessidade de descançar.

Vae amanhecendo... O oiro esbatido da madrugada bubuia no ar. Flue pallidamente entre as copas altas. O matto acorda. Principiam, timidos, os rumorejos da selvatiqueza que desperta. E' um pio vago. Entontecido bater-de-azas. Pulos de coatá.

Logo, enchendo o matto, a vida a borbulhar num escachôo tropical! São trilos. E voos. E zumbir de vespas. E grunhidos. E roncos de bichos. E cheiros humidos de troncos. E o vermelho trombeteante dos cumarús. E alegria orvalhada das orchideas.

E' tudo festa! Festa vegetal! Festa orgiaca de sons, de perfumes, de cor...

Os homens sentam-se numa raiz de guaparahiva. Descançam. A bugra, exquisitamente, some-se pelo espesso da matta. Ahi, sosinha, abre o cabaz de taquara. Retira della uma velha saia do Reino. O corpete. A coifa branca.

Os europeus lá estão. Contemplam, desalentados, aquelle fundo pedaço da America. Que sertão bruto! Onde estavam elles?

Os viajantes erguem-se, ferrotoados...

Eis que a bugra reapparece de subito. Vem vestida. Traz a coifa branca na cabeça. O corpete. A saia do Reino. O sol chofra-lhe no rosto claro. Os olhos são verdes. Que é aquillo? Os viajantes erguem-se, ferrotoados. Ruy Vilhena, a bocca aberta, freme de emoção, D. Rodrigo escancara os olhos, sacudido. E ambos, com um brado só :

— Angela !

O Louco

Noite. Dentro, no rancho de Fernão Dias, a scena é confrangedora. Tudo sombrio. Tudo acabrunhante. Pairam no ar dolencias que pungem. Garcia Paes véla á cabeceira dum catre. Borba Gato, a um canto, tem a cabeça fincada entre as mãos. Mortiço, o candieiro de azeite põe tonalidades funebres no ambiente.

No catre, o aspecto revolto, debate-se allucinadamente um velho. O velho é escaveirado e livido. O suor borbulha-lhe grosso na testa. Tem as barbas emmaranhadas. O cabello empastado. Só o olhar, limpo e agil, lampeja-lhe com fogo nas orbitas cavadas.

Alli está, naquella ruina, o visionario epico das esmeraldas. Alli está, comido de maleitas, o bandeirante paulista. Alli está Fernão Dias Paes Leme.

Sete annos de sertão ! Sete annos a romper mattos ! Sete annos a vadear aguas, a espingardear bugres, a vencer feras, a amordaçar levantes, a tarrafear lagôas, a cavocar morros...

Sete annos ! Agora alli, no rancho, dentro da paulama devoradora, o Governador das Esmeraldas estorce-se esqueletico entre os trapos do leito. Vae morrer.

Fernão Dias delira. A febre accende-lhe fantasmagorias no cerebro. Esbrazeia-o. Revoluciona-o.

Eis que, num assômo, senta-se elle agoniado no catre. Arregala desmedidamente os olhos. Os labios tremem-lhe. Ergue no ar o braço cadaverico. Magro, os dedos brancos, Fernão aponta no vago, com horror :

— D. Rodrigo de Castel Blanco !

Garcia Paes sae ás pressas. Vae buscar a cuia de beberagem. Volta. Leva-a com carinho aos labios do pae. Fernão Dias arrebata a cuia das mãos do filho. Arremessa-a, furioso, con-

tra o vulto imaginario que o delirio põe deante delle :

— E' o castelhano ! O ladrão ! Agarrae o ladrão ! Agarrae ! As esmeraldas são minhas ! Minhas ! Minhas !

Cala-se de repente. Ha nelle como um quebramento de forças. Os braços pendem-lhe. A cabeça tomba. Mas é um minuto só. De golpe, inteiriçando-se, o velho franze o cenho :

— E as esmeraldas? Onde estão as esmeraldas? Trazei as esmeraldas ! Eu quero as esmeraldas ! Eu quero as minhas esmeraldas !

E esbraveja. E grita. E espuma.

Garcia Paes traz-lhe docemente as esmeraldas. Abre a sacola. Fernão Dias contempla com soffreguidão as pedras verdes. Apalpa-as. Aperta-as. Aperta-as ao peito. Aperta-as com desespero, freneticamente, como se quizesse afincal-as dentro do coração !

Cae de novo na prostração. O busto arqueja-lhe. Respira com esforço. Vagueia por tudo, ás tontas, o olhar febrento. Eis que enferrusca. Bota no filho olhos colericos. E com a voz dura, o gesto aspero :

— Comei !

Garcia Paes é brando de genio. Ouve aquillo, apunhalado. O desvairo do velho punge-o. O filho sente as lagrimas subirem-lhe aos olhos.

— Miseravel ! Comei a passóca ! Já ! Veneno? Ah, veneno?

Levanta-se com furia. Salta do catre. Os dois sertanistas correm a elle. Tentam subjugal-o. Em vão ! O doido tem forças descommunaes. A demencia reteza-lhe os musculos. Fernão Dias engalfinha-se nos dois homens. Braceja. Lucta. E, violentissimo, com bruto sacolejão, o bandeirante louco atira longe os dois sertanistas.

Caminha aos cambaleios até a porta. Caminha agarrado á sacola das esmeraldas. Na soleira do rancho, o velho estaca. Revolto, as barbas ao vento, ordena o fantasma impressionante :

— Trazei a corda ! Depressa ! E a figueira? Onde está a figueira ? Amarrae a corda na figueira...

Formidavel, a carranca fechada, Fernão exclama sanhudamente :

— Suspendei-o !

Fóra, na noite sertaneja, os peões têm as fogueiras accesas. Ninguem dorme. Os homens rondam, como queixadas, a toca funebre

— Como o ceo está cheio de esmeraldas!

do bandeirante. Aquelles caboclos encoscorados, á luz vermelhaça das fogueiras, contemplam espavoridos, os cabellos no ar, o ancião tragico, commovedoramente desvairado, que gesticula a esmo na porta do rancho.

A noite é bella. Noite de sertão, tropical. Todas as estrellas estão pregadas lá em cima, faiscando. O doido corre o olhar inconsciente por tudo. De subito, ergue os olhos para o céu. O ancião estremece. Desannuvia-se. Fita, com volupia, o largo céo brasileiro fuzilante de pedraria accesa. Esboça um sorriso alvoroçado:

— As esmeraldas! Olhae as esmeraldas! Como o céu está cheio! Onde estão as tarrafas? Vamos tarrafear aquellas esmeraldas!

Brusca alegria sacode-o. O velho ri. Ri ás tontas. Ri, com os olhos cravados nas estrellas que chispam no alto.

— São minhas! Minhas! Minhas!

De repente o doido se encolhe. Agacha-se. Arma um pulo...

Pobre louco! Quer, o desvairado, attingir o azul que faisca! Quer, o sonhador, tocar as estrellas do céo!

Fernão Dias, no seu delirio, ergue-se com impeto: salta!

Mas o esforço é demasiado. O velho cae. Cae de borco no chão, pesadamente. Cae com a sacola das esmeraldas. Está agarrado a ellas com furia, freneticamente, como se quizesse afincal-as dentro do coração!

Os sertanistas precipitam-se para o velho. Fernão Dias não se move. Sacodem-n'o. Gritam. Fernão Dias não responde. Borba Gato bota-lhe o ouvido na caixa do peito. Ausculta-o. Torna a auscultal-o com ancia. Nada!

Borba-Gato levanta-se, desalentado. Aponta, com lagrimas nos olhos, o corpo inerte no chão:

— Está morto!

Morto? Os caboclos ouvem a phrase desoladora. Contemplam, tombado, o largo vulto do bandeirante. E' um jequitibá por terra.

Morto? Os caboclos descobrem-se. Ajoelham-se. Funda angustia aperta a todos.

— Morto!

Pelo acampamento, dolorosa e fulminadora, vôa como um relampago, a palavra tremenda:

— Morto!

. . . .

. . . .

Sim, Fernão Dias, morreste! Morreste com as tuas esmeraldas. Morreste, Fernão Dias, com as tuas esmeraldas afincadas no coração. Mas ai! para felicidade tua, não soubeste nunca, a verdade terrivel: as tuas esmeraldas eram falsas! Sim, Fernão Dias Paes Leme, as esmeraldas que enchiam a tua sacola, não eram esmeraldas: tu não attingiste, pobre bandeirante, as pedras verdes! O teu sonho, visionario rustico, foi apenas um sonho de louco: tu não tocaste as estrellas do céu...

Borba-Gato

Quasi noite. Num rancho de bandeirantes abandonado no matto. Naquelle mesmo rancho em que Bocca Negra, certa vez, contara a a historia dos "cabeças-pretas." Dentro delle, tres viajantes : D. Rodrigo, Ruy Vilhena, Angela. Vinham elles de longe. Vinham, desde a fuga, varando o sertão num atropelo.

Dias e dias, vagaram os viajantes desnorteados. Não sabiam onde ir. Foi um vagabundear tonto atravez da paulama. Só depois de durissimas canseiras é que acertaram com o rumo. Desciam agora para S. Paulo. Nessa noite, como

topassem o velho rancho conhecido, iam pernoitar ahi, dentro da mattaria.

E Angela?

O apparecimento de Angela, naquella madrugada da festa grande, assombrara os dois europeus. Os homens viram-n'a surgir como num pesadelo. Não queriam acreditar. A presença de Angela estuporara-os.

— Vós, Angela? Aqui? Como? Como?

Angela contou-lhes as peripicias do seu romance. Reviveu a expedição de Lopo Urias. A viagem. A descida do Amazonas. O acampamento na barranca do rio. O ataque dos indios. . .

— No meio da carnagem, emquanto os bugres espedaçavam os tripulantes, um dos selvagens agarra-me pelos cabellos. Arrasta-me. Nisto, não sei como, incomprehensivel tiro vara o indio de lado a lado. O selvagem rola por terra. . .

— Fui eu, exclama Ruy Vilhena, com vivacidade ; fui eu que derrubei o bugre com o meu trabuco.

— Vós, Ruy?

— Sim, Angela ! Quando os selvagens cahiram sobre o acampamento, eu, na confusão,

corri espavorido para o matto. Ahi, atráz duma arvore, avistei o selvagem que vos arrastava pelos cabellos, Não me contive ! Bati fogo : deitei-o abaixo com um balasio. E fugi. . .

— Ah, o destino ! exclama Angela ; vede, Ruy Vilhena, o capricho da sorte : esse bugre que matastes, era o filho mais velho de Vuturuna. O bugre de mais fama da tribu ! Vuturuna quasi enlouqueceu. Passou dias uivando na sua oca. Bocca-Negra, vendo aquella dor, partiu á cata de brancos para a vingança. Eu fiquei na tribu como prisioneira. . .

— Mas esses brutos, toda a gente sabe, matam os prisioneiros para comer. Como é que não vos mataram, Angela?

— Como é que não me mataram? Por isto só : os indios não matam nunca as mulheres. Isso é usança velha. Usança que não quebram por coisa alguma. Elles matam e comem os prisioneiros de guerra ; mas as prisioneiras, jamais. Eis porque, sem me molestarem, apenas vigiada, fiquei eu na taba de Vuturuna.

— E' espantoso !

— Pois foi o que succedeu. Fiquei eu na taba, á espera de Bocca-Negra. Vós bem imaginaes a ancia em que eu vivi ! O meu desespero

por ver europeus ! Mas Bocca-Negra não voltava. O bugre nunca mais deu signal de si. Passaram-se annos e annos. A tribu ficou na certeza de que Bocca-Negra morrera. E eu tambem. Não pensei mais em livrar-me. Livrar-me como? Impossivel. Era morrer alli, naquelle captiveiro. Tratei de viver bem com os selvagens. Aprendi a lingua delles. Os costumes. Coisas de caça e pesca. E ia vivendo. Ganhei-lhes a confiança. Era eu quem lhes preparava os bolos de cariman e a farinha de piquiry.

— E europeus? Nunca appareceram europeus por aqui?

— Nunca ! Isto aqui é sertão fundo. E' lugar barbaro. Nunca, desde que estou aqui, vi outra gente a não ser bugres. Imaginae, pois, a minha surpreza no dia da festa-grande ! Imaginae o meu pasmo ao avistar o Bocca-Negra! Imaginae a minha emoção quando eu vos reconheci, D. Rodrigo ! E a vós, Ruy Vilhena !

Os homens escutaram enternecidos. Tinham os olhos molhados. O coração batia-lhes descompassado no peito.

— Quasi morri de commoção, meus amigos, quando entrei na oca e vos encontrei a ambos conversando ! Conversando em portuguez ! Que

momento! Momento cruel, D. Rodrigo. Cruel, sobretudo, porque sabia a sorte que vos aguardava. Não vacillei: emquanto a festa-grande estrugia, determinei fugir comvosco. . .

A felicidade de D. Rodrigo! Ah, encontrar Angela de novo! O professor de Groninga não cabia em si. Quasi endoideceu! O homem exquisito, o casmurro, realizara emfim o seu grande sonho de coração! Tonto de gosto, o sabio atirou-se perdidamente aos braços da noiva. E foi alli, dentro do sertão, num encontro soffrego de labios — o beijo mais quente, mais furioso, mais embebedante que já trocaram boccas humanas! A aventura alagava-os. Tiveram ambos o seu dia maximo.

Principiou, atravez do matto, curioso noivado rustico. . .

Os viajantes tocaram-se pela mattaria. Andaram, andaram. Quanto tempo? Não podiam dizel-o. Só sabiam elles que, depois dum vaguear desesperado, alcançaram emfim, naquelle pôr-de-sol, o velho rancho abandonado.

Cahira a noite. Dentro, os fugitivos accenderam o fogo. Conversavam em torno delle. D. Rodrigo commentava:

— E Fernão Dias? Que será feito da bandeira?

— E' verdade, exclamava Ruy Vilhena ; que será feito da bandeira? E as esmeraldas? Teria o paulista descoberto as pedras?

Nisto, erguendo-se, Angela fez a ambos um signal rispido :

— Psiu !

Calaram-se. Vinham de longe ruidos extraordinarios. Não os sentiam os europeus. Angela distinguia-os bem.

— Ouço rumor de passos, diz ella baixo. Ha gente andando pelo matto. . .

Os homens ergueram-se. Quem será? Puzeram-se á escuta. Angela tinha razão. Os ruidos foram se encorpando. Avolumaram-se. Destacaram-se. Não havia duvida : eram rumor de passos. Ruy Vilhena aperreou o gatilho. Postou-se á porta do rancho. Ficaram todos á espreita, inquietos.

Não esperaram muito : extranho vulto surdiu logo da escuridão do matto. Ruy Vilhena berrou, o trabuco em punho :

— Quem vem lá?

Retumbou, no silencio, uma voz mascula :

— E' de paz !

Immediatamente, á entrada do rancho, appareceu um homem. Vinha hirsuto, barbaçudo,

vestido de couro. D. Rodrigo e Ruy Vilhena, ao vel-o, bradaram juntos :

— Borba-Gato !

E o sertanejo :

— Vós, D. Rodrigo? Vós, Ruy Vilhena?

Era Borba-Gato. Era o genro do Governador das Esmeraldas. Os europeus precipitaram-se para elle. Abraçaram-n'o. Que festa ! O apparecimento do bandeirante alvoroçou-os. Grandes jubilos no rancho. Rodearam-n'o. Crivaram-no de perguntas.

Durante a noite inteira, sentados ao redor do fogo, os homens contaram-se reciprocamente as aventuras da viagem.

— Então, D. Rodrigo, em vez da terra desapparecida, viestes encontrar a noiva na America?

— E' como vedes, Borba-Gato ! Não descobri a Atlantida; mas descobri a minha Angela...

E riram-se todos.

— Mas vós, Borba-Gato? Que fizestes vós depois da morte de Fernão Dias? Porque não tornastes a S. Paulo?

Borba-Gato annuviou-se. A subita alegria daquelle encontro apagou-se, bruscamente.

Em torno do brazido, na noite morta, o sertanista narrou então aos amigos a sua tragedia :

— O meu caso é triste. Aqui, como me vedes, estou eu fugido, amigos !

— Fugido? Vós, Borba-Gato?

— Eu ! Estou aqui, no sertão, fugido á justiça do rei : sou criminoso de crime grande !

— ? !

— Vou contar-vos a historia.

Borba-Gato, no rancho, áquella hora morta, contou isto :

— Vós bem sabeis que D. Rodrigo de Castel Blanco veiu do reino para descobrir as esmeraldas. Injustiça e ingratidão do rei. Mas que fazer? O homem veiu. Veiu e metteu-se na nossa rota. Foi quando Fernão Dias descobriu as pedras. A noticia echoou logo no acampamento do castelhano. O homem enviou, no mesmo dia, um emissario ao Governador. Sabeis para quê? Para pedir a D. Fernão que não mandasse as pedras ao rei ! Que esperasse, a elle Castel Blanco. Que elle veria as pedras. Que elle as examinaria. E que elle, depois, avisaria o rei... Fernão Dias já tinha morrido. Fui eu que li a carta. A coisa dizia assim.

Vede !

Borba-Gato leu a carta de D. Rodrigo de Castel Blanco a Fernão Dias.

"... chegado aqui me disseram que v. s. tinha descoberto as esmeraldas. Dou-lhe repetidos parabens por esse serviço que v. s. tem feito á corôa.

Mas eu fôra de parecer que v. s. NÃO FIZESSE AINDA AVISO A' CORTE, até que nos avistemos. E' bom que veja eu as pedras. Veja se tem aquelle fineza que se necessita para o seu valor. DEPOIS FAREI EU AVISO A CORTE.

. . . .

De V. S. su serbidor (beso las manos de Vuestra Senoria)

D. Rodrigo de Castel Blanco."

— E' extraordinario Borba-Gato! Que é que queria D. Rodrigo?

— Queria enfeitar-se com o nosso trabalho! Queria mandar dizer ao rei que fôra elle, e não Fernão Dias, o descobridor das pedras! Aquillo enfureceu-me. Que desaforo! Tive vontade de esganar o hespanhol.

— E com razão!

— Mas não ficou só nisso. Certo dia, com espanto nosso, rompe no acampamento esta noticia tremenda : D. Rodrigo de Castel Blanco havia se apoderado do saquinho das esmeraldas ! O portador, diziam, encontrara-se com D. Rodrigo, e, ao envez de entregar as pedras á Camara, entregara-as ao castelhano. Não me contive, D. Rodrigo. Chamei a Garcia Paes e disse :

— Ficae ahi a cuidar do morto. Levae os ossos a S. Paulo, que Fernão Dias sempre quiz ser enterrado na sua terra. Eu vou, com a bandeira, á cata do castelhano.

Sahi pelo matto com o resto dos homens. Fui direito ao acampamento de Castel Blanco. Alcancei-o. O perro, D. Rodrigo, tinha atrevimentos : mandou-me dizer que fosse prestar obediencia a elle ! Vede um pouco ! Prestar obediencia a elle, porque elle, o castelhano, era o representante do rei e o Governador de todo o sertão ! Retruquei logo que eu não vinha alli para prestar obediencia a ninguem. Eu vinha alli para saber das pedras : que o castelhano dissesse onde estavam ellas, sinão eu, com os meus homens, espingardeava no mesmo dia o

acampamento delle. O Castel Blanco marcou encontro commigo para clarearmos o caso.

O encontro era no alto do espigão. Fui. Os meus homens ficaram dum lado ; os do castelhano do outro. Avançamos os dois. Ficamos frente a frente.

Eu fui dizendo logo :

— Onde estão as esmeraldas, D. Rodrigo?

O castelhano tornou, azedo :

— Não vim aqui para vos responder, homem ! Sou eu o Governador do sertão. Vós é que tendes de prestar contas a mim, D. Borba !

— Enganado estaes, dom castelhano ! Fernão Dias é morto. Não tenho, pois, que dar contas a ninguem. Quem manda, no sertão, é quem é mais homem. Por isso vos mando eu que presteis contas a mim das esmeraldas de Fernão Dias!

— Sois facil de lingua, moço !

— Deixemos de palavras, dom ! Nada de bravatas. Dizei-me aqui : onde estão as pedras?

O castelhano irou-se. E bradou com furia :

— Não respondo a perros como tu, hombresito. . .

— Não me respondeis, castelhano do inferno, porque roubastes as esmeraldas. . .

Borba-Gato

— Quê?

— Sim, roubastes as pedras ! Ouvistes bem? Sois ladrão, D. Rodrigo ! Sois ladrão !

O castelhano leva a mão á espada. Eu salto sobre elle. Esbofeteio-o. Na minha colera, agarro o castelhano e ergo-o no ar: arremesso-o com furia pelo despenhadeiro ! O homem cae lá em baixo numa poça de sangue, morto.

— Matastes o enviado do rei, Borba-Gato?

— Matei, meus amigos ! Matei-o por desgraça minha !

Cahiu no rancho pesado silencio. Matar o enviado do rei ! Todos comprehendiam bem a gravidade do crime. Todos contemplavam, com o coração apertado, o bravo moço impetuoso que vinha pelo matto, barbaçudo e hirsuto, fugido á colera das justiças. Mas Borba-Gato tinha animo. O bandeirante era intrepido.

— Isso é da vida, senhores. Foi destino meu acabar com o homem. Que fazer? Paciencia ! Agora vou afundar no sertão. O sertão esconde bugre e onça; ha de esconder tambem o matador do castelhano !

Nessa madrugada, o paulista partiu sosinho, destemerosamente, pela selvatiqueza da terra. Mergulhou no sertão.

Durante trinta annos, trinta annos romanticos e bravios, Borba-Gato devassou impavido a mattaria selvagem. Poz-se á frente de aventureiros nomades. Formou bandeiras. Invadiu com ellas o Brasil. Levou longe os limites da colonia. Descobriu minas. Povoou terras. Ergueu aldeiamentos. APAULISTOU o sertão. Tanto, tão alto reboou o seu nome, que o rei, ao cabo desses trinta longos annos, perdoou-lhe o crime. Honrou-o. Deu-lhe, para galardoar-lhe a velhice, o titulo retumbante de GENERAL DO MATTO.

O Fim

E' em S. Paulo. E' naquelle mesmo igrejó de taipa, humilde e tosco, que Fernão Dias erguera em honra do monge santo.

A nave está atulhada de povo. A cidadezinha inteira accorreu, alvoroçada, ao officio funebre do dia. Não falta alli sertanista de pról. Nem povoador velho. Nem potentado em arcos. Nem homens-bons. Nem personagens de autoridade nas coisas da republica. Veiu tudo. Veiu tudo em grande luto, compungidamente.

Destaca-se, no meio da turba, bella mulher de fronte altiva. Está rigorosamente vestida de preto. Tem os olhos vermelhos. E' a

encarnação viva da dor. Mas ha, mesmo naquella dor, certa arrogancia serena, que a ennobrece. Nada de prantos derramados. Nada de desolações barulhentas. Ha nella, emmoldurando-a, como que um tranquillo orgulho da sua magua.

Quem é a dama? E' D. Maria Garcia Rodrigues Bettim. E' a esposa de Fernão Dias. Veiu, com a cidade, assistir ás exequias do marido.

Garcia Paes, o filho modelar, recolhera piedosamente os ossos do paulista. Mettera-os numa urna funeraria. E botara-se, atravez do sertão, por centenas de milhas asperas, a cumprir a vontade ultima do pae: ser enterrado em S. Paulo, na pobre igrejinha de S. Bento, que elle proprio edificara.

Garcia Paes, moço brando e doce, não viu penas e nem trabalhos. Poz-se a varar a mattaria com supremo devotamento filial.

No rio das Velhas, a canoa naufragou com a urna. Garcia Paes ficou-se alli, semanas a fio, a mergulhar pacientemente na correnteza brava. Pesquisou o rio palmo a palmo. Sondou tudo.

Conseguiu, depois de tremendas fadigas, topar com o deposito sagrado. E lá veiu, rio abaixo, a caminho de S. Paulo, fazer o pae dormir o grande somno na terra nativa.

Naquelle dia, pela primeira vez, assistiam os paulistas a exequias solennes. Os monges timbraram em agasalhar, com a grandeza funebre do ritual, os restos do bandeirante epico, o seu proctector e o seu melhor amigo.

A igreja transbordou. Os sertanejos, boquiabertos, tinham olhos tontos naquellas pompas. Foi um deslumbramento!

Terminara o officio.

Na capella-mór, sob o altar, está aberta pequena galeria abobadada.

E' a hora do enterro.

O povo apinha-se, tumultuoso, em torno do altar. D. Maria Bettim e Garcia Paes pegam nas alças da urna. Ambos, a passos lentos, com gravidade, encaminham-se dolorosamente até a galeria: depositam nella, dentro da terra paulista, os ossos de Fernão Dias Paes Leme.

Vae-se fechar o mausoleo. Cae o silencio dos grandes momentos. Nisto, alçando a vóz, o jesuita Antonio Rodrigues, reitor do collegio, diz, com alma e flamma, um adeus commovedor ao velho paulista.

O padre fala com quentura. A sua palavra rebôa largo:

. . . .

. . . . . dia virá, devastador de sertões, em que o Brasil gritará alto a tua gloria! Dia virá, homem de ferro, em que as gerações sentirão, nitido, a epopeia da tua jornada! Dia virá em que os homens comprehenderão, em toda a sua grandeza, a formidavel obra de desbravamento que realizaste! Foste tu, bandeirante intrepido, que rompeste os mattos, que talaste a terra, que venceste os morros, que vadeaste as aguas, que abriste picadas, que levantaste acampamentos no ermo, que ergueste cidades: foste tu, paulista de raça, foste tu o que subjugaste o sertão! Pouco importa que as tuas pedras não fossem verdadeiras. Sim, tu não descobriste as esmeraldas; tu fizeste mais, Fernão Dias Paes Leme: tu descobriste o Brasil"

. . . .

Assim passou Fernão Dias. Assim passou o Caçador de Esmeraldas. Assim passou o mais galhardo dos bandeirantes paulistas.

*
* *

No outro dia, naquelle mesmo igrejó de S. Bento, duas pessoas ajoelhavam-se risonhamente deante de padre Estevam. Padre Estevam, o velho companheiro da nau S. Cruz, estava de passagem por S. Paulo. O jesuita, com o roquete branco e a estola branca, perguntava a ambos, segundo o rito :

— D. Rodrigo Teves de Alarcão : é de vossa livre e expontanea vontade casar-vos com a Senhora D. Angela Ruiz, assim como manda a Santa Madre Igreja?

— E', padre !

— Senhora D. Angela Ruiz : é de vossa livre e expontanea vontade casar-vos com D. Rodrigo Teves de Alarcão, assim como manda a Santa Madre Igreja?

— E', padre !

Um só homem, ao lado, assistia áquelle acto singelo. Era Ruy Vilhena. O aventureiro, com os olhos molhados, testemunhava alli, na igrejinha tosca, o outomniço casamento de Angela com o casmurro descobridor da Atlantida. . .

F I M

Prefacio 9
A terra das maravilhas 13
A toca das onças 25
O Reino de Manoa 39
O bastardo 56
Fernão Dias 69
A terra desapparecida 80
Os Pires e os Camargos 91
Vae, bandeirante 106
Dentro do matto 116
O Alma-Negra 131
O Caraiba velho 150
Mathias Cardoso 167
A cuia de passoca 183
As aguas da Vupabussú 196
As "Festa Grande" 209
Borba-Gato 235
O fim 249